

bas, e ser um grande Latino. Todos os dias se-oferecem duvidas na quantidade delas, aos omens doutos: principalmente naquelas palavras, que tem origem Grega: na qual lingua o *O*, e *E* sam de duas fortes, breves, e longos. Este rigor é censuravel. deve-se praticar outro estilo.

Acho ainda mais outro inconveniente, para saber Latim, praticado nas escolas: que é, compor muito naquela materia, que intendem mui pouco. Um pobre estudante ainda nam intende Latim, e ja lhe-dam varios temas, que sam certas orasoens vulgares, para traduzir na lingua Latina. ou dam a orasam Portugueza, com partes Latinas; ou uma sentença Latina, para eles a-dilatarem, e provarem. Mas um e outro metodo, é um erro maficho. Que coiza boa á-de fazer um rapaz, que ainda nam sabe Latim? Dar as partes conrespondentes ao Portuguez, e obrigar o estudante, a que se-sirva delas em uma orasam longa; é o mesmo que querer, que ele siga os despropozitos do-seu mestre. Ainda quando o estudante acertáse com tudo, nam acertaria com os idiotifimos, isto é, com os modos de falar, que sam proprios da-lingua Latina: e falaria Portuguez, com palavras Latinas. Pode-se permitir o dar as partes, em uma breve orasam; e isto a um rapaz que começa: mas nam se-deve obrigar outro mais adiantado, a seguir tal metodo.

Devia o mestre ensinar ao dicipulo, compor bem uma orasam Portugueza breve, uma carta, um comprimento, ou coiza semelhante. Para isto tem o estudante, toda a facilidade posivel, porque o-faz em uma lingua que sabe; e na qual o mestre pode claramente mostrar-lhe os erros. Quando o estudante soubése fazer isto bem, entam lhe-aconselharia, que a-convertése em Latim, deixando-lhe toda a liberdade da-compozisam. Emendados os erros de Gramatica, se os-ouvèse, emendaria os erros da-lingua: e lhe mostraria, a diferenca que á, entre estas duas linguas: e a diversidade que aparece, entre escrever segundo as regras de Gramatica, e segundo o estilo da-boua Latinidade. Mas nisto procederia com advertencia. Primeiro, nam procuraria que escrevesem, senam em estilo familiar e facil. despois segundo o adiantamento que tivesem, passaria aos argumentos ou asuntos mais difficultozos; os quais explicaria muito bem. Desta sorte, acompanhando a tradusam com a composisam, facilitaria muito o estudo, e conseguiria promptamente o intento.

Deste estilo rezultariam muitas utilidades. Princiramente, fariam os omens da-escola, nam só sabendo a lingua Latina, mas tambem a sua. E' lastima, que omens que pasáram tantos anos, nas escolas pequenas, e grandes; omens que estam oje ensinando a outros, e ocupam cargos de Letras, e Politica; nam saibam escrever uma carta! Pois isto é coiza, que succede todos os dias. Eu me lembro, que V. P. se queixou ja disto: e me disse, que achava muitos Religiozos, que tinham o mesmo defeito: e reconheceo comigo, que a origem destes danos era, a que aponto. Come-

tem-se mil erros de Gramatica, na propria lingua, e infinitos de Ortografia. Preparam-se muitos para escrever uma carta, como para fazer um ato publico. Procuram palavras bem dezuzadas, ou estrangeiras; e verbos que nam á no mundo. É com isto compoem uma carta, sumamente afetada, e de um estilo, que é mais declamatorio, que epistolar. Estes sam os que sabem mais: e os que sabem menos, pedem a estes, que lhas-componham. E tudo isto provem, de nam terem uzo de compor na sua lingua: e de nam terem quem lhe-ensine, qual é o estilo de Carta, qual o de Orasam: e nam aver uma alma cristã, que lhe-perfuada, que a afetajam deve-se evitar, em todos os generos de eloquencia, mas muito principalmente, no-estilo familiar.

A segunda utilidade é, sobre a intelligencia da-lingua Latina. Um rapaz que de sua cabeça escreve uma carta, ou cumprimento, ou oferecimento Portuguez, com palavras proprias; ja sabe, o que á-de dizer em Latim: só lhe-falta, ter as palavras Latinas, para as-colocar. A isto pois deve suprir o mestre. Suponho, que lhe-tem ja ensinado a Gramatica: e tambem a traduzir de Latim, em Portuguez, para intender os termos: e supondo estes principios, facilmente o rapaz intenderá, quais sam as palavras, de que á-le uzar: ou ao menos será facil ao mestre, mostrar-lhas. Eu no principio seguiria esta regra. Comporia diante dele em Latim, parte da dita carta, ou toda: e lhe-daria a razam do-que fazia: explicando-lhe, porque uzo daquele verbo, e nam de outro: porque uzo daquela fraze, mais doque outra. Capacitando-o, que a todas as palavras Portuguezas, nam pode conresponder uma Latina: mas é necesario uzar de *perifraxe*, ou rodeio de palavras, para as-poder explicar. Este é o defeito que nós achamos, no metodo de dar as partes: porque nam conrespondendo elas sempre umas a outras, por-forsã á-de sair uma embrulhada. Sabido tudo isto darlheia a incumbencia, de escrever á dita carta em Latim, sem lhe-mostrar, a que eu tinha composto: e pedir-lheia a razam, de tudo o que tinha feito.

Alem disto, com este metodo aprende-se o que significa, escrever Latim com propiedade. Um mestre que se-contenta, com a Arte do-P. Alva- res, e com a noticia do-Dicionario do-P. Bento Pereira, nam sabe distinguir entre muitos sinonimos, qual é o proprio, para o que quer explicar. Figuro um exemplo. Tenho necessidade de uzar, do-Verbo *Pedir*; para isto ocorrem logo mil Verbos: *Postulo, Posco, Peto, Flagito, Efflagito, Oro, Rogo, Precor, Obsecro*, e alguns outros. Quem sabe pouco, intende que sam rigorozos sinonimos; e nam tem dificuldade, de servir-se indiferentemente de todos: mas quem sabe mais, conhece que nem todos o-sam: podem que alguns daqueles Verbos, significam mais, ou menos. v.g. *Postulo* significa pedir aquilo, que se-me-deve: *postulare jure*. *Flagito* significa pedir com instancia; e injuriozamente. *Efflagito* pedir com grande instancia; e acrescenta sobre *Flagito*, alguma coiza. O mesmo dos-outros com sua pro-

proporçam. Do-que fica claro, que querendo eu explicar, que posso com instancia; direi muito mal: *Vehementer postulo. cum clamore & magna instantia obsecro.* basta que diga, *Flagito* O mesmo digo, em diversas outras materias. Isto nam ensina o Alvares, nem o Pereira: mas isto deve ensinar o mestre, mostrando ao estudante, quais são os vocabulos proprios, para explicar o que quer. Desta sorte acostuma-se o rapaz desde o principio, a servir-se de termos proprios, e frases naturais à Lingua: E com isto insensivelmente toma o gosto da-boua Latinidade, e da-sua mesma lingua: e aprende as leis da-Tradução, mui necessarias a quem á-de ler, e servir-se de autores estrangeiros.

Dirmeá V. P. que eu peso muito: e que isto nam é facil, praticálo nas escolas: porque nem todos os mestres, tem a erudição que aponto; e nem todos os estudantes, são capazes desta doutrina: E eu respondo, que nam á coiza mais facil de se-executar. Ponha-me V. P. nas escolas outra Arte: um bom Calepino dos-modernos, reduzidos à grandeza do Dicionario do-P. Pereira; que tudo se remedeia. Estas duas coizas são fundamentalmente necessarias. A Arte comua, ensina muita coiza má: e a Prozodia, tem muito erro. Nam distingue as idades dos-vocabulos: mas com uma simplicidade estrelinha quer, que nós suspeitemos mal de tudo o que dezagradou ao corretor: o qual ás vezes erra, como ouvi queixar os mesmos Jezuitas. Alem disto, desterra da-Latinidade muitos nomes, que são latinos; e introduz outros, puramente barbaros. Nam explica a força das-vozes: nem mostra com exemplos, os significados proprios, e figurados de cada palavra: alem de muitas outras coizas, que se-podem notar, E assim seria necessario, compor um Dicionario pequeno para os rapazes; ou servir-se de algum estrangeiro. v.g. o de Danet, ou ainda melhor, o que ultimamente se-compoz em Turin, por-ordem d'ElRei de Sardenha, para uzo das-escolas: que são dois tomos in 4. Italiano e Latim, Latim e Italiano: e traduzir as palavras Italianas em bom Portuguez. Estabelecido isto, conheço eu entre os doutisimos Jezuitas, mosos de toda a erudição, e capacidade, proprios para executarem dignamente, este emprego. Comque, tire V. P. das-escolas, os que sabem pouco; e em seu lugar ponha estoutros: prescreva-lhe o metodo apontado: faça com que o executem sem epikeas, (como fez ultimamente o dito Duque de Saboia aos seus suditos, determinando-lhe o metodo, de ensinar Latim, e Leis &c.) e verá, com que facilidade se-reformam as escolas. Todos os estudantes, assim como são capazes de sofrerem, aquele mau metodo, com mais razão receberiam outro, que seja mais claro e facil, e seguiloam com mais boa vontade. O dano desta era consiste em quererem, que um estudante, que sabe pouco, e a quem nam ensinam a saber mais, mostre que sabe muito; e, para o-mostrar, componha muito. Eu nam peso tanto. Suponho que tem já, um bom ano de Gramatica, e que tem pasado parte do segundo ano, traduzindo

de Latim em Portuguez: onde nam me parece que peso muito, se quero que no-resto do-ano, se-empreguem em compor Latim, polo metodo que acima digo. Este tal estudante nam é noviso, mas adiantado; e pode com fruto aplicar-se a este estudo. Falando-lhe em Portuguez, e compondo polo metodo que aponto; muda-se de sistema. Nas escolas comuas sabe-se pouco, quando os-obrigam a compor: v.g. na quarta, e terceira, em que começam a traduzir de Latim, em Portuguez; nesa mesma classe, e no-mesmo tempo começam a fazer tema. E isto nam pode produzir bom efeito. Mas neste sistema, quando se-compoem, ja o negocio esta adiantado: e vai-se adiantando mais, com a dita composiçam.

Acha-se tambem outro inconveniente bem grande, nestas escolas, sobre isto da-composiçam; que é, obrigar os estudantes a fazerem, ou indireitarem versos rotos: e castigálos rigorosamente, se os-nam-fazem. desorteque ou sejam, ou nam aptos para a Poezia, todos ám-de fazer, o mesmo numero de versos. Mostra pouco intender de versos, quem pratica isto: porque nam é facil, obrigar o entusiasmo a que venha, quando quer o mestre. Mas o que mais é para rir é, que façam isto omens, que prezumem muito de ser poetas, e matam gente com as suas poezias. Falando com alguns mestres neste particular, responderam-me que o-faziam, para que os estudantes tivessem alguma erudiçam, dos-Poetas Latinos. Preguntei-lhe, que necessidade avia desta noticia: responderam-me: Que era necessaria, para a intelligencia da-lingua Latina. Poisque, continuei eu, quando V.V.P.P. entendessem bem *Cicero*, *Cezar*, *Cornelio Nepote*, *Livio*, *Paterculo* &c., e pudessem explicálos com facilidade, e escrever como eles; tinham medo de nam saber Latim; ou seria necessario, recorrer a eses Poetas? Aqui nam souberam que responder mais, doque recorrer ao costume, das-Universidades da-Europa. Mas eu, que nam queria deixar fugir a preza, pedi-lhe, que me-provassem, que nas Universidades, em que se-sabe ensinar, (avemos de concordar, que á algumas que seguem, o estilo de Portugal, aindaque mais moderado) explicavam os Poetas, só para intender a lingua: ou que obrigavam os estudantes, a que fizessem versos como eles. Aqui ficaram calados. É, na verdade, era difficil coiza, que quem nunca saíra de Portugal, ou nam tinha examinado com grande ateniçam, os estudos estrangeiros, discorresse fundadamente sobre eles.

Mas a verdade é, que nam á coiza mais contraria à boa razam, que esta pratica de fazer versos. Os omens nam tem capacidade igual; e nem todos sam capazes de tudo: antes às vezes acham-se mosos tam rudes, que difficultosamente podem intender o Latim. E como ám-de estes compor versos elegantes? Assentamos, que, para a intelligencia da-lingua Latina, é loucura, obrigar a fazer versos. O mais que podem fazer, e que eu nam reprovo, é, quando o estudante sabe bem a lingua Latina, mandar-lhe traduzir, alguns dos-Poetas antigos melhores, como *Lucrecio*, *Virgilio*, *Ovidio*, *Oracio*, *Catulo*,

zúlo, e algum outro: mas raro; porque nisto se-compreende o melhor. E isto para mostrar, as frases particulares dos-Poetas; e tambem o bom gosto da-lingua. sendo certo que alguns destes escreveram, com purissima Latinidade, como *Virgilio* nas *Georgicas*, e *Eglogas*: *Oracio* nas *Epistolas*, *Satiras*: *Ovidio* nas *Epistolas às Damas* illustres.

Quanto ao Verso, é querer perder tempo, obrigar os omens a fazêlos: e seria melhor, empregar aquele tempo, em coiza mais util. Ouviram omens doutifimos, e os-á presentemente, que nam sabiam fazer versos. No tempo de *Cicero* avia omens, que faziam versos, com grande facilidade, e insignes na dita profissam: e contudoiso estavam mui longe, do merecimento de *Cicero*. Este grande omem nam iguorava, o como se-faziam os versos: e com effeito alguns fez, cujos fragmentos ainda oje existem: mas o seu talento, e a sua maior propensam era, para a *Retoria*. Nam que eu julge, que os versos de *Cicero* sejam maos; como muitos ignorantes, e que querem falar do-que nam intendem, se-persuadem. Os versos de *Cicero*, principalmente os *Fenomenos de Arato*, sam tam elegantes e tam belos, como os de *Lucrecio*: nem eu acko diversidade sensível entre uns, e outros: e igualmente admiro ambos, principalmente olhando para a materia, sobre que compuzeram. Pois se todos admiram em *Lucrecio*, explicar com tanta naturalidade, coizas tam difficultozas, conservando a elegancia, e o espirito de Poeta; o mesmo louvor, e polas mesmas razoens, compete a *Cicero*: o qual com a frequencia de ler, e emendar *Lucrecio*, tinha aquistado a mesma facilidade, e estilo. Para conhecer o que nisto podia *Cicero*, basta lelo nas partes, em que nam é violentado, pola esterilidade da-materia. Nam sei se se-podem achar na Antiguidade, versos mais armoniozos, que os que ainda oje lemos, do-livro segundo do-seu *Consulado*. Este bocado samente mostra bem, na minha estimafam, o que *Cicero* podia. Nem obsta, que *Marcial*, *Juvenal*, *Quintiliano*, zombassem de um certo verso de *Cicero*: isto, como nota bem o doutifimo *Turnebo*. (1), nada prova. O que nam agradava no-tempo de *Augusto*: e muitos omens grandes, (como advertio um grande critico daqueles tempos) estimavam mais os Antigos, que outros bem nomados (2). Se em muitas partes, *Cicero* nam se-aiemelha a *Virgilio*, nem por-iso perde nada do-seu merecimento. Nem menos é semelhante *Oracio* nas suas *Satiras*, e *Epistolas*: nem em tudo *Lucrecio*; e com tudo sam famozos Poetas: e a naturalidade com que se-explicam, e

(1) *Adversar. l.7.c.19.*

(2) As palavras de *Furio Albino* citado por *Macrobio*, sam estas. *Nemo debet antiquiores Poetas ea ratione viliores putare, quod eorum versus nobis scabri videntur. Ille enim stilus maxime tunc placet: cuius laboravit*

atas secuta, ut magis huic molliori stilo acquiesceret. Itaque minime defuerunt, imperantibus etiam Vespasiani, qui Lucretium pro Virgilio, et Lucibium pro Horatio regerent. Petrus Cruiclus, de Poetis Latinis.

acomodam o verso exámetro, a tudo o que querem, é mais estimada, entre os criticos de bom gosto, do que a elevação de *Virgilio*. O estilo daquelle tempo pedia, grande naturalidade nas composições. E não falta quem censure *Virgilio*, em ser tam elevado e artificioso nos versos: no que alguma coisa se desvia de *Omero*. Contudo ninguém nega, que, se na *Eneide*, e *Georgica* observou bem o decoro; e sustentou a dignidade do argumento; nas *Eglogas* pecou muito, porque não observa a simplicidade natural no estilo pastoril: mas procura que falem os pastores, com toda a civilidade, e arrogancia de cidadãos: o que não é verosímil. Mas, tornando a *Cícero*, ficaria prejudicada a Republica de tam grande talento, se, pela Poesia, deixasse a Oratoria. Conheço aquelle grande homem o seu talento: cultivou-o: e faço aquelle oráculo, que entam venerou Roma, e oje admira o mundo. Esta, é uma grande lição para os Modernos, consultar o talento; e nunca violentar a natureza. Onde neste particular, deve-se consultar, a inclinação dos rapazes: e avendo-a, explica-lhe brevemente, as diferentes sortes de composições metricas: não os ocupando senão em assuntos brevissimos: deixando-lhe toda a liberdade no compor: mas emendando-os, e dando-lhe distintamente, a razão da emenda.

Até aqui tenho falado a V. P. em alguns abusos, das escolas deste Reino, que impedem saber a lingua Latina. Agora falarei nos requisitos, para a intelligencia da dita lingua: a falta dos quaes não se deve contar, entre os menores abusos: e também apontarei o modo, com que se deve regular, o estudo do Latim; e a eleição de livros, para o conseguir com brevidade. Parecerá um paradoxo, se eu disser a V. P. que, ainda observando tudo quanto afirmo digo, não se pode saber Latim, (não digo com toda a perfeição; porque uma lingua morta, não se chega a saber bem: mas sabê-lo no melhor modo possível) sem alguma noticia da Geografia, e Cronologia, e das Antiguidades, em que entram os costumes, a Fabula &c. e contudo, não a coisa mais verdadeira do que esta. Eu não quero sair do livro mais usual, que nas escolas se explica, que é *Quinto Curcio*. Nele occorem todos os momentos nomes, de Gentes, de Povos, Regiões, Cidades &c. fala-se de guerras entre Nascidos e Nascidos. E que conceito á-de formar do escritor, aquelle que o explica, se ele não sabe, se diz bem, ou mal? porque, ignorando a Geografia, não sabe, nem chega a compreender, em que parte do mundo, estejam as tais Gentes, se vizinhas, ou distantes. Como á-de o leitor intender, as conquistas de Alexandre, se ele não sabe por onde foi, que Nascidos venceu, que difficuldades superou? Além disso, succede muitas vezes, que esse escrito, que o estudante lê, se engana-se nos lugares: e isto entam é erro sobre erro, que o leitor não poderá decifrar. Não é isto caso metafizico, mas engano bem comum em muitos escritores. *Q. Curcio* enganou-se muitas vezes, por ignorancia da Geografia: *Plínio*, e alguns outros: como admiravelmente mostra o douto José Escaligero, nos Prolegomenos de Manilio. O mesmo *Manilio*, *Virgilio*, *Luca-*
no,

no, Floro erraram algumas vezes na Geografia, e podem causar o mesmo erro no-juiço, de quem for ignorante dela.

Dirmeá V. P. que este conhecimento, parece ser mais necessario, para nam se-enganar na leitura dos-autores, doque para intender a lingua: para a Critica, e nam para a Latinidade. Confesso, que para a Critica, é de indispensavel necessidade: mas o que digo é, que nam pode o estudante, intender com facilidade um autor, que trata a historia de um conquistador, sem a noticia dos-paizes de que fala: e nem menos o-poderá intender com gofio. Polo contrario, se é informado, aindaque superficialmente, desta noticia, percebe maravilhosamente o fato: facilita-se a intelligencia do-autor: e por-este meio a da-dita lingua. Um mofo, que ignora totalmente a Geografia, toma limpamente um nome de Cidade, polo de um Reino, e polo de uma Pelloa: e outros destes enganos, que vam acompanhados, da ignorancia da-lingua. Quem nam souber v.g. que Napoles, é nome de uma Cidade, e de um Reino juntamente; nam só confundirá os termos, mas tambem as coizas, que a ambas se-aplicam. E isto nam é somente dano da-Istoria, mas tambem impedimento, para a intelligencia da-lingua Latina. Acham-se alem diso muitas Cidades do-melmo nome, em Regioens bem distantes. v.g. a antiga Geografia mostranos na Azia muitas, com o nome de Alexandria, de Seleucia, de Ecbatana, e bem longe umas de outras. O que quem nam sabe, persuade-se, que se-fala somente de uma: e nam entende a materia de que se-fala. E destes exemplos, de que abunda muito a Istoria antiga, se colhe a necessidade da Geografia, ainda para a lingua. Seria coiza ridicula, que um omem lese *Q. Curcio*, para intender as palavras, e nam para o sentido da-Istoria: ou que sem a intelligencia desta, presumise que poderia alcançar, a propriedade das-palavras. Muito mais sendo certo, que com o socorro da-Istoria, se intendem muitas coizas, que sem ela é impossivel intender; e a intelligencia do-contexto abre a porta, para se-intenderem muitos nomes. E' bem vulgar aquele lugar de Lucano, (1) em que, falando dos Arabios, que saíram do-seu paiz, diz = *Umbras mirati nemorum non ire sinistras* =: o que, sem Geografia, é impossivel intender. Virgilio diz lá em certa parte (2): *Cers inimica mihi Tyrrenum navigat aquor* =: Como se-pode saber sem Geografia, que coiza é aquele mar *Tirreno*? quem a-ignora, pode-o tomar polo mar *Baltico*, ou *Etiopico*, ou *Pacifico*. De que vimos a concluir, que, alem do-sentido historico, a mesma propriedade das-palavras Latinas, nam se-alcança em varias ocazioens, sem Geografia.

Parece-me pois, que uma breve noticia da-Geografia, deve ser o preludeo, da-lisam dos-autores. A observasam das-principais Cidades, de que fala o autor, que se-á-de ler: das-viagens, que fizeram os conquistadores: os fins e limites dos-seus imperios: isto deve primeiro observase. Mas porque esta noticia seria de-minuta, se a-nam-unisem com a noticia, da-Geo-

(1) L.3.v.248.

(2) *Aeneid.* I.v.67.

grafia de toda a terra : deve-se aprender esta noticia brevemente em um Mapamundo : ajuntando-lhe a noticia da *Esfera Armilar* : das-divizoens do-Ceo , e da-Terra &c. O que com grande facilidade se-pode fazer : pois , como diz um omem douto , este estudo nam pede mais , doque olhos, e alguma memoria. Na esfera Armilar conhece-se , a dispozifam do-Ceo , respetivamente à Terra : no Globo , a dos-Reinos : e em uma carta particular , a da-Provincia , ou Reino de que se-trata. Advertindo , que quando se-falar em alguma Cidade , deve-se notar , de quais delas se mudaram os nomes antigos , em alguns modernos. Acham-se cartas , que apontam os antigos nomes , das-Cidades da-Grecia , e Italia : e estas sam , as que principalmente se-deveram notar , para intender os escriptores antigos , que falaram destas Regioens. *Sophianus* descreveo bem , a antiga Grecia : e *Cluverius* , a antiga Italia. E isto é precizo saber , comparando os nomes daquelas antigas Cidades , com os das-modernas ; e procurando nas cartas modernas , os sitios das-antigas Cidades , Muitas das-quais ja nam existem. *Celario* publicou um belissimo Compendio da-antiga Geografia , em 2. volumes de 4. Tambem compuzeram Introdufoens Latinas *Cluverio* , principalmente para a antiga ; e *Luitz*. Quem quizefe maiores noticias deveria ler , o *Petrus Bertius = Theatrum Geographia Veteris*. fol &c. e este mesmo autor compoz : *Veteris Geographia Tabula*. fol. &c. Este autor , que escreveo nos-principios do-seculo pasado , é famoso. Oje á muitos modernos , que escreveram bem , em Francez , ou Italiano. *Dupleffis* , e *Buffier* escreveram bons Compendios ; que temos oje nas ditas duas linguas. *Jacobo Ode* fez tambem um belo compendio Latino : e é mais moderno. Os Senhores *Sanfon* , e de *l'Isle* compuzeram cartas Geograficas , nam só de todas as partes do-mundo , mas especialmente , das antigas divizoens do-Imperio Grego , e Romano &c. E isto é o que deve fazer o mestre , e ensinálo quando é necesario : porque desta sorte , acostumando os rapares a buscar na carta , que deve ter na escola , a dita Cidade ; imprime-se a Geografia na memoria , como quem brinca.

Em segundo lugar entra logo a Cronologia, que nam é menos necessaria, para intender os autores , e fugir os *anacronismos* , ou confuzam de tempos. Nam é necesario nestes principios entrar , nas disputas , que á , sobre os principios dos-Reinos &c. isto é negocio , que pede grande estudo , e doutrina , e se-rezerva para outra idade. Basta apegar-se ao calculo mais recebido e comum , que poem a vinda de Cristo no-ano 4000. da-criasam do-Mundo : a que chamam o calculo de *Ufferius* , por-ser este autor , o que o explicou melhor. Aqui pois é necesario ler , em um breve compendio , a serie dos-tempos , desde o principio do-Mundo , até agora : notando os maiores sucesos , em que ano aconteceram : v.g. Diluvio de Noé , Vocasam de Abram , Saida dos-Ebrios do-Egito , Destruisam do-primeiro Templo de Jeruzalem , Vinda de Cristo , Paz da-Igreja &c. Especialmente deve notar o que importa , para a inteligência dos-autores , que quer explicar : e sempre que mudar de autor , deve-

deve notar, em que tempo escreveu, e de que tempo escreveu. para o que nam servem pouco, os Dicionarios Istoricos de *Hofman*, e *Moreri* &c.

Quanto aos Compendios de Istorica á tantos, que é superfluo, que eu aponte nenhum. Neste principio deve-se bulcar, o mais breve. Por-isto me-parece, que o *Petavio* é mui longo. o *Celario* é bom, mas tambem nam é curto. *Turfelino*, e alguns outros escrevem bem; mas em Latim. o *Bosfuet* parece-me melhor para o principio; e acha-se em Italiano, ou Francez. Tambem o *Valemont*, no-primeiro tomo, traz uma carta Cronologica geral, que pode bastar para o intento. E como este volume está traduzido em Portuguez, pareceme, que por-ele deve ler o estudante: e o mestre pode servir-se, de quaesquer dos-apontados acima, que sam dos-melhores. Em quanto nam aparece alguma istoria Portugueza, proporcionada aos rapazes, que estudam nas escolas: aos quais basta dizer, o que é somente precizo, sem tantos rodeios: o que me dizem está atualmente fazendo, um omem douto meu conhecido.

É superfluo que eu mostre, a confuzam que nace, no juizo dos pobres principiantes, por-falta de alguma noticia de Cronologia: e quanto podem errar, se derem credito a tudo, o que dizem os antigos escritores. Eles erraram em muitas partes, por-nam terem noticia dos-tempos: e para nós nam cairmos nos-mesmos erros, é que julgam todos os omens doutos, que sam necessarios, estes requizitos. Um omem que ouve falar em Alexandre Macedonio, e nam sabe, em que tempo ele floreceo; confundiloá com muita facilidade, com Alexandre Severo Imperador dos-Romanos. Filipe Macedonio, e Filipe Romano nam se-distinguem polo nome, mas polo diverso tempo em que floreceram. os dois Romanos tambem foram Reis de Macedonia: e a diversidade está, em que foram juntamente, Imperadores Romanos, e floreceram alguns seculos depois dos-primeiros. Esta confuzam se-aumenta, quando se-fala de omens do-mesmo nome, da-mesma Nasam, e talvez do-mesmo tempo. Ouveram alguns *Marcos Catoens*, *Marcos Antonios*, *Marcos Brutos*, *Marcos Valerios*, *Marcos Ciceros*, *Apios Claudios* &c. todos Romanos, e alguns contemporaneos. E quem nam distingue isto, nam pode formar conceito das-coizas. Isto suposto, alguma tintura de Cronologia é necessaria, para intender a Istorica: e, sem a inteligencia desta, nam se-pode intender o Latim, dos-que escreveram nesta lingua.

Para facilitar este estudo é grande segredo, ter em caza uma carta Cronologica, de que se-tem feito algumas Latinas, em duas folhas grandes de papel. Acham-se umas tiradas das-olras do-P. *Petavio*, Latinas: estas, com a diferenca de poucos anos antes de Christo, uniformam-se com as de *Ufferius*. O *Delfini* fez umas em Roma, segundo a Cronologia do-*Ufferius*, em 4 folhas grandes, que eu tenho, e sam boas. *Lanceloti* fez outras em Pariz, segundo a Vulgata, quero dizer, segundo o *Ufferius*: e sam otimas, principalmente depois de Christo. O P. *Pedro de S. Catarina* Religiozo Ber-

uardo, fez outras em França, seguindo o *Ufferius*: são boas, ainda que alguma coisa extensa. O *Musano* Jezuita Italiano fez umas, em quatro folhas grandes, se me nam-engano, porque averá anos que as-vi, em que segue a Cronologia do *Labbe* Jezuita, que põem a vinda de Cristo no ano 4053. do Mundo: mas não são boas. Outro Jezuita, que é o P. *Cassini*, acrescentou-as por ordem de Benedito XIII. O *Sanson*, e *Perizonio* &c. compendiaram também taboas boas. As do-Senhor *Langlois* são ótimas, mas cuido que não são para rapazes; porque unem os trez calculos Grego, Ebraico, Samaritano: o que carrega muito a memoria. O ponto está que o estudante abraça, uma Cronologia certa: e não mude de cartas todos os dias; mas meta umas na memoria. Toda a diversidade está, antes da vinda de Cristo: porque depois dele todos concordam, e é raríssima a dissenção. Se algum curioso traduzir, umas destas melhores taboas, em Portuguez, para uso da Mocidade, emendando-as em alguma parte, e acomodando-as à necessidade do-Reino; fará grande serviço à Republica. Eu comecei á tempos este trabalho, e tinha ideado uma carta muito fácil: mas impedido com outras occupaçoens, não pude acabá-la. Se V. P. tiver gosto, porlheci a ultima mão. Feito isto, deve-se ler um compendio de Historia. Neste principio basta o *Valemont*, que já se acha em Portuguez: e o mestre no-entanto pode ler um compendio da-Historia universal: v.g. o que fez o *Cluverio* em 4. que é bom: e principalmente o que se-imprio em 1672. que é mais correto: E preparar-se para saber explicar, estas noticias aos discipulos, quando falarem na Cronologia. Mas disto falaremos em outra occasiam.

Quanto pois ás antiguidades Gregas, e Romanas, ou aos Usos, e Costumes destas Naçoens; são indispensaveis para perceber, os autores antigos. Um destes escriptores não escrevia para nós, mas para os seus: aos quais eram notorios os costumes, não só publicos, mas também privados da-sua Nação. onde aludindo aos ditos, não se-cansa em os-explicar. Então entendiam-no todos: mas hoje não. e é necessario para o-intender-mos, que procuremos esta noticia naquelles, que as-recolheram. Um Historico que na presente era, contando as virtudes de um servo de Deus, disse, que celebrava *Misa* todos os dias, tinha *Estaxis* &c. como falava com gente, que o-intendia, não tinha necessidade, de se-explicar. Se pudesse succeder, que daqui a mil anos não ouvesse *Misa*, ou aquele livro caísse em mãos de outra Nação, que não tivesse noticia de *Misa*; é certo, que não entenderia, o que se-dizia; ainda que entendesse a lingua: e seria necessario, que primeiro entendesse, que coisa era *Misa*, e outros destes nomes; para dizer, que entendia bem a historia, em que se-achavam estas expressoens.

Os antigos escriptores em quasi todas as paginas, aludem aos seus costumes civis, e eclesiasticos. Falam de *Flamines*, *Augures*, *Paterpatros*, *Sacrificios*, *Apoteozes*, *Vestais* &c. Encontram-se mil nomes pertencentes à guerra, *Tribunus Militum*, *Tribunus Plebis*, *Centurio*, *Quinquagenarius*,
De-

Decanus, Triarius, Primpilus &c. como tambem de machinas, e aparelhos belicos de muitas especies. A cada passo se-tropela com o nome, de *Consul, Proconsul, Prator, Proprator, Quaestor, Legatus, Edilis &c.* cada emprego dos-quais tinha seu particular exercicio; sem a noticia do-qual, nam é possível intender, a forsa da-expressam que o-significa. Quem nam sabe, que os Consules, que prezidiam aquele ano no-Senado, eram os mesmos a quem se-distribuiam as Provincias, onde se-fazia a guerra; e a quem se-entregava o governo do-exercito; nam poderá intender, como uma dignidade, que parece civil, se-introduza nas-materias militares. Quem nam sabe, que no tempo dos-Consules, ouveram Tribunos Militares, os quais governáram a Republica em lugar dos-Consules, com imperio consular; e continuáram muitos anos com suas interrupsoens; intenderá, que *Tribunus Militaris* nam era magistrado; mas valia o mesmo, que *Tribunus Militum*: que conrespondia aos Coroneis dos-nossos Regimentos. Quem nam tem lido, que no-mesmo ano se-elegiam muitos Consules, e Proconsules, ou muitos Tribunos Militares, para abrangerem a todas as necessidades da-Republica; justamente se-persuadirá, que, em se-falando de Consul, discorre-se da mesma e unica pessoa. Quem nam souber, que os Pretores mandavam-se para as provincias pequenas, com imperio consular; intenderá, que se-fala somente do-Pretor Urbano, ou Peregrino, que administravam a justisa em Roma. Finalmente só os ignorantes, é que podem negar esta necessidade: os doutos todos a-reconhecem.

Nós nam temos Istóricos Latinos que escrevesem, os seus costumes patrios: sam os Gregos de quem recebemos, o que oje sabemos: porque como os Gregos escreviam, para os seus Gregos, aos quais nam eram notos, os estilos Romanos; tinham cuidado de lhe-advertir, tudo o que era necessario, para a intelligencia da-Istoria. *Polibio* deixou-nos uma particular descriçam, da-*Disciplina militar, dos-Costumes domesticos, das-Leis publicas* dos-Romanos. *Dionixio de Halicarnasso, dos-Sacrificios, Magistrados, e toda a politica da-Religiam, e do-Estado.* *Plutarco* tambem nos-ensina muita coiza. Mas como nem todos sam capazes, de lerem estes autores, por-iso será bom recorrer, aos Compendios. *Joam Rossino* fez uma boa coleçam das-Antiguidades Romanas, em Latim: que oje se-acha acrecentada por-*Dempslerus*. Estima-se pela brevidade, a Republica Romana do-*Cantelio*: mas eu intendo que é melhor o *Neupert = Rituum qui olim apud Romanos &c.* Quem quizer maiores noticias pode-as ler, no-*Corpus Antiquitatum Romanarum do-Grevio*, em 12. tomos fol. que comprehende todos, os que escreveram nesta materia: e onde pode consultar-se alguma dificuldade, que ocorrer.

Tambem é bom, ter alguma noticia das-Religioens diversas dos-Antigos: e para isto pode servir, *Alexander Sardi = de Moribus, & Ritibus Gentium. 12.* ou *Joannes Bohemus Aubanus de eodem 16.* ou *Var. Dalen = de Oraculis Ethnicorum. 4.* o mesmo *de Idolatria 4.* obra moderna: ou o *Barclai = Icon Animorum*; para os costumes das-Naçoens: ou o *P. Pomei = Pantheon*

Mythicum. Nam aponto outros livros, porque sam em linguas vulgares estrangeiras: aindaque estes, talvez sejam os melhores, porque expõem tudo com clareza, e brevidade. O mesmo digo da-Fabula, a que aludem todos os momentos, os Antigos. É necessário saber, esta mitologia dos-Antigos, para os-intender; e buscar autores que expliquem, sem a qual noticia, falarão muito, e nam saberão nada. Dos-Modernos é melhor, o *Jovet = Istoria de todas as Religioens do-Mundo* = 3. tomos de 4. que se-acha em Francez, ou Italiano.

Esta noticia é necessaria, senam aos rapazes, que se-divertem com outras coizas, ao menos aos mestres, que explicam os ditos autores: e, se a-nam tiverem, por-força ám-de dizer muito despropozito: e mostraram ensinar, o que nam chegaram a intender. Já sei, que chegando V. P. a este emportante ponto, me-proguntará, qual mestre conheço eu, que tenha toda esta crudizão: ou se me-persuado, que um rapaz, que saie das-escolas, e que nam tem no-corpo mais, que quatro anos de Filozofia, assim ou añado, quando entra a ensinar nas es-colas baixas; seja capaz desta doutrina tam necessaria, para fazer bem a sua obrigasão? A isto respondo, que quanto à capacidade, ninguem lha-pode negar: pois este pezo nam é maior, que as suas forças. Bastaria que o-obrigasem, e ensinasem a estudar isto que digo, mostrando-lhe a necessidade que á de o-intender, para poder fazer a sua obrigasão; que ele faria tudo, o que era necesario. E se acazo introduzirem, este metodo nas escolas, e o-protege-se quem pode fazê-lo, continuar-se-ia, da mesma sorte que se-conserva, o metodo ordinario. Reconheço, que seria alguma coiza dificultozo, persuadir a muitos o meus moços, que, aindaque ensinam o Latim, nam só tem pouca noticia dele, mas nem menos tem noticia, do-que é necesario, para o-saber: o que seria facil provar-lhe, fazendo-lhe uma exata lista dos-requizitos; e proguntando-lhe, se os-posuiam. Mas enfim tudo se-vence, tratando-se com pessoas de juizo, piedade, e docilidade: e as razoes que apontamos, poderiam obrar muito, se tivessem a paciencia, de as-quererem ler, e intender.

Suponho pois que o estudante, tem alguma noticia, do-que assim apontamos, ou que pelo menos a-tem o mestre, que seja capaz de lho-explicar em poucas palavras; e apontar-lhe os livros, onde se-podem beber estas noticias: (as quais podem-se ir aprendendo no-mesmo tempo, que se-explicam os autores, explicando uma ora cada menham, alguma parte delas) Apontarei agora o modo, com que se-deve regular, no-estudo da-Latinidade. Em primeiro lugar, deve somente procurar de saber, a propriedade dos-vocabulos: para o que deve buscar autores, que falassem mui naturalmente, e com estilo familiar. Para isto nam á melhores autores que *Plauto*, e *Terencio*: porque ainda-que em alguns lugares sejam, ou pareçam oscuros; falam porem com estilo familiar, e com fraze naturalissima, e longe de ornamentos: que é toda a dificuldade na inteligeccia da-lingua. Certamente *Terencio* é um autor, que nam tem preço, pola pureza da-lingua: e tambem é certo, que estes Co-
mi-

micos parecem mais Prozadores, que Poetas. Onde nam posso asás rir-me, quando ouso a alguns mestres responder, que *Terencio* nam é para rapazes, porque é obscuro. Os que asini falani, nam leram *Terencio*, nem sabem Latim. Perguntára-lhe eu, se é mais obscuro *Terencio*, que *Oracio*: ou se presumem eies, que este, e *Virgilio* sejam mais claros, e proprios para rapazes, do que um Comico. Se bem considerarem estes, quanto é necessario para dizer, que intendem *Oracio*, e a *Eneide*; certamente julgariam diferentemente. Mas com estes omens nam falamos. O certo é, que *Cicero* julgou, (1) que a poesia Comica, nam se-distingua da-Proza, senam em ser escrita como verso: mas nam na dificuldade. e tambem ninguem duvida, que a Proza é mais facil, que qualquer Poema.

Em todo o cazo devem-se ler estes autores, com os Comentarios: e o mestre deve suprir com a explicação; nam traduzindo muito; mas esse pouco com tal clareza, que nam fique dificuldade alguma ao rapaz. Quem nam souber explicar bem *Terencio*, pode contentar-se com *Fedro*. Este autor tratou argumentos simples, que são certas fabulas, com uma dilação pura e natural: e, ainda que Poeta, parece Prozador; e para principiantes é famoso. É estimada a edição, que o douto *Gronovio* nos deu, de *Plauto*. Sobre *Terencio* muitos tem escrito, mas nem todos bem. Com razão se disse, que *Farnabio*, e *Milenio*, afetando brevidade, deixaram mil coizas emportantes. *Madame le Fevre* publicou a mais bela tradução, e notas sobre *Terencio*, que até o seu tempo tinha aparecido: mas é em Francez, lingua que nem todos intendem: como tambem *Monsieur le Fevre* seu Pai, tinha illustrado eruditamente *Fedro*. No estado presente servir-me-ia da edição de qualquer deles, *ad usum Delphini* &c. que parece ser a mais toleravel, das modernas.

Estes primeiros autores nam se-devem ler correndo, como muitos fazem; mas devem-se ler, e reler atentissimamente. v. g. lendo *Fedro* deve o mestre, nam deixar de explicar coiza alguma, que seja necessaria, para intender a lingua. Onde deve notar e explicar, todas as dificuldades de Syntaxe: porque ainda que na Gramatica se-expliquem, somente lendo os autores se-intendem bem. E terá cuidado, de reduzir a construção embarçada e figurada, ao modo de falar natural: explicando a Figura, em que se-funda. Depois, notará a propriedade das-palavras. E quando encontrar algumas, que pareçam sinonimas, deve ensinar, se verdadeiramente o-são, ou que coiza acrescentam. Em terceiro lugar deve ensinar-lhe, a pronunciar bem o Latim: que é o que comumente nam sabem em Portugal: pois ainda os mesmos mestres, pronunciam as palavras corrutamente. v. g. Em *Omnia* nam proferem o

(1) Itaque video visum esse nonnullis, Platonis, & Democriti locutionem, et si absit a versu, tamen, quod incitatus feratur, & clarissimus verborum luminibus utatur, potius poema putan-

dum, quam comicorum poetarum: apud quos, nisi quod versificati sunt, nihil est aliud quotidiani dissimile sermonis. Cicero, de Orat. ad M. B. num. 20.

m: os *tt* finais pronunciam como *ad*: o *m* final pronunciam como *n*: e entre *e*, e *a* sempre pronunciam superfluamente um *i*. v. g. *Meam*, *Deam* &c. os *ss* finais como *x*. O que sem duvida é grande defeito da-pronuncia: deixando por-agora outros erros, que se-podem notar. Alem disto oferecendo-felhe algum termo, do-Latim antigo, deve ensinar, o modo antigo de pronunciar. v. g. *Maximus*, *Militiai* &c. Estas noticias dam muita erudifam, a quem estuda o Latim: e como muitos nam fazem cazo delas, por-isto ignoram o que é Latim, e todos os momentos encontram, difficuldades novas. Isto que digo de *Pedro*, deve-se intender de qualquer outro autor: Mas isto é o que muitos nam intendem: antes querem ler muito, intendendo poco; do que saber bem a lingua, com um só livro. De que vem, que a Mocidade nam aprende nada, com o seu metodo: pasam-se os anos nas escolas baixas, que se-deviam empregar, em coizas mais utis: pois na verdade que nam reflete, como deve, no-que le, tanto emporta que leia *Cicero*, como os atos de *Maria Parda*.

O que emporta muito no-principio é, nam dar aos rapazes livros, que tenham periodos longos: mas breves, e com fraze natural. Por-esta razam alguns Italianos doutos, e despois deles os Francezes, aconselham, que no-principio devem-se fugir, as istorias difuzas, os Oradores, e coizas semelhantes: especialmente os Poetas Eroicos &c. e que é melhor, tirar de *Cicero*, e outros autores elegantes e claros; tirar digo, alguns paragrafos melhores: indireitar as frases, e transpozifoens dos-Verbos: e polas na ordem natural. Sendo breves, e elegantes, podem os rapazes intendelos, e tirar dai grande utilidade. A experiencia mostrou-me, que diziam bem: pois vendo eu, que alguns rapazes nam intendiam, os discursos compridos, e as figuras da-ora-fam; feita esta experiencia, intendèram tudo facilmente.

Mas isto que a estes aconselho, acha-se feito ja por-omens doutos: os quais escolhèram entre os autores, as coizas mais facis, e melhores, e reduziram-nas a capitulos diferentes: v. g. às quatro virtudes principais: para os rapazes, nam só aprendam a lingua, mas tambem o moral das-afcoens. A maior parte sam de *Cicero*: mas tambem se-acham de outros autores. Sam trez livrinhos pequeninos, impresos em Pariz: e tambem se imprimiram em Italia na Cidade de Pezaro, em 1740. Estes livros valem um mundo, e tem aproveitado a infinitas pessoas: e quem ajudáse com eles os seus dicipulos, conheceria a verdade do-que dizemos. E por esta mesma razam digo, que a leitura dos-Comicos, é infinitamente util aos rapazes s. v. g. a de *Terencio*. todos os periodos sam breves: rarissima vez se-acha transpozifam mui obscura: e os modos de falar, sam tirados do-estilo comum: motivo polo qual, sem trabalho se-intendem. *Plauto* tambem seria bom: mas como tem bastantes palavras antigas, ou escritas no-antigo modo, nam é tam proprio, para principiantes. *Oracio* nam o-aconselho: nem outros semelhantes, que pedem maior erudifam. Em lugar de *Oracio* nestes principios, aconselharia *Catúlo*, que é nam só purissimo Latinista, mas mui natural, e com infinitas grafas. Devem-se separar,

rar, os poemas impudicos, e explicar os outros, com todo o cuidado, e diligencia.

Mas, supondo que o mestre, nam tem os ditos livros, direi o que deve fazer, despois da-leitura de *Pedro*, e *Terencio*. Deverá pois explicar em outra classe, as cartas de *Cicero*, a que chamam Familiares, com os comentarios de *Manucio*, ou *ad usum Delphini*, que sam otimas: nam todas juntas, mas saltiadas. Onde deverá preferir, as que escreve a sua molher *Terencia*, e a seu liberto *Tiro*: como tambem as de recomendalam. Estas sam as mais naturais, breves, e claras: desorteque nam entadam o estudante: porque sam compostas naquelo estilo familiar, que todos interdem. Vi nam á muito tempo uma pequena colelam, destas mais facis epistolas de *Cicero*, cuido que impresas em Padova; que eram otimas, para estes principios. Despois, na mesma classe pode ler, os Istoricos mais facis: como sam *Caiso Cesar*, *Cornelio Nepote*, *Veleio Paterculo*. Estes trez escreveram no-seculo da-mais pura Latinidade, e sam incomparaveis: principalmente os dois primeiros, que sam sumamente naturais, e claros. Mas estes autores nam se-devem ler seguidos: sim interrompidos, e tirando deles os lugares. mais singulares. Se o estudante tiver feito aproveitamento no-*Terencio*, e tiver ja lido alguns extractos, rednzidos á ordem natural; basta explicar-lhe estes autores, sem mudar a ordem das-palavras: para que pouco a pouco das coizas facis, vá intrando nas difficultozas. E terá o mestre a advertencia, de nam obrigar sempre os rapazes, a que traduzam de repente: mas em dias alternados. E comumente deve ordenar-lhe, que escrevam em caza a sua tradusam: e quando vierem á escola, fará que dem a razam, de tudo o que traduziram. Este modo de ensinar, aproveita muito, e imprime as coizas na memoria. polo contrario o metodo comum, de dizer de cór, é falar como papagaio, e'expósito a milenganos. Onde deverá o mestre cuidar muito, em que escrevam as suas tradusões; pois com o tempo serve isto, para ensinar a traduzir bem: que é o que muitos nam sabem.

Quando o estudante chega a este estado, pode-lhe ordenar, que componha alguma coiza: mas sempre asuntos breves: pola maior parte tirados das-obras, que traduz: o que pode fazer trez vezes na semana. Eu comecaria polas cartas: que é um modo de compor facil. Uma ou duas vezes dar-lheia as partes: tendo cuidado de escrever primeiro, uma carta Portugueza pequena, e com ordem natural. Ou traduzir uma pequena de *Cicero*, que seria o mais acertado: obrigando-os a que compuzesem outra semelhante; sem porem se-servir em tudo, das mesmas palavras, e fraze. Despois, daria outra carta facil, sem partes: obrigando-o a que as busca-se: e ensinando-lhe o modo. Em 3. lugar daria uma carta mais elegante, sem a ordem natural: porque se acazo se-acostumam, a escrever o Latim correspondente ao Valgar, nunca saberám fazer outra coiza. Despois dito, passaria a outro assunto mais difficultozo, e sempre breve. v. g. a discrifam, ou carater, de um

peſoa determinada: no-que é ſingular *Valleio Paterculo*. ou obrigaloſia a referir, algum pequeno ſuceſſo: dando-lhe primeiro o Portuguez; e deixando-lhe a incumbencia, de pôr o Latin. Isto é quanto pode fazer um rapaz, no dito tempo: e ſe o-chega a fazer, nam faz pouco. Com o tempo, e quando for lendo outros autores mais difficultozos, e que lhe-podem dar outros aſuntos: porque o rapaz, em quanto eſtiver na Latinidade, deve fazer duas coizas, compor, e traduzir. Deve porem o meſtre fugir, de lhe-dar penſamentos e ſententas oſcuras, por-tema; porque as-nam-intendem: e neſte tempo nada mais ſe-procura, que enſinar-lhe que coiza é pura Latinidade. Quando o meſtre ler as compoziçoens, deve emendalas, e dar-lhe a razam, de tudo o que faz. Ao principio ſomente cuidar, na propriedade: com o tempo enſinar-lhe tambem, o que é elegancia, e particular idiotiſmo da-lingua Latina: moſtrando-lhe como ſe-deve traduzir, tanto de Latin em Portuguez, como de Portuguez em Latin. Seria bom que o meſtre algumas vezes, traduziſe ele meſmo, algum paſo de *Cicero* &c. e o-propuzefe ao eſtudante por-tema: nam lhe deixando ver o original, ſenam deſpois de feita a compoziçam: paraque aſim recocheceſe o moſo a diverſidade, entre o que tinha feito, e devia fazer. Mas isto ſomente ſe-pode fazer nas claſes altas, e quando ja o rapaz tem noticia baſtante, da-Latinidade: porque deſta forte, é que ſe-aprende, qual é o eſtilo dos-bons autores.

Pode, deſpois dos-ditos autores, explicar os Iſtoricos mais difficultozos: que ſam *Tito Livio*, *Saluſtio*, ou tambem *Quinto Curcio*. O qual *Curcio*, aindaque ſe-ſuponha ter eſcrito, no-reinado de Veſpaziano, que era a idade de prata; ou, como diz Scioppio, o principio da idade de bronze da-lingua Latina; contudo, é eſcrito com a mais pura Latinidade do-ſeculo de Auguſto: e o eſtilo é belifimo. *Livio* é mais copiozo, e mageſtozo, e digno da grandeza do-Imperio Romano. Quanto a *Saluſtio*, convem todos, que as ſuas frequentes Ellipſis, e o demaziado laconifimo, fazem-no duro, e oſcuro: mas é eſcritor de ſumo pezo, e ſingular eloquencia. Nam me-parece porem, proprio para rapazes, polas muitas e mui fortes metáforas, e baſtante oſcuridade. Onde o meu parecer ſeria, que dos-dois primeiros, ſe tiraſem alguns lugares eſcolhidos, para ſe explicarem aos principiantes. Na meſma ultima claſe podem-ſe explicar, alguns extratos das-orazoens de *Cicero*, principalmente das-mais facis, que ſam: *Pro Archia Poſta*: *Pro lege Manilia*: *Pro Marcello*: e as *Catilinarias*. Mas obrigar um rapaz, a que as-vá traduzindo ſeguidamente, e inteiramente, como costumam muitos, é intender mal o negocio. Nenhum o-nem pode ler com goſto, uma inteira oraçam de *Cicero* ſenam é um grande Latino, e Retorico: e á orazoens de *Cicero* tam longas, v. g. as *Verrinas*, que ainda um omem douto, nam as-le, ſem ſe-canſar. Ler uma pagina oje. e no ſeguinte dia outra; é ainda pior: porque ſe-perde o ſentido, e nam ſe-intende o que ſe-explica: de que nace o enſado, nam só nas-rapazes, mas nos-grandes. Onde o melhor é,
pro-

procurar alguns pasos breves, e escolhidos: uma descripção: um inteiro argumento: um inteiro periodo do-exordio. O mesmo digo, daqueles que explicam, o *Somnium Scipionis*, o livro de *Seneſtute*, *Amicitia*, &c. quem faz isto, nam intende o que faz. Os ditos livros nam se-podem intender, sem saber a istoria, da-antiga Filozofia: o que nam deve, nem pode um rapaz. Eu, tendo lido algumas vezes Cicero inteiramente, só o-cheguei a intender, (se é que o intendo) quando li em *Laercio*, e *Plutarco*, a istoria das-setas dos-Filozofos. Os que introduziram o estilo comum, e que achamos no-livro a que chamam, *Selecta*, certamente ou nam refletiram, ou nam intendiam isto: porque dam aos rapazes, livros muito diferentes, e que só sam para omens adiantados. *Salustio* nam é para rapazes. Ouviram dizer, que os livros pequenos de Cicero, eram perfeitissimos no-seu genero, e sem mais reflexam os-traduzem. Mas polo mesmo principio deviam explicar, os livros de *Oratore ad Q. Fratrem: Orator ad M. Brutum*: e os tres de *Officiis*: que sam a melhor coiza que ele fez, neste genero. Acho porem outras razoens, que se-devem atender, quando se-fala com principiantes.

Quando o rapaz traduz estes autores mais difficultozos, com a mesma ordem que se-acha neles, entam é preciso, que escreva a sua tradução. A razam é, porque estes autores uzam de muitas transpozicoens, frases, e figuras, as quais nem sempre se-podem traduzir literalmente: e assim querer que um rapaz, de repente ache o verbo, ou perifraxe propria, é loucura: e vale o mesmo que ignorar, que coiza seja tradução. Os mestres ao seu bofete, muitas vezes nam acham, a palavra propria, para a boa tradução: como mostra bem o famoso Monsieur *Huet*, no-leu livro = *de Claris Interpretibus* =: em que aponta os defeitos, em que caíram os omens grandes: E se isto succede aos doutos; como é possível, que o-faça de repente um principiante? O que suposto, deve o mestre dar-lhe tempo, para escrever em caza a sua tradução: ou ao menos na escola. E depois ensinar-lhe, como se-deve traduzir bem de Latim em Portuguez: porque entendido isto bem, conhece-se como se-devem converter as mesmas frases Portuguezas, em outras Latinas: ao que chamamos, boa Latinidade. Por esta razam digo, que o que fez aquele livro, a que chamam, *Pai Velho*; que poem a tradução de Virgilio, ou o que quer que é, palavra por-palavra; merecia ser aloitado pelas ruas publicas: e tambem os mestres, que se-servem dele: e o livro, queimado em praça publica. Nam á coiza mais prejudicial para a mocidade, que semelhantes livros: pois mostrando ensinar a traduzir, sam a cauza, de que se-nam-faiba. O pior é, que os mestres praticam o mesmo, que diz o livro; nas suas traduções. Cujos metodos é tal, que ou os rapazes estejam dez ou vinte anos nas escolas, nunca intenderam Latim: como na-verdade succede: pois traduzindo todos Virgilio, nenhum o-intende. Acheime em certa parte, em que um celebre mestre traduzia, o principio do-quarto livro da-Eneida: *At Regina gravi jam dudum saucia cura &c.* palavra por-palavra:

lavra: e tãã pago de si mesmo, como se fosse; o melhor interprete do mundo. Disse eu a um dicipulo, que escrevesse a tradusam do-seu mestre, e depois lha-mostrãse, preguntando-lhe, se era boa aquela tradusam. Assim o fez: e o mestre, cuidando que era coiza do-dicipulo, foi o primeiro que disse, que nam prestava para nada. Pois esta, replicou o dicipulo, é a que V. P. ontem disse. Envergonhado o mestre, quiz saber, quem lhe-dera o conselho, e respondeo: Que uma coiza era, compor na banca, e outra, explicar na escola. Que parvoice! esta propozisam vale o mesmo que dizer: *Que na banca se-deve compor bem: e na escola explicar mal.* A falar a verdade quem explica a rapazes o dito livro, ou coiza semelhante, sabe mui pouco: porque pola maior parte aquelas palavras, nam se-devem tomar no proprio sentido, mas metaforicamente: e explicãlas segundo o sentido do Poeta. E por-este motivo torno a dizer, que os Poetas, principalmente Heroicos, nam sãã para rapazes, que estudam Latin. Contẽlo a V. P. que ainda nam ouvi um mestre, que na escola dissesse: *Esta palavra, nam se-pode traduzir bem: é necessario explicãla assim.* mas todos seguem o comum estilo, que é muito mau. Onde a minha regra geral é esta: Quando ouso um mestre, que, explicando livros eloquentes, traduz assim: *Petrus Pedro: Amat, ama: Joannem, a Joam:* sem mais outro exame a sento, que nam sabe Latin. Deve o mestre praticar outro estilo, se quer que aproveite aos estudantes: e o melhor é, o que aponto. Isto basta por-agora, sobre a tradusam.

Quando digo, que se-devem ler estes livros, nam quero dizer, que se-leiam todos: mas um, ou outro dos-que aponto; que sãã os melhores, e mais proporcionados ao noso caso. Mas tambem é certo, que, lendo-os como digo, quazi se-podem ler todos. O principal ponto está, em seguir a ordem que infinito: porque sem ela, nacerã confusam e impedimento, como todos os dias observamos no-metodo vulgar: sendo certo, que primeiro se-devem ler, os que falãã a lingua naturalmente, doque os que abundam muito de metãforas, e mil outros ornamentos difficultozos. Mas nem menos isto basta, se o mestre nam explicar o que deve. Onde o ponto de toda a considerasam consiste, no-modo da-explicasam. Quando pois o estudante estiver adiantado, deve o mestre, alem das-coizas que acima aponte, explicar outras. v. g. a sintaxe difficultoza: a forsa das-pãlavras: o modo de pronunciar antigo: e notar outras coizas, que se-encontrarem. Porque os rapazes das-escolas maiores devem saber, nam só o que é Latin puro, mas tambem as outras particularidades, que constituem a elegancia. Acham-se autores, que se-servem de palavras Latinas, e contudo nam tem aquela particular grãfa, a que chamam os inteligentes, boa Latinidade. Consiste esta às vezes, em uma frase inteira: tambem em um diminutivo, ou frequentativo &c. coizas que dam infinita grãfa ao estilo Latino; e frequentemente se-acham, nos-melhores autores Latinos, como *Terencio, Cicero &c.* Onde, este deve

fer o cuidado do mestre: mostrálas quando ocorem: e notar a particular grafa que tem, naquele lugar. Deve tambem notar o modo, com que os bons autores começam, ou acabam o discurso, ou os unem entre si, quando compoem uma oração inteira. Esta uniam consiste às vezes, em uma conjunção: às vezes, em outra particula. E este é o particular estylo da-boua Latynidade: que necessariamente se-deve ensinar aos rapazes, para que o-executem, quando compoem. Alem disto, quando encontrar alguma expressam obscura, ou porque é fundada em uma fabula, ou coiza semelhante, deve explicála. Desta forte se-intenderám os autores, e se-poderá tirar proveito da-sua leitura. E isto é o que um mestre douto faz, com muito gosto, porque conhece a utilidade, que daqui rezulta: e só entam pode repreender com justisa os rapazes, quando da-sua parte faz tudo o que deve, para os-ensinar.

Mas antes de concluir isto, quero dizer alguma coiza, sobre as edifoens deses mesmos autores, que tambem é noticia util. Em todo o cazo devem-se procurar, as melhores edifoens destas obras, as mais corretas, e com boas notas. Todos os livros comentados *ad usum Delphini*, ainda que uns sejam melhores que outros, comumente, e principalmente para o nosso cazo, são bons. mas devem ser da-edifam de Pariz, ou de Olanda: porque as de Italia modernas, não prestam para nada. Emporta muito ter o texto correto, para se-não-enganar, neste particular. Os Olandezes são famosos. As edifoens de Grevio, e Gronovio, e outros omens doutos, ainda que não tenham notas, (mas quasi todas as-tem) são corretissimas. a edifoem de Cicero por-*Verburgio, cum notis variorum*, em Olanda é exatissima. Em Inglaterra tambem fizeram algumas boas: e a imprensa de Inglaterra, e Pariz é mais negra, que a de Olanda: e por-isto agrada mais. Isto que digo das-edifoens, se-intenda, não só dos-Prozadores, mas dos-Poetas. O que põem encomendo muito ao estudante é, que, nestes principios, se quer saber Latim, leia poucos livros: mas eses que escolher, leia-os tantas vezes, e com tanta atensam, como se ouvessem de ser eles, o seu unico estudo. na segunda vez achará menores dificuldades: e assim nas outras. Isto basta, para ser um grande Latino. Não aconselharei a rapaz algum, que leia os Poetas. Para saber Latim, é escuzado, e serve de impedimento: na Reticora é melhor que se-leiam: mas é melhor quando são grandes. Porém por-não deixar de dar metodo, na leitura dos-autores, direi brevemente o modo: e servirá, para os que se-quizerem aplicar totalmente a isto.

Digo pois, que os que quizerem aplicar-se à leitura dos-Poetas, podem fazêlo, depois de ter feito estas preparafioens: procurando somente, os mais estimados polos doutos. Para intender estes é necessario, ler algum tratado, que explique a Mitologia dos Antigos: e que nos-de uma noticia breve das-fabulas, a que eles todos os momentos aludem. Isto posto, deve-se ler *Ovidio nas Metamorfozes*, e *Fastos* em que explica toda a Mitologia:

gia: depois as *Eroidas*, que são as tuas melhores obras, e as mais fáceis, as outras podem-te reservar para outro tempo. Depois, ler *Virgilio* todo atentivamente: ao qual deve seguir *Oracio*, nas tuas *Odes*; melhor dizei, todo, porque é um autor inimitável. Querem muitos, que com este se-leia, *Gracio Falisco*, *Olimpio*, e *Nemesiano*, Poetas Bucolicos: aindaque na verdade sejam muito inferiores, a *Oracio*. E finalmente, *Estacio*, e *Lucano*. Isto basta para ter, uma grande noticia de Poetas: principalmente lendo-se, com a devida attenção. E quem tiver bem estudados os ditos, pode, sem mais mestre, ler qualquer dos-outros, que se-offerecer: mas apontarei alguns. Quem pois quizer ler amores, veja *Ovidio de Arte amandi*, *Catulo*, *Tibulo*, *Propercio*: que são todos no-seu genero famosos. Os melhores satiricos são, depois de *Oracio*, que é o mestre; *Juvenal*, e *Persio*. *Marcial* é um autor, que entre mil coisas inútilis, tem algumas boas. agradam mais aos omens intelligentes de Poesia, e Latinidade os Epigramas de *Catulo*. Quanto a *Lucrecio*, e *Manilio*, são juntamente Filozofos, e Poetas: e o primeiro sempre teve, e ainda conserva, muitos admiradores; e é um puro Latinista. Nisto se comprehende, o melhor da-Antiguidade.

Sobre as edicoes á pouco que dizer. Todos estes autores foram commentados, para uzo do-Delfim de Franca, por-ordem de Luiz XIV. Estas edicoes são melhores que as antecedentes: e as concordancias que se-fizeram, de cada um destes autores, valem infinito, para a intelligencia dos-vocabulos da-lingua: pois mostram os diferentes uzos, e a forza das expressoens. Alem das-Delfinas, á outras edicoes anteriores, que tem seu merecimento. Por-pouco que um omem se-familiarize com os livros, e consulte os Bibliotecarios impresos, e trate os omens que são verdadeiramente doutos; conseguirá todas as noticias necessarias, para se-regular na eleisam dos-livros, e edicoens. Mas quem quizer ler estes autores, advirto-lhe, que os nam-leia seguidos, sem interrompidos: pois nem tudo neles é igualmente bom. Onde, devem-se colher as coizas melhores: porque esta sorte de leitura agrada: uma longa leitura enfastia, e só serve para um omem, que nam faça outra coiza. Nam aconselho, que se expliquem Poetas nestas escolas: mas que aja uma ou duas separadas, em que somente se-trate esta materia.

E ja que falamos de livros, necessarios para a intelligencia do-Latim, deve tambem o estudante saber, de quais se-deve servir, para compor &c. Nisto á muito abuzo; porque comumente alguns aconselham livros, que nam prestam. O *Cardial Adrianto* = de *Sermone Latino*; *Huberto Gifanio*, nas suas *Observaçoens*, *Tomaz Linacer*, são autores famosos, para ensinar o modo, de escrever bem: principalmente o ultimo. *Enrique Estevam*, e o *Voffo*, escreveram bem sobre as palavra, que nam são Latinas, ou que o parecem. O *Decaugs* fez um belo Dicionario, de *Infinita Latinitate*: que oje se-acha mui acrecentado, pelos Beneditinos de S. Mauro, e cuido que são alguns seis tomos de folha. O Dicionario Etimologico de *Voffo*, pode dar

dar grande e fundada noticia, da-Latinidade. *Nizolio*, e *Carlos Estevam*, compoz cadaum seu Dicionario, para as vozes, que se acham em Cicero: mas o ultimo é melhor, que o primeiro. Para ter noticia de toda a Latinidade, e ver o uzo dos-vocabulos, é necessario consultar, o Tezoiro da Lingua Latina, de *Roberto Estevam*. 4. tom. para os raparez, pode servir o *Calepino* de *Facciolati*, que é mais breve. Para ver as differenças das-palavras, é ultifimo *Auxonio Popma*, e o P. *Vavassor* Jezuita, e também o *Borrichio*. Para saber o uzo, e fórma das-Particulas da-Latinidade, é famoso o *Stevvechio*, e despois dele o P. *Turjelino*, da-edifam do-*Facciolati*. Os mestres podem ler o *Tomasio*, e *Schovartio*, que sam amplifimos. As Fraseologias nam as-aconselho a ninguem: mas das melhores, é a de *Manucio*, que compendiou as de Terencio, e Tullio: e melhor que este, o *Pareo*, que acrecentou as de Plauto: e fez mais outras obras utis, para a Latinidade. Acham-se mais alguns autores, como o *Schorus*, *Cellarius* &c. que escreveram nestas materias: mas estes que apontamos, sam os melhores. E estas noticias bastam ao principiante: as outras aprenderá com o tempo.

Tenho dito o meu parecer, sobre o modo facil de aprender, a boa Latinidade. Mas antes que acabe, direi a V. P., que para conseguir este fim, e saber compor com facilidade, conduz muito, ter a memoria cheia de muitas especies. Sem ela nada vale a applicafam: vistoque a nosa ciencia nada mais é, que a simplez memoria, do-que temos estudado. Ninguem duvida, que a memoria com o exercicio se-apreifeioa, principalmente nos-rapezes: e que todo o trabalho, que nisto se-poem na mocidade, serve muito, para quem á-de seguir os estudos. Mas a deficultade está, em saber cultivar a memoria. Quem obriga os rapazes, a aprender muito verso, e muita arenga; faz-lhe mal, cuidando fazer-lhe bem. Eu comparo a memoria, cheia de semelhantes ideias, a uma livraria grande, cujos livros nam estam nas estantes, mas amontoados no-meio, e polos cantos: quem nela procura um livro determinado, nam o-encontra: mas oferecem-selhe cem mil, que nada fazem ao cazo. Damesma sorte a memoria mal regulada: quando lhe-pedem uma ideia, oferece tantas, e tam fóra do propozito; que é o retrato da-confuzam: de que nace, que nunca se-aprendem bem, as outras Ciencias. Isto suposto, deve cuidar o mestre, em exercitar a memoria dos-principiantes, em algumas determinadas materias. Primeiro acostumálos a dizerem em breves palavras a lisam, que ám-de explicar. Despois, explicará aos ditos, alguns pasos seletos de autores, principalmente Poetas: v. g. alguma das-fabulas de *Fedro*, ou *Ovidio*: mas curtas, e sempre agradaveis; pois só assim entram. Nestas, os rapazes devem dizer primeiro, o que contem: despois, poco a pouco ir repetindo, todas as palavras: com o tempo pode-se aumentar, o numero dos-versos. E este exercicio pode-se fazer dois, ou tres dias da-semana. Quando o rapaz tem algum exercicio; entam tem lugar, servir-se de metodo, nas coizas que decóra. Onde tera cuidado de lhe-ensinar,

al-

algumas descrições, algumas exortações, ou breves orações &c. mas primeiro explicar-lhas bem: pois sem isto é querer, que pronunciem como papagaios. Nisto nam devem molestar os rapazes, com pancadas: mas animálos com premios, a que decorem bem algumas coizas: remunerando ou louvando, os-que o-fazem melhor: sempre couzas utis, e que possam servir com o tempo. Mas deve cuidar muito o mestre, de nam permitir aos rapazes, a leitura destes livros de *Frascologia*, antes bandilos, como coiza mui prejudicial. Sam cãpas de romendos, cadaum de sua cor, que nam podem fazer coiza boa. cauzam preguiça aos estudantes: e arruinam o bom gosto da-Latinidade. Devem-se escolher as descrições &c. nos-mesmos livros que estudam: e mandar-lhe aprender as frases, nos-mesmos autores que traduzem. O mais é madraçaria, e ignorancia.

Tenho ainda outra reflexam que fazer: é esta, sobre o falar Latim nas escolas. Nisto á dois vicios: alguns falam sempre a sua lingua: de que vem, que saiem das-escolas, sem saber dizer, um comprimento Latino: e este é o defeito, que reina em Portugal. Outros, que pola maior parte sam Polacos, Ungaros, Alemaens, obrigam a falar sempre Latim: ainda antes de intenderem bem Latim. Tambem isto é um grande defeito: pois se os que sabemos bem Latim, nam podemos falar com desembaraço; que fará um rapaz, que ainda o-nam-labe! Esta é a razão, por-que vemos muitos destes Estrangeiros, (e eu vi tambem molheres) que falam Latim corrente. mas que Latim? um Latim tal, que é melhor nam intendêlo. Para falar Latim depressa, servem-se de frases barbaras, e termos vulgares: e encham a cabeça com aquilo, em modo tal, que em nenhum tempo podem deixar, o dito estilo. Nam sei que graça tem cansar-se, para escrever Latim bem, e cansar-se tambem, para falar Latim mal: nem menos intendo, que necessidade aja, de falar semelhante Latim. Quem á-de fazer jornadas, por-paizes Estrangeiros, se sabe bem Latim, nunca tem difficuldade em se-explicar, se acazo tem algum uzo. que o-fale mais ou menos depressa, isto nada importa. Nem menos aprovo, aquela afetação de alguns Portuguezes, que, querendo falar Latim como algum Estrangeiro, estam incia ora a considerar, um periodo Ciceroniano: e desprezam as vozes vulgares. Este tambem é outro defeito consideravel. Se os que falam Portuguez afetado, nam se-podem suportar; que faram os que falam com afetação, o Latim? O Latim das conversações deve ser, o mais natural de todos. o ponto está ter palavras puras: a sintaxe delas deve ser natural, e clara. V.P. nam verá afetações em *Terencio*, ou *Plauto*, ou *Fedro*, porque falavam com estilo familiar. A lingua Latina tem isto de bom, que se-caza com a elevação, e naturalidade. Onde, devemos saber aplicar o estilo, à matèria; para conseguir o fim, de falar com muita naturalidade, e nam falar mal.

Isto supposto, parece-me que deve aver nas escolas, algum exerci-

exercício de Latim: mas requerem-se algumas cautelas. Primeiro, nam se deve falar Latim, senam na ultima escola da-Latinidade, ou da-Retorica: quando ja os rapazes, intendem bem o Latim. Em segundo lugar, nam devem falar Latim sempre, mas em dias determinados. Primeiro, podem ensinar-lhe a dizer, alguns cumprimentos de uma, e outra parte: despois pode-se introduzir algum Dialogo, sobre a materia que se-estuda: em que de uma parte, um rapaz pergunte alguma coiza: da outra, responda outro, sempre em Latim. Mas primeiro deve o mestre explicar, como isto se-deve fazer: e ser ele o primeiro, a dar exemplo. E nam deve obrigar todos, a que falem no-mesmo dia: mas comesar polos melhores: despois por-turno os outros, em dias determinados: avizando-os primeiro, para que venham preparados. Desorteque cada estudante ouza falar muitas vezes, os outros: e assim vá aprendendo. para quando lhe-chegar a sua vez. Pode o mestre falar a miudo, algumas coizas Latinas, com algum dos-estudantes, que forem mais capazes, ainda fóra dos-dias assignados: tendo cuidado, de falar bem; e ensinar-lhe sempre, o como se-deve falar. Desta sorte pode ajudar muito, os estudantes: principalmente se souber excitar entre eles, a emulacão, louvando muito os que o-fazem bem, e remunerando-os. Este é o verdadeiro metodo, de ensinar a falar Latim. Comesando desta sorte, mais facilmente o falarám, nas escolas da Filosofia: e deste modo aquistarám aquella facilidade, que é necessaria, a quem á-de seguir as letras.

Isto é o que me-ocorre dizer, sobre o estudo da-lingua Latina: poderia acrescentar muita coiza; mas estas bastam para o que se-quer. Prouvera a Deus, que estas se-puzesem em excusam; entam me-diria V. P. se me-enganava eu no-meu conceito. Deixando para a vista outras razoes, com que podia persuadir, o que digo; enfiuarei uma bem clara. Entre tantos que se-aplicam, ao estudo da-Lingua Latina, mostre-me V. P. quantos sam capazes de se-apontarem, como exemplo de boa Latinidade. Examine V. P. quantos autores tem cá, nos seus paizes, que componham Latim, como milhares, que eu posso apontar, nos-Reinos estrangeiros; e ainda alguns em Espanha, que escreveram afombrozamente. Se me-mostrar um ou dois, que nam ignoro que aja, aente que o-nam-trouxeram das-escolas; mas custou-lhe boas fadigas em caza: ou talvez porque saíram fóra do-Reino, e tratáram, com quem lhe-abri-se os olhos, como o Bispo Ozorio &c. Quazi todos os outros falam Latim das-escolas. E tantas testemunhas, que todos os dias saem das escolas, provam bem, que esta ignorancia, é influencia do-mao metodo.

Disto podia eu citar muitos, e muitos exemplos, se mo-nam-impedise a modestia. *** porque aindaque tenham doutrina, e talento, o mau metodo que bebéram na mocidade, impede o aproveitamento. Certo Religiozo douto, devendo dar conta de si, em um congreso erudito,

queixando-se de lhe-nam-terem dado, certos papeis, concluia assim. *Quæ ad nostram faciunt historiam monumenta omnia: sive scripta, sive transcripta, sive præscripta; sive congesta, sive digesta; sive indigesta; peto, expeto, respeto: posco exposco, resposco: quæro, exquiro, requiro: flagito, efflagito: oro, peroro.* Todo o corpo do-discurso era semelhante. Nam sei se se-pode fazer, coiza pior: e apostarei eu, que os seus Religiozos doutos, seram os primeiros, a condenar este Latim. O pior é, que afetando tanto, saber a força dos-Verbos, enganou-se em alguns. Porque o *flagito*, e *efflagito*, nam só significam, pedir com instancia, mas pedir com injuria (1), e com pouca vergonha: o que supponho, ele nam quiz dizer. Tambem o *peroro*, nunca ouvi, nem achei em autor Latino, que significasse *pedir*. tambem *Orare monumenta*, é fraze que nunca achei nos-Latinos. Os primeiros trez nomes significam a mesma coiza, no-nosso cazo: pois ele nam pedia cazas, nem estatuas; mas coizas escritas: e assim o *sive*, parece mal inferido. Damesma forte o *congesta*, nam se-opoem, a *digesta*, e *indigesta*; pois a cadaum destes se-pode aplicar: feudoque é generica. As outras examina-rá V. P. com mais vagar, que eu nam tenho. É nam somente os que se apli-cam, a diferentes materias, mas aqueles mesmos, que se-empregam na La-tinidade, muitas vezes nam sam iguais. v. g. *Antonio Rodriguez da-Costa*, Conselheiro do-Ultramar, que escrevia Latim com muita facilidade, es-quecido ás vezes de si mesmo, escreve algumas cartas Latinas, fora do-es-tilo familiar, que paresem orasoens academicas. Mas pior que este, o Mar-quez *Manoel Teles da-Silva*, e o *Conde de Vilarmaior*, os quais ambos trope-fam terrivelmente nesta materia, de elevavam afetada. O primeiro, na car-ta com que aprova, os Epigramas do-P. Reis, que começa *Cum nullum &c.* uza de um estilo, que ainda nam vi coiza mais impropria: O segundo, nas car-tas que escreve, a *Antonio Roiz da-Costa*, é afetado por-um novo modo; e inclina muito para a declamavam, demora-se muito com os lugares comuns, e nam observa, o verdadeiro estilo epistolar &c. Confeso a V. P. que lendo, e examinando Cicero, nam achei nele nem orasoens, nem cartas afetadas. Somente na idade de prata é, que comeso a ver, a afetavam, porque ja de-generava a eloquencia. De que conluo, que os que lem bem polos Anti-gos, e sabem imitalos, escrevem com muita naturalidade, e no mesmo tem-po sublimidade. Quando porem nam se-lem os Antigos, ou, lendo-se, nam se-faz como se-deve; nam se-pode fazer coiza boa. o que, como acima dizia, nasce do-mao metodo, de quem ensina.

Quando em um paiz, florecem com grande applicavam as Artes, é
coiza

(1) *Expectatione promissi tui moveor, ut admoneam te, non ut flagitem: nisi autem ad te quatuor admonitores, non nimis verecundos: qui metuo, ne te forte flagitent: ego autem manda-* vi, ut rogarent. Cicero Epist. famil. 1.9. ep.8. Quintil. = *Efflagitasti quotidiano corvitiu, ut libros jam emittere inciperem &c.*

coiza observavel, que faiem muitos excelentes. No-tempo de *Cicero*, nara só ele falava bem Latim; mas avia uma infinidade que o-falavam, com a mesma pureza, e grafa; e muitos Oradores, de grande merecimento. Se V. P. tira das-cartas de *Cicero*, os nomes de muitos, que lhas-escreveram; entre elas, e as de *Cicero*, nam achará differença alguma. O bom gosto naquelle tempo, era tam refinado, que *Cezar*, e *Atico*, repreenderam alguma palavra de *Cicero*: e o modo de orar deste ultimo, nam agradava a *Bruto*, a *Calvo*, e *Pollio*, que eram omens doutifimos. Toda a magestade, e pureza da-lingua de *Tito Livio*, nam o-livrou, de fer censurado em Roma, por-aqueles delicados criticos. O grande *Asinio Pollio* achou neste escritor, certas palavras, e estilo do-paiz em que nacera; que os omens cultos de Roma, nam lhe-queriam perdoar. tal era o delicado gosto daqueles Senadores, e Cortezocns! Os mesmos Romanos, tinham um demaziado escrupulo, neste ponto. Um Comico, que no-teatro errava uma filaba, e um acento, levava grandifimas furriadas (1). tal era a fineza do-juizo daquela Republica!

Se damos um passo mais atraz, e entramos em Atenas, onde as Artes, e Ciencias tanto floreceram, que dali se-espalharam, polo resto da-Europa; acharemos, que nesta grande escola, até a gente plebeia, polo costume de ouvir orar, e falar bem em publico, aqueles grandes Oradores; tinha aquistado, um tam exquisito gosto da-lingua, que quando os Oradores subiam á tribuna, temiam ofender, com alguma menos boa, exprefam, orelhas tam delicadas. Avia muitos anos, que o Filozofa *Teofrafito* abitava em Atenas, e tinha feito um particularifimo estudo, de falar a sua lingua, segundo o dialeto de Atenas: comtudo isto diz a Istoria, que da-pronuncia de uma palavra, conheceo que era estrangeiro uma molher, que vendia legumes em Atenas (2). Achamos na istoria Grega, mil outros exemplos, que confirmam, quam geral era, o bom gosto da-eloquencia, entre os Gregos. Nas assembleias publicas da-Grecia, em que se-recitavam Poemas, e Istorias ao Povo; sabemos, que muitas vezes regeitaram algumas, por-nam chegarem, à fineza de outras. *Dionixio* o velho, Rei de Saragosa nam era mau Poeta: vistoque com uma das-suas composicoens, alcançou o premio, nos jogos da-Grecia, digo, nos-jogos Olimpicos: mas porque mandára primeiro duas, que nam chegavam ao merecimento, da-terceira, foi escarnecido por toda a assembleia. Deixo outros Antigos.

E, se decemos a estes ultimos seculos, e ao presente, posso mostrar a V. P. com toda a evidencia, que em Londres, Amsterdam, Leiden, Pariz, Roma, Napoles, Padoa, Bolonha, Piza, e outras muitas partes, onde se-cultivam os bons estudos; os que neles sam instruidos, por-pouco

TOM. I.

M

que

(1) *At in his (numeris) si paullum theatra tota reclamant. Cicero l. 3. de modo offensum est, ut aut contractione Oratore n. 50.*

brevius fieret, aut productione longius,

(2) *Cicero, de Claris Orator. n. 46.*

que saltam, aquistam uma particular goito, em todo o genero: e que nes mesmos empregos de Ciencias, e Artes, á infinitos omens excelentes. Do que manifestamente se-prova, que onde se-ensina bem, sempre á omens grandes: e que onde os-nam-á, é uma prova manifesta, do-mao metodo, de quem ensina.

Tenho dito a V. P., quanto a brevidade de uma carta permite, o que me-parece deve fazer, quem quer saber Latim. Poderia acrescentar outras coizas; mas esas sam somente necessarias, aos que querem ser insignes, nas letras humanas. Para V. P. que é tam versado nelas, o que digo, parece ainda superfluo: e para os-outros, muito mais: vistoque nam acho muitos, que queiram esta gloria, e queiram conseguila, com estes meios. Comque páro aqui: E dezejando a V. P. felicissimas festas, e boas intradas de anos; com todo o coraíam me-asino &c.





CARTA QUARTA.

SUMARIO.

Necessidade das-linguas Orientais , principalmente Grega , e Ebraica , para intender as letras Umanas : mas muito principalmente , para a Teologia. Modo de as-aprender. Utilidade da-lingua Franceza , e Italiana , para ser erudito com facilidade , e sem despeza.

MEU amigo e senhor , Talvez esperava V.P. que eu nesta carta , passasse diretamente à Retorica ; e comesasse a discorrer sobre aquella materia , que nos-ocupou bastante tempo ; e nos-deu ocaziam , para fazer muitas , e mui utis reflexoens. Tambem esta era a minha intensam ; se me nam occurrese outra coiza , que julgo ser igualmente necessaria : e que nam nos-ocupará , senam uma carta , e nam mui longa. Falo do-estudo das-linguas Orientais : que muitos desprezam , porque nam tem juizo , para conhecer o bom , rezolusam para o-emprender , e metodo para o-conseguir. Eu nam falei de todas : mas das-duas mais principais , e que todos os omens doutos reputam , que sam sumamente necessarias : e como tais se-ensinam , em quazi todos os estudos , da-Europa culta : tais sam a Grega , e Ebraica.

Sam estas duas linguas em Portugal , totalmente desconhecidas , ainda nas-Universidades : o que é mui observavel : porque Universidade deve compreender , todo o genero de estudos. Os Espanhoes conheceram muito bem , esta necessidade : e vemos que nas principais das-suas Universidades ensinam , nam só estas , mas outras Orientais. Mas em Portugal observe , que nam á noticia delas. Nese collegio das-Artes , dizem que á uma cadeira de Grego : mas como se a-nam-ouvefe , porque nam tem exercicio. Os Seculares , que algumas vezes entram na aula , é para se-divertirem. Os Jezuitas mosos , sam na verdade obrigados , a frequentar por-algum tempo , a dita escola ; e nos-dias santos le-se um capitulo , de *S. Joam Crizostomo* , ou coiza que o valha : mas como todos estes mosos , estam na opiniam , que aquilo para nada serve ; nenhum se-aplica a ela. Depois de quatro anos de estudo , me-dise um , que nam sabia mais , que esta palavra : *ó Theos*. Achei outro , que sabia o Padre noso , e Ave Maria : e destes acham-se alguns : mas nenhum o sabia escrever derepente. Finalmente nam achei algum , que soubesse explicar , quatro regras de Grego , nam digo eu de algum Poeta , ou coiza difficultoza ; mas nem menos do-Testamento Novo , ou algum S. Pa-

áre-facil. E isto observei ainda naqueles, que tinham sido mestres de Grego: (nam por falta de capacidade: mas de applicação) e faza V. P. a experiencia, que achará, que nam minto. Os outros todos, ou sejam Regulares, ou Seculares, nam tem noticia do-Grego, que do-Kyrie Eleison: e do-Ebreo, só conhecem a palavra *Aleluia*, *Amen*, e alguns nomes proprios de omens, ou Cidades, que se acham na Vulgata, ainda-que transfigurados: e contentam-se com esta noticia: Antes rim-se muito, se acazo lhe-dizem, que é um estudo necessario. Mas a verdade é, que aos Teologos é indispensavelmente necessario, sabê-lo; senam a todos, ao menos aos que se-internam na Teologia, e a-ensinam. Senam diga-me V. P. se nacêse uma dificuldade, sobre a intelligencia do-texto Ebreo, ou Grego, ou de algum S. Padre; como muitas vezes succede, conversando com os Erejes, ou disputando entre os Catholicos; a quem se-á-de progar? será necessario escrever, a França, Roma, Veneza, Napoles &c. para saber a resposta? que coiza mais vergonhoza! E que diriam aqueles Teologos, se ouvissem, que aqui nam avia, quem os-intendêse? Mas disto falaremos, em outra parte. Por-ago-ra só digo, que assim como ao Teologo é necessario, intender Latim, para ler a Vulgata Latina; assim tambem é necessario, intender os textos Originais, de que esa Vulgata se-tirou.

Persuadem-se muitos, e alguns, mo-confesáram, que só a Vulgata merece autoridade. isto é, porque nam estudáram a materia. Convem todos os Teologos de boa doutrina, que o Concilio Tridentino, quando declarou *Autentica*, a nosa Vulgata; so a-preferio, às outras Vulgatas Latinas: mas nam a-preferio, nem a-comparou com as Fontes, Grega, e Ebraica. De que vem, que estas conservam oje, toda a sua autoridade: e por-elas se-emendou a Vulgata, no-tempo de Sixto V., e Clemente VIII. e ainda oje se-pode emendar, em varias coizas, que nela advertem os omens doutos. E por-este principio fica claro, que pode aver grande utilidade, e necessidade, em consultar as ditas Fontes.

Alem da-Escritura, temos os SS. Padres da-Igreja Grega, que escreveram na sua lingua. O Teologo todos os instantes tem necessidade, de consultar estes Originais: porque as versões nem sempre sam fieis. Muito mais porque nam se-ignoram as controversias, que todos os dias nadem, nas escolas Catholicas, sobre as palavras dos-Padres, e dos-Concilio. Alem disto, o Jurista tem necessidade do-Grego, para alcançar o verdadeiro sentido, de muitas constituições Imperiais; que foram escritas em Grego. O Canonista o mesmo: visto que deve procurar, as fontes da-Diciplina Ecclesiastica: a qual pola maior parte, determinou-se nos-Concilio: muitos dos-quais celebráram-se no-Oriente: e ainda algum no-Occidente, em Grego; como o Florentino no-tempo de Eugenio IV. Tambem para intender, o Decreto de Graciano, que se-funda todo, sobre a antiga Diciplina: e os mesmos PP. Gregos. O Medico tem necessidade do-Grego, para intender as obras, de Ippocrates:

para

ver o que disse Galeno, e Areteo de Capadocia; que, depois de Ipoocrates, foi o melhor Medico dos-seus tempos: e alguns outros. E' tambem necessario ao Medico, para entender a Anatomia, e suas partes, cujos nomes são Gregos: nam avendo Ciencia, em que se-encontrem mais nomes Gregos: como tambem para entender os nomes, de muitas enfermidades. Nisto cuidando que convirão sem dificuldade, os meimos Peripateticos, se quizerem examinar o caso. Mas eu paio adiante, e digo, que as Letras Umanas, e ainda a mesma Latinidade, nam se pode entender bem, sem alguma noticia do-Grego. Os Romanos adotaram infinitos termos Gregos: cuja propria significação nam se-alcança, sem saber o Grego. As mesmas declinações, e dezinencia de muitos Verbos, pedem alguma erudição Grega. mas isto só se-entende, quem se-familiariza com o Latim.

Quanto pois ao estudo do-Grego, e Ebraico, nam é ele tam embaraçado, como o-pintam. Os Mestres podiam brevemente dar, alguma noticia do-Grego: nam se-cansando em explicar, todos os preceitos de Gramatica (este é o defeito de muitos Profesores). Basta ao principio saber, as declinações, e conjugações, sem falar nos-dialetos. as anomalias podem-se deixar; e basta que com o tempo se-observem, quando se-vai lendo. As outras partes da-Gramatica basta velas uma vez, para as-saber procurar, quando será necessario. Depois, toma-se um autor, que tenha junto a versão Latina: e em cada voz se-deve observar, se é raiz, ou nam: e quando duvidar, procuralo no-Dicionario. Em um mez, ou dois, pode conseguir, bastante noticia destes principios. depois, com o socorro do-Dicionario, e da-versão, deve comesar a explicação, de algum autor facil. Os Historicos, e Prozadores devem ser preferidos, aos Poetas; como mais difficultozos. Um homem douto-ensina, que se-deve seguir este metodo. 1. Ler os Estrategemas de *Polyeno*, que são mui claros: os Dialogos de *Luciano*, e principalmente os Caracteres Ethici, de *Teofrasto*; que é elegantissimo. 2. os dois famosos Historicos, *Xenofonte*, e *Erodoto*: que encerram as delieadezas, e graça, da lingua Atica. 3. a estes podem seguir-se *Tucidides* Historico; *Isocrates*, e *Demostenes* Oradores; e *Platam*, Filozofio o mais eloquente, e culto da-Antiguidade. Quem chegar a entender bem estes, tenha a confiança, que sabe bem Grego. Pode-se aprender alguma noticia, dos-costumes Gregos, nas obras de *Ubbo Emmius*, e *Joannes Meursius*, que são os que melhor explicaram, as antiguidades Gregas. Outros querem, que se-comece pelo *Evangelho de S. Lucas*, e *Atos dos-Apostolos*; ou pelas tabulas de *Esopo*: depois *Luciano*, *Erodoto*, *Xenofonte*, *Isocrates*: e no-fim *Omero*, e *Plutarco* e alguma coisa de *Demostenes*. Um, e outro destes metodos se-pode seguir: mas agrada-me mais o primeiro. O principal ponto está, que nestes principios, quando se-acham lugares difficultozos, deve-se passar adiante: e ler os autores saltiados, por-nam enfastiar os rapazes.

Sobre os Poetas nam me-canso em dizer muito: porque quem tem

noticia da-lingua , tem ja bastante luz para ver , como se-á-de regular , na sua lifam. Concordam os omens da-profifam , que o melhor Poeta , e mais claro é *Arijtofanés* : mas é bastantemente obscuro. Onde , quem nam souber ler tais coizas , sem perigo ; deverá pafar a *Omero* , e *Esiado* , que fám os mais facis entre os Eroicos , e que se-fervem de exprefoens , mais claras. Verdade é , que nestes Poetas , á uma difficuldade nam pequena , que confifte , na variedade de dialetos , e inflexoens , e mudanfas de palavras , proprias-dos Poetas : mas a isto se-fupre com o Dicionario , que explica diffintamente , estas palavras. Aconselham os doutos , que , antes de ler *Omero* , leia-se o *Everhardo Feithio* = *Antiquitates Homerica* : no-qual ele defcreve a iftoria , dos-tempos Eroicos , de que trata *Omero*. Dos-Poetas Eroicos pode-se pafar , aos Bucolicos , que fám *Mofcho* , *Bion* , *Teocrito* ; para aprender o dialeto Dorico , em que efcrevem : fervindo-se do-pequeno Dicionario , de *Schrevelius*. A melhor edifam deftes autores é , a de *Daniel Heinfio* : em que , alem das-defte , se-acham tambem as notas , de *Scaligero* , e *Casaubon*. Despois pode ler , os Poetas Tragicos : entre os quais os mais facis , e judiciozos fám , *Euripides* , e *Sophocles* : porque os outros , só os-podem intender , os que fám bem praticos da-lingua. E como fuponho , que o estudante neste tempo , (isto nam se-faz nas primeiras efcolas : mas quando um é ja adiantado no-Látim) terá ja noticias , das-leis da-Poezia ; pode , lendo estes autores , ir descobrindo , e bebendo na fua fonte pura , as grafas da-Poezia , em todos os generos.

Uma coiza porem é necesario advertir , nam só aos dicipulos , mas tambem aos mestres , porque neste defeito caem muitos profefores publicos : e vem a fer , que nam se-cansem em mandar compor , aos pobres rapazes : porque esta lingua , que oje é morta , nam é necesario falála , basta entendela com facilidade. Encontram-se muitos , que explicam aos rapazes , trez , ou quatro regras de Grego , e obrigam-nos á compor , paginas inteiras. Onde vem a cair no-mefimo defeito , que em outra carta ja dife , (falando da lingua Latina) de quererem , que os rapazes fejam mestres , naquela materia , na qual nam chegará ainda afer , dicipulos. Em uma palavra : a experiencia enfina , que é absolutamente necesario , intender Grego : e que é inutil , o efcrevelo ; quando um omem nam está empregado em coizas , que o-pesam.

Sobre ás Gramaticas , á oje tantas , que é superfluo , que eu diga coiza alguma. Muitos fám apaixonados , pola de *Clenardo* , com as notas de *Antefignanc* : porque nelas se-acha com facilidade , o que só com grande trabalho se-bufca , em outros livros : e tambem enfina o uzo da-Gramatica , reduzindo-a aos preceitos gerais : o que ilustra muito o intendmento. Mas oje afentam todos , que a de *Lanceloto* , a que chamam de *Porto real* , é a mais facil , e as reflexoens mais solidas. mas é em Francez , ou Italiano , e nam é para o cazo. Alem deftas , á infinitas mais modernas , que fám
mui

mui boas, e Latinas. Um amigo noto compoz a Gramatica Grega, e Ebraica, cada uma em duas folhas de papel grande, com uma clareza inimitavel, para um principiante. Procuro que a-imprima, para utilidade dos-Portuguezes. é sem duvida a mais facil, que tenho visto nesta materia. No-
cazo que o estudante nam tenha, quem o-aconselhe, na eleisam de livros; deve sempre apegar-se a uma Gramatica, das-mais modernas, e mais breves: principalmente compostas por-alguns seculares, Inglezes, Olandezes, Alemaens, e alguns Francezes. Porque como estes nam leguem as leis, que obrigam alguns Regulares, a nam se-desviarem, dos seus antigos metodos; procuram sempre, melhorar no-metodo, e na intelligencia: como a experiencia me-tem mostrado. E nestas letras Umanas é sem duvida, que os Se-
culares excedem muito, aos Regulares.

Sobre o Dicionario, parece-me que o estudante deve servir-se, do-
Scapula, que costuma reduzir todos os *derivados*, à sua *raiz*. Isto ao prin-
cipio cauza dificuldade, porque se-ignora, que coiza os *derivados* acrecen-
tam, sobre a *raiz*; para os-poder separar, e procurar no-seu lugar. Mas nest-
te cazo basta procurar, no-fim do-Lexicon, a voz como se-acha; que ali se-
ensina, de que raiz vem, e onde se-deve procurar. E desta sorte aprende um
omem, o verdadeiro modo de separar os *derivados* das-suas *raizes*: e fica
com a intelligencia, de uma quantidade de termos: coiza que vale infinita-
mente nesta lingua. Se o estudante pouco a pouco aprendese de memoria,
as *raizes*; faciitaria muito este estudo, e intenderia mais depresa os *deriva-
dos*. O ponto todo está em nam deixar totalmente este estudo, por-todo o
decurio da Latinidade, e Retorica: porque aindaque só expliquem, duas
regras cada dia, no-cabo de um ano, adianta-se muito.

A Gramatica Ebraica é muito mais facil, que a Grega. Antiga-
mente escreviam os Ebreos, sem vogais: e o verdadeiro modo de pronun-
ciar, pasava de pais a filhos, por-tradisam: e ainda oje a Biblia, que se-con-
serva nas suas sinagogas ou escolas, costuma escrever-se sem vogais, como
eu vi muitas vezes. Mas depoisque os Ebreos, tornaram do-cativeiro de Ba-
bilonia, e, com permisam de *Artaxerxes Longimano*, restableceram a Igre-
ja Judaica, e todos os ritos da-sua antiga religiam: entam, segundo se-pre-
zume, se inventaram os ditos pontos, ou vogais. Certa coiza é, que neste
tempo os Ebreos, tinham perdido a sua lingua; e só intendiam a Caldeia.
Onde nas sinagogas, que entam se-introduziram, era necessario, que um
interprete explicasse em Caldeo, as palavras da-Biblia, que outro proferia e-
lia em Ebreo. E como uma lingua morta, nam se-pode aprender, nem
ensinar, sem vogais; fica claro, que os doutores, que com *Esdras* publicá-
ram, uma edisam correta da-lei, os-inventaram, para poderem ensinála,
aos que ignoravam a lingua. E^c porem provavel, que entam somente inven-
tasem, as cinco vogais: e nam tantas, como ao depois se-uzaram. Esta no-
ticia conservou-se, nas escolas dos-Gramaticos, ou escolas de ler: (entre os
Ebreos)

Ebreos avia escolas de Gramatica ; e outras de Teologia) mas nam nas escolas de Teologia : porque os omens dou os, que ja sabiam a lingua, nam necessitavam dito. Mas despois da-ultima destruiçam de Jerusalem, no-ano 70. de Cristo, tendo-se espalhado os Ebreos, por-todo o imperio Romano ; e muito principalmente, despois da-dispersãem que tiveram, no-tempo de Adriano ; acrecentando-se todos os dias as *tradiçoens*, foi necessario escrevêlas, para se-poderem conservar na memoria, e chegarem a todos. Isto fizeram eles, polos anos de Cristo 150. : cujo livro chamam *Misná* ; que é um corpo de toda a doutrina dos-Ebreos, ritos, ceremonias, e religiam. A esta fizeram dois comentarios : um em Babilonia, polos anos de Cristo 300. : outro em Jeruzalem 200. anos quazi despois. E deste Comento, e da-*Misná*, se-compoem os dois *Talmudes*, que ainda oje temos.

Isto suposto, vendo os doutores, que os *pontos* dos-Gramaticos eram utis, para conservar a antiga maneira de ler ; adotaram os ditos *pontos*, e comesaram a servir-se deles, pouco mais ou menos, no-seculo quinto de Cristo. Muitos suspeitam, que se-deve isto aos doutores, da-escola de *Tiberiades*. Seja como for, o que sabemos de certo é, que desde esse tempo, comesaram a escrever certos sinais, debaixo, e defima das-consoantes ; paraque todos os Ebreos, pronunciassem as vozes Ebraicas, segundo a antiga tradiçam. De entam para cá é, que á noticia expresa, das-vogais (1). Mas como os Ebreos sempre foram misteriozos ; para ocultar o verdadeiro sentido do-texto Ebreo, inventaram tanta vogal que nam se-le, entre outras que se-lem ; que esta é oje a maior dificuldade, desta lingua. Umas vezes a mesma vogal le-se : outras, nam se-lé : umas vezes converte-se em outra, e talvez nam se-converte : e isto embarasa muito os principiantes.

Intendido isto, o metodo de aprender o Ebraico é, aprender aconhecer, e unir as letras, e proferir as disoens : porque a pronuncia diligente samente é necessaria, aos que querem falar, nam aos que samente a-querem intender. Deixando ao principio, aquela infinidade de excessões, sobre a mudansa de pontos, &c. deixados os infinitos acentos, que para nada servem : basta ter noticia, das-regras gerais, para saber ler, e pronunciar facilmente. Daqui pasa-se às declinaçoens dos-Nomes, e seus diversos estados. A maior dificuldade está, nos-Verbos : porque tem terminasam masculina, e feminina, o que ao principio parece imbarasado : aindaque com o tempo, ajude muito para intender, com quem, e de quem se-fala ; se com omem, ou com molher. Deve pois saber distintamente, quais sam os verbos *quiescentes*, e *defetivos*. As anomalias deles podem-se deixar, porque se-aprendem com o uzo. Esta lingua nam tem sintaxe particular : e todos os idiotismos aprendem-se em meia ora. Daqui deve pasar a ler a Biblia, tendo sempre presente um Dicionario, v.g. o Compendio Hebraico Chaldaico de *Bux-*

tor-

(1) Veja-se Ludovicus Cappellus Buxtorf. Filium.
in Arcano punctuationis, contra J.

verso. É utilissimo servir-se do-texto Hebreo, com a versam literal de *Pagnino*, correta por *Montano*: porque alem de que se-aprende, a propria significam dos-vocabulos, tem à margem, boas notas de Gramatica, e aponta as *raizes*. O que ajuda muito um principiante, principalmente se a-quer bulcar, no-Lexicon: e é muito necessario saber, quais sam as raizes, para ter iunciente noticia, da lingua. Com o tempo observa-se a Sintaxe da-lingua, e os idiotismos, ou maneiras proprias de se-explicar, diferentemente das-outras linguas: o que le-reduz a poucos pontos, e se-aprende do-contexto.

Os livros que primeiro se-devem ler, sam os mais facis, como o Pentateuco, os livros dos-Juizes, e Reis, Paralipomenon. Os Profeticos, e Sapienciais podem rezervar-se, para outro tempo, por-serem mais oíscuros. Mas para intender estes livros, e necessario preparar-se com a lisam, das-antiguidades Ebraicas. O Senhor de *Fleury* publicou um tratadinho, dos-costumes dos-Israclitas, em Francez, que tambem se-acha em Italiano: que me-parece proporcionado, para um principiante: e é escrito com grande atençam. Podem tambem servir, a *Politica Judaica = de Bertramo: Respublica Hebraeorum = de Sigonto, ou de Cuneo*; que sam muito boas. Nam apon-to livros de maior erudicam, porque nam servem, para estes principios. Se a isto que dizemos, ajuntar cada dia, a lisam de um capitulo da-Escritura, e consultar nas coizas em que duvidar, a versam Grega dos-LXX.; ou as Concordancias de *Conrado Kirker*; poderá conseguir facilmente, bastante noticia da-lingua Ebraica. Isto digo, para um principiante: porque para os Teologos de profisam, a seu tempo direi, que mais é necessario, nesta materia. Este estudo, como tambem o da-lingua Grega, uma vez que se intendeo, pode continuar-se em dias alternados, por-todo o tempo dos-ou-tros estudos, sem perturbam alguma: porque a estas linguas basta consagrar, as oras menos preziozas do-dia.

Isto é, o que muita gente nam intende, ou nam quer intender, nestes paizes: porque quando nam tem, outra razam que dar, alegam a dificuldade da-dita lingua, e a pouca utilidade, que de'a se-tira: aqual nam basta para compenfar o trabalho, que se experimenta em aprendela. Segu-ro a V. P. que com grande admiracam minha, ouvi isto a alguns, de quem formara bom conceito; e que totalmente se-desvanecceo, com este discurso. Nam acho que falarem assim, alguns antigos Portuguezes, que cuidoo sabiam um pouco mais, do-que estes, que agora respondem assim. antes polo contrario acho, que alguns Religiozos antigos, applicaram-se a estas linguas com cuidado, e por-isto iam mais conhecidos, no-mundo literario, do-que estes, com quem prezentemente conversamos. Eu attribuo isto, à maior comunicam que entam avia, com os doutos das-Naçoens estrangeiras: pois só acho vestigios de maior erudicam, quando a este Re-ion vinham ensinar, os Estrangeiros: ou quando os Portuguezes iam apren-

der, e ensinar, fóra dele. Polo contrario despois que se-deixou, este comercio literario, vejo as coizas mui mudadas.

Nam podem ser occultos a V. P. os nomes de alguns deles. O P. *Jeronimo Oleastro*, Dominicano Lisboense, que cuidou se-chamá-se *Jeronimo da-Zambuja*, compoz um comentario Ebraico ao Pentateuco, e cuidou que a outros livros mais, se-nam me-engano; poisque averá anos, que vi esta obra. Acho tambem citado um certo D. *Pedro*, Conego Regular, e um Fr. *Eitor Pinto*, Jeronimiano, ambos Portuguezes, por-omens mui verificados, na lingua Ebraica: aindaque eu nam posso, formar juizo das-tais obras, porque as-nam-vi. Mas tenho motivo para suspeitar, que fofem omens doutos, vistoque aprendiam as linguas originaes, para comentarem a Escritura. Tambem achei um Religiozo meu, quero dizer Observante, chamado Fr. *Francisco de S. Luiz*, Lisboense, posterior aos ditos; que floreceo no tempo do-Concilio de Trento, e alguns anos despois. Este tal compoz em Italia, uma Gramatica Ebreica, com o titulo = *Globus Canonum & Arcanorum lingua Sancta, & Sacra Scriptura* = que é um livro bem voluminozo em 4. e que dedicou ao Cardial de Medici, impresso em Roma 1586. Este tal autor, (que, segundo diz, fora no-seculo leitor de Leis em Coimbra, e Salamanca; e se-metèra Frade em Espanha) dá a intender, que compuzera o livro em Italia: declarando, que de cincoenta anos aprendèra o Ebraico, que ao despois foram as suas delicias. Onde persuade com muitas palavras, a necessidade da-dita lingua; e se-enfastia, contra os que a-regeitam. Com effeito o omem parece bem informado, da dita lingua: aindaque caile no-defeito, dos-Gramaticos do-seu tempo; quero dizer, em fazer uma confuzissima e mui enfadonha Gramatica; na qual quiz epilogar, quanto achou em *Elias Levita*, e outros Rabinos: como tambem em varios autores, que o precederam. Mas este era defeito daquele tempo, em que nam sabiam, que coiza era bom metodo. Contudo é verdade, que o dito P. fez um grande progresso, na dita lingua, em uma idade maior; na qual tambem estudou Teologia: e entre occupaçoens de predicas, e outras semelhantes, segundo diz, nunca deixou, este estudo tam util.

Esta noticia que dou do-tal autor, é porque ignoro, se V. P. tem noticia dele, visto escrever longe de Portugal. Acrescento a este, o P. *Macedo*, Portuguez, e da-mesma Religiam: omem de prodigioza memoria, (aindaque nam de igual juizo) segundo mostrou nas suas famozas concluzoens, que defendeo em Veneza, de que V. P. tem boa noticia: que sabia a lingua Grega; segundo me-diseram alguns dos-seus Religiozos, da-mesma Provincia.

Do-Grego tambem no-seculo 16. avia mais noticia, que nam á oje, neste Reino. Polos tempos do-Concilio de Trento, nm tal *Joam Vaz*, que foi mestre de Umanidades em Salamanca, sabia bem Latim, e Grego:
e no-

e no-mesmo tempo *Fernando Soares*, que compoz uma Grammatica Latina, para uzo do-Duque de Bragança, impressa em Evora no-ano 1572. eia sufficientemente informado, do-Grego. Ajunto a estes, o Bispo *Jeronimo Osorio*, o qual nam só aprendeo fóra de Portugal Latin, bem, mas teve bastante noticia do-Grego, e Ebreo: e podia nomiar alguns outros, que agora nam me-ocorrem. Doque se-segue, que naqueles tempos, os mestres Portuguezes, nam seguiam o parecer, que agora vejo tam commum, de-que estas linguas Orientais devam desprezar-se. Onde com estes exemplos, podiam muitos aplicar-se, a coizas mais utis à Republica. Eu aponteí algum exemplo: pode ser que ajam muitos mais, e de linguas peregrinas: porque eu nam escrevo esta historia.

Seria tambem justo, que o estudante com o tempo, aprendese Francez, ou Italiano, para poder ler as maravilhozas obras, que nestas linguas se-tem composto, em todas as Ciencias; de que nam temos, tradusoens Latinas. Antigamente intendiam os doutos, que era necessario saber Latin, para saber as Ciencias: mas no-seculo passado, e neste presente, dezenganou-se o mundo, e se-persuadio, que as Ciencias se-podem tratar, em todas as linguas. Parece-me que com muita razam: porque a maior dificuldade das-Ciencias consiste, em serem escritas em Latin, lingua que os rapazes nam entendem bem. Onde nam só sabem mal a materia, mas o tempo que deviam empregar, em a-estudar, ocupam em perceber a lingua. Com esta advertencia, os Inglezes, Olandezes, Francezes, Alemaens &c. comesaram a tratar todas as Ciencias, em Vulgar. Esta oje é a moda. Os melhores livros acham-se escritos, em Vulgar: e qualquer omem que saiba ler, pode entender na presente era, todas as Ciencias. Nam que isto seja totalmente, ideia nova: porque me-lembro, ter lido uma carta de *Paulo Manucio*, escrita a *Diogo Hurtado de Mendonça* Embaixador Cezareo, dedicando-lhe os livros Filozoficos de Cicero; emque se-diz, que o maior impedimento das-Ciencias é, serem tratadas em linguas estrangeiras, digo, Latina &c. O que o dito *Manucio*, com toda a paixam que tinha à lingua Latina, nam dezaprova. Desorteque ja no-seculo 16., emque o mundo comefou a abrir os olhos, em muitas coizas, pensavam assim: o que porena somente se-executou, nestes ultimos tempos. De certo tempo a esta parte, os noíós Italianos comesaram a seguir, o metodo dos-Françmontanos. Comefou isto, traduzindo os livros Inglezes, e Francezes: despois, passaram a compor originalmente. Desorteque quem oje quer ter, muitas noticias boas com facilidade, deve entender Francez, ou Italiano. Este estudo nam pede grande tempo, podendo servir-se dos-livros Latinos, que tem a tradusam literal Franceza; como sam o *Terencio*, e *Oracio*, de *Madame D' Acier*, e de um Jezuita &c. E estes mesmos autores Latinos, se-acham traduzidos em verso Italiano, desorte do-Latin, por dois omens mui dōutos de-Italia. O Italiano é mais facil. Mas nam in-

tenda V. P. que eu sou tam inexoravel, que queira carregar os pobres rapazes, com tanto pezo. nada aponto, que nam vise executar a muitos rapazes: e posso afirmar a V. P. que estes estudos, nam sam dificultozos em si mesmo: o mau metodo os-pinta dificultozos. Contudo nam obrigo: aponto somente a utilidade. Quando o estudante nam se-ache, com esta dispozisam, pode rezerválo para tempo mais descansado. Fico ás ordens de V. P. como seu criado &c.





CARTA QUINTA.

S U M A R I O.

D *Iscorre-se da utilidade, e necessidade da-Retorica. Mao metodo com que se-trata em Portugal. Vicios dos-Pregadores: que sam totalmente ignorantes de Retorica. Que absolutamente deve deixar o antigo estilo, quem quer saber Retorica.*

FINALMENTE é tempo, de pasarmos à Retorica: para com ela completar os estudos, das-escolas baixas. Sei que V.P. tem gosto, de ouvir-me falar dos-outros: e me-faz a merce nesta sua dizer, que imprime as minhas carta; na memoria: mas sei tambem, que de todos os estudos das-Umanidades, de nenhum tem mais empenho, que da-Retorica. Pois se bem me-lembro das-nossas conversações, conheci entam em V.P, um ardente dezejo, de-me-ouvir falar nesta materia; e de querer instruir-se, dos-particulares estilos de Retorica, e muito principalmente dos-sermoens, de outros paizes: porque me-dise, que nam lhe agradava, o estilo deste Reino: o qual muitas vezes seguira, por-necessidade. Nesta carta direi brevemente, o que me ocorre, sobre os defeitos, e tambem sobre o modo de os-evitar.

A Retorica naceo na Grecia, como todos os outros melhores estudos: e de la se espalhou, polas mais partes da-Europa. E' mais moderna, que a Gramatica, mas teve a mesma origem. Querendo os omens na Grecia, periuadir aos Povos, varias coizas; foi necessario que observassem, como eles se-persuadiam; e quais eram os meios, comque se-moviam, as paixoens do-animo. De que naceo esta arte, a que chamam Retorica: que é quazi tam antiga, como a Filozofia; quero dizer, que comefou a florecer, despois da-metade do-quarto milenario. Agradou esta erudicam aos Romanos, que se-regularam polo mesmo metodo: e tanto se-entregaram a ela, que, se nam excederam aos Gregos, na ciencia; sem duvida excederamos na applicacam, e exercicio: porque na verdade chegaram a namorar-se, da-sua galantaria, e utilidade. Dos-Romanos a-receberam os outros Povos, e Nasoens: entre as quais as que mostraram mais juizo, applicaram-se a ela com cuidado, polos mesmos motivos.

E, na verdade, nam á coiza mais util, que a Retorica: mas nam á alguma, que com mais negligencia se-trate, neste Reino. Se V.P. observar,

var, o que os mestres ensinam nas escolas, achará, que é uma embrulhada, que nenhum homem, quanto mais rapaz, pode entender. Primeiramente, ensinam a Retorica, em Latim. Erro consideravel: porque nada tem a Retorica, com o Latim: sendo que os seus preceitos comprehendem, e se exercitam em todas as linguas, daqui nasce o primeiro dano, que é, que os rapazes nam a-intendem, porque ainda nam intendem Latim: e nasce tambem o primeiro ingano, que é persuadirem-se os ditos rapazes, que a Retorica só serve, para as orações Latinas. Assim me-respondêram muitos, nam só rapazes, mas tambem sacerdotes. Do-que eu conclui, que saiem da-Retorica, como nela intráram: e examinando as Retoricas, que eles aprendem, fiquei tambem persuadido, serem elas tais, que nam podiam produzir, outro fruto.

E, valha a verdade, nam só os rapazes que estudam, mas nam fei se os mesmos mestres, vivem persuadidos desta razam: porque observei, que falando-lhe muito, em exemplos Latinos, nam se-servem dos-vulgares, para mostrar o artificio da-Retorica. Como se os preceitos só servissem, para compor Latim, e orações estudadas: ou como se nas linguas vulgares, nos-discursos familiares, nam pudessem ter lugar, os preceitos da-Arte! E com isto ficam novamente persuadidos os estudantes, que só para orações Latinas, serve a Retorica.

Mas por-pouco que se-examine, o que é Retorica, achar-seá, que é *Arte de persuadir*: e por consequencia, que é a unica coisa, que se-acha, e serve no-comercio humano; e a mais necessaria para ele. Onde quem diz, que só serve para persuadir na cadeira, ou no-pulpito; conhece pouco, o que é Retorica. Confesso, que nos-pulpitos, e cadeiras faz a Retorica gala, de todas os seus ornamentos: mas nam se-limita neles: todo o lugar é teatro para a Retorica. Nam agrada um livro, senam é escrito com arte: nam persuade um discurso, se nam é formado com metodo: finalmente uma carta, uma resposta, todo o exercicio da-lingua, necessita da-direçam da-Retorica. A mesma Filozofia, serve-se utilmente da-elegancia. A Teologia tem necessidade dela; porque (como adverte um homem douto) nam pode explicar as verdades espirituais, que sam o seu objeto, senam vestindo-as de palavras sensiveis, com que as-persuada. A Lei ou Civil, ou Canonica, nam se-pode dispensar, da-Retorica. Como á-de orar um Advogado, informar o Juiz, defender o Reo; se ele nam sabe, em que lugar devem estar as provas, ou de que prova á-de servir-se, para aclarar a verdade da-sua cauza, e excitar os afetos do-Juiz? Como á-de compor uma escritura, se ele nam sabe, o metodo de a-tecer, de dilatar os argumentos, e servir-se das-suas proprias razoens?

O discurso de um homem despido de todo o artificio, nam pode menos, que ser um Cahos. Poderá ter boas razoens: excogitar provas mui fortes: mas se as-nam-sabe dispor com ordem, quem poderá entendê-lo? quem se-persuadirá delas? A disposiçam das-partes, dá nova alma ao todo:

con-

convida a conhecer as proporções: mostra a relação, e dependência, que umas tem das-outras: coloca na sua justa proporção, o que de outra sorte não se poderia entender. Os diamantes, os rubis, e outras pedras preciosas são belas, e servem de grande ornamento: mas segundo o lugar em que estão. Encastoadas com artifício, mostram toda a sua galantaria, e dão novo lustre à mesma prata, e ouro que as rodeia; e ornão muito as pessoas, que as trazem: postas porém sem ordem em um monte, ou misturadas com outras pedras, não parecem preciosas, mas ou pedras grosseiras, ou cristais. Os astros, que compõem a beleza do-Universo, não têm em si mesmos, beleza alguma: mas a proporção os-faz vistozos. Quem vê a Lua de perto, acharia um globo, sem diversidade alguma deste terreno: o mesmo digo, dos-outros planetas opacos. Quem examina-se de vizinho o Sol, não veria mais, que uma fogueira: o mesmo digo, dos-outros igneos. Mas todos estes vastos globos, postos na sua justa proporção, fazem tal efeito, mostram tão extraordinária beleza; que é um famoso argumento, para ver, a suprema mão que os-criou. O Sol posto no centro do-Universo, segundo a hypothese (que agora supponho) de Copernico, dá luz aos mais planetas, alma ao Mundo, vigor à terra, utilidade aos homens, e gloria ao seu criador. Se se chegasse mais vizinho a nós, queimaria tudo: e acabava-se o Mundo. É eis aqui o efeito, da-bom proporção e ordem.

Um homem douto advertidamente chamou à Retórica, a *Perspectiva da razão*: porque na ordem intelectual faz o mesmo, que a Perspectiva, nas distancias locais. Em uma taboa liza, desenha a pintura um palacio, com imensa profundidade: e muitas vezes com tal artifício, e tão semelhante ao natural, que se-enganam os olhos. Não são as cores que originam, esta deliciosa equivocação; porque com uma só cor, se-consegue o mesmo intento: mas a disposição das-partes, o saber pôr cada uma na sua justa distancia, o saber-lhe dar as sombras, com proporção da-arte, produz este maravilhoso efeito: e faz que eu veja, reconheça, e admire, o que de outra sorte não poderia ver. Este mesmo é o caso da-Retórica. Ela tem força tal, que me-obriga a descobrir, o que eu de outra sorte não veria. Os materiais podem ser simpleses, as razões muito singelas; mas a disposição delas fará efeitos tais, que sem ela não se-consequiriam. eu verei, e entenderei, o que sem ela não é fácil entender. Ora de toda esta doutrina se-conclue, a extensão da-Retórica: porque sendo ela a que dá alma, a todos os discursos; e novo peso a todas as razões; fica claro, que tem lugar em toda a parte, em que se arregaça e discorre.

Dirmeão, e já me-diferam alguns, que este discurso é dirigido, a introduzir um estilo afetado nas conversações; e carregar todos com o peso, de falar por-tropos e figuras: não proferir discurso, que não seja segundo as regras da-arte: cuja afetação é pior, que falar sem Retórica.

Mas esta objecção é igualmente distante, da-boua razão, que do meu intento; e é unicamente fundada, em não saber, que coiza é Retorica. Permita-me V. P. que eu me dilate alguma coiza, neste particular, para explicar o que digo, o que devo, e livrar a muita gente, deste prejuizo.

Os rapazes, que estudam nestes paizes, não sabem nada de Retorica, porque lha-não ensinam: Os que são adiantados, e continuaram os estudos, sabem ainda menos; porque beberam principios, tão contrarios á boua razão, que ficam impossibilitados, para se emendarem. Em todo este discurso protesto, que não falo daqueles omens, que com raro juizo, e fina critica se-dezenganaram, das-preoccupações comuns, e seguem outra estrada: dos-quaes eu conheço alguns: falo somente do-Comum, e falo fundado nas suas obras: nas quaes se-reconhece a verdade, de quanto digo. Estão todos persuadidos, que a Eloquencia consiste na affectação, e singularidade: e, por-esta regra, querendo ser eloquentes, procuram de ser muito affectados nas palavras, muito singulares nas ideias, e muito fóra de-proposito nas applicações. Tem V. P. muito bello exemplo nos-sermões: que eu, para maior clareza, dividirei em varias especies.

Encomenda-se um sermão v. g. de Exequias, de um General. O meu bom Pregador mostra aqui, todo o seu ingenho, e eloquencia. Saie logo um texto da-Escritura, para tema: e á-de ser do-testamento Velho, porque á-de ser profetico. No-sermão mostra o Pregador, que estava revelado, na escritura da-Antiga Igreja, que aquelle General avia fazer famozas acções: e não só acções *in genere* eroicas, mas especialmente estava relevado, que avia ganhar a batalha do-Canal, ou das-linhas de Elvas. E isto estava profetizado, com tanta individualidade, que não se-podia dezejar mais. Depois, vai recolhendo as outras profecias, da-vida daquelle General. Mostra, que a batalha de Saul contra os Filisteos, era figura da-grande batalha, que o seu eroe ganhou. Se succedeo, que nesta batalha algum piquete, dese principio á acção; se era em partes montuosas; não deixa de observar, que tudo isto tinha já succedido a Jonatas, e ao seu escudeiro: onde vem, que até aquella circumstancia, estava profetizada. Passa adiante, e começa a levantar, e requintar pensamentos. Diz, que o seu eroe, era maior que Saul, não só de corpo, mas também de animo: que era mais afortunado que David: mais prudente que Salomão: E se não á logo um texto claro, com que se-prove isto, não falta um expozitor, que diga uma palavra, da-qual o Pregador conclue manifestamente, que o texto não se-pode entender, de outra sorte.

Daqui passa um pouco mais para baixo. Mostra, que Alexandre Magno, em sua comparação, era um ridiculo: que o seu eroe tinha na coração, ao menos, como metade da-America: que fez coizas, que a ninguém vieram á imaginação: e que somente a ele se-pode applicar o, *Siluit*

ra in conspectu ejus. Se tem alguma noticia de-Istoria, nam deixa de mostrar, que Julio Cezar, Paulo Emilio, Quinto Fabio, Anibal, Pirro, &c. podiam ser seus dicipulos. E outras coizas destas, que se o dito General fosse vivo, e as-ouvise, nam podia deixar de envergonhar-se, de tal panegirico. Isto quanto ao assunto. Quanto à disposiçam: Despois de um grande exordio, e comumente improprio, divide o sermam em trez pontos: raras vezes em dois: rarissimas conclue com um só discurso. Promete mostrar em cada um, que o seu eroe teve uma singularidade, a maior do-mundo: o que tudo quer tirar, da-Sagrada escriptura. Pede a grãsa, paraque Deus lhe inspire, o que deve dizer, em materia de tanta importancia: e prosegue o sermam na fôrma dita.

Se pois as exequias sam de Molher, faie logo, o *Mulierem fortem quis inveniet?* e nam a-tendo achado o Sabio, afirma ele, que a gloria de achar esta mulher, estava rezervada à sua diligencia. E aindaque a Senhora fosse Religioza, e de animo pacifico; nam pode deixar de intrar, o fato de Judita; em que ele mostra, que a dita Senhora é Judita: a sua espada eram as diciplinas, e cilicios: Olofernes era a figura do-mundo, que ela matou, e prostrou com facilidade, &c. Mas como na escriptura Antiga, á poucos exemplos de molheres eroicas, recorre logo à Nova, e la vai buscar, a Molher do-Dragam, e outras destas figuras. Finalmente, discorre das-virtudes da-dita Senhora, polo estilo das-do-General.

Nam me-negará V. P. que esta é a pratica deste Reino: porque lhe-mostrarei, muitos livros impresos, em que se-acham estes sermoens; e de omens que tiveram, e conservam grande fama. Progunto agora: acha V.P. que isto é pregar? que é saber discorrer? que é ser eloquente? Em primeiro lugar, o tema da-Escriptura, e as provas tiradas dela, sam erro de toda a consideraçam. Estes Pregadores nam devem ter lido, o concilio de Trento (1), que proibe, uzar das-palavras sagradas, applicadas a coiza profana: nam devem saber, que é exprefamente proibido, explicar a Escriptura, senam segundo a expoziçam, dos-SS. PP. da-Igreja. Concedo, que um expoziçor moderno, disese alguma propoziçam, que se-pudese aplicar ao assunto: por-iso ei-de seguila? quantos destes expoziçores, nam vemos todos os dias, que nam sabem o que dizem? que omem prudente faz cazo, de semelhantes escriptores, que nam fundam a sua expoziçam, na doutrina da-Igreja? Despois diso, quem poderá defender aquelas provas,

TOM. I.

(1) *Quia nonnulli Sacrarum scripturarum verba & sententias, ad profana quæque detorquent; ad scurrilia, scilicet, fabulosa, vana, adulationes, detractiones, superstitiones, impias & diabolicas incantationes, divinationes, sortes, libellos etiam famosos:*

ad tollendam hujusmodi irreverentiam, prohibet S. Synodus, ne quisquam quomodolibet verba scripturae Sacra ad hæc, & similia audeat usurpare: atque hujusmodi temeratores & violatores verbi Dei, juris & arbitrii pœnis per Episcopos coercantur. Trident. Sess. I.

tiradas da-Escritura? O i quer o Pregador dizer, que os fatos da-Antiga Igreja, eram figura do-seu assunto; e esta é uma propozisam temeraria, por na n lhe-dar outro nome; e contraria à comua doutrina dos-Padres, e da-Igreja: ou nam se-persuade disto; e nam se-livra da-censura, fulminada por muitos canones, por-abuzar imprudentemente, de palavras sacrosantas. Porque eu nam acho, que semelhante applicasam seja outra coiza mais, que aplicar com grande irreverencia, umas palavras santas, a um sentido, para que nam fora n proferidas: e a um sentido indigno, profano, e fallio: que é o mesmo, que condena o Concilio.

Respondem alguns, que isto quando muito prova, que a applicasam nam é boa; por-ser de coiza sagrada, a uma profana: mas nam prova, que no-fermam nam se-observáram, os preceitos da-Oratoria. Mas esta mesma resposta mostra, que nam intendem, que coiza é Retorica. Se a retorica é arte de persuadir, quem mais se-persuadio com provas, que nam fazem ao cazo? Que omem de juizo á-de intender, que aquele General foi grande, porque Saul o-foi tambem? que parentesco tem uma coiza, com outra? E como a obrigasam daquele panegirista seja, mostrar, e engrandecer, as virtudes do-seu eroe; todas as provas que tirar da-Escritura, nam concluem para o seu intento. Conheço, que alguma vez se-pode alegar, um passo da-Escritura, da mesma sorte, que se-cita um passo, da-istoria Profana: porque a istoria da-Escritura, tambem na materia de Politica ensina muito: mas neste sentido nam se-servem, os Oradores deste Reino, como é coiza notoria: porem sim, no-sentido de profecia. Se pois aquele passo, nada faz ao cazo, com que razam o-elega? Pode-se chamar Orador, um omem que se-funda em razoens, que nam conduzem, para o seu intento? Temos ja que a este omem falta, a principal parte de Orador, que é *Inventio*: o saber buscar razoens proprias, para o seu intento, e que pròvem o que ele quer. Peca logo na applicasam: e niso mesmo peca, contra a Retorica.

Suponha V.P. que da-outra parte estava outro Orador, que respondè-se aos argumentos. suponha que o cazo succedia no-Egito, aonde antigamente se-expunham os cadaveres, diante dos-juizes, para serem julgados. Um publico acuzador, referia todos os defeitos, e respondia aos louvores, que nam eram fundados. Se o omem era de boa fama, dava-se a sentença a seu favor, e enterrava-se com onra e panegirico, acompanhado de grandes louvores do-Povo: se era condenado, privava-se de sepultura, e a sua memoria ficava abominavel (1). Que coiza julga V.P. que diria o nosso Pregador, neste cazo? parece-me, que ficaria couvencido de falsidade, o Orador; e envergonhada á fama do-eroe, que ele nam foubra defender.

Ora esmeuce V. P. as mais partes daquele sermam, e verá quantas

(1) Diodor. Sic. l. 1. sect. 2.

das faltas de Retorica, ali se-incontram. Que má dispozifam dos-argumentos! que arrastada confirmafam das-provas! Isto é supondo, que o pafo que ele cita, tenha alguma femelhanfa, com o que quer provar. Mas nam ve V. P. quantas coizas os Pregadores inculcam, que de nenhum modo se-se-guem, do-texto? Este é o segundo ponto, que nam me-parece de pouco momento, nesta materia: e isto melhor se-conhece, quando querem es-quadrinhar, as palavras dos-Profetas, ou dos-livros científicos. Primeiramente tomam umas palavras truncadas, (que se fossem inteiras, eram contrarias ao afumto) e delas deduzem o feu pensamento. E que diz V. P. a este modo de comentar? parece-me que isto é aquilo mefmo, a que em bom Portuguez, se-chama, impostura: porque é tirar pensamentos de um texto, que nam diz tal coiza. Despois, recorrem a um expozitor, ou S. Padre, o qual talvez guiado do-furor do-feu zelo, ou com exceso retorico, dise alguma propozifam, que, para nam fer crezia, é necesario tomála muitos furos abaixo, do-que foa: no-que concordam todos os Criticos, e Teologos. Aqui o meu Pregador, sem perder nem menos uma filaba, traduz a propozifam como se-acha: e nela Levanta uma machina de paradoxos, com que pertende provar, coizas mui verdadeiras, e sezudas. Nam cito exemplos, porque falo com V. P. que sabe mui bem, de quem eu falo. E averá quem me-negue, que isto é faltar à Retorica? averá quem se-atreva a dizer, que isto é saber elogiar? Se os argumentos sam verdadeiros, sempre sam fóra do-afumto: se o-nam-sam, nam deixam de ser imposturas: e nam sei qual destas, é pior falta de Retorica. Mas profigamos o exame, e vejamos o que fazem, nos-outros afumtos.

Saie um fermam de asám de grafas a Deus, por-algum grande beneficio concedido; como faude, batalha &c. ou por-alguma asám má castigada, com gloria de Deus; como o roubo do-Sacramento em S. Engracia, Ato da-Fé &c. Intende V. P. que por-mudarem de afumto, mudam de metodo? nam senhor: e a pratica mostra o contrario. O argumento dos-primeiros dois sermoens deve ser, dar grafas a Deus, por-tam especial beneficio: e excitar a piedade dos-Fieis, para que o-louvem, por-este favor que fez. Este é o afumto: e a este fim deve o Pregador dirigir, todos os seus particulares argumentos. Mais isto é o que ele nam faz. O que ele cuida é, buscar algum conceito futil, e singular, com que possa dizer alguma novidade, e mostrar o feu ingenho. Eu li um fermam do *** que pertencia a uma destes clases: em que o Pregador, por-querer dizer uma novidade teologica, dise uma crezia: que samente o-nam-foi na fua boca, porque nam intendeo, o que dise: ainda que tivese bastantes anos ensinado Teologia. La achou porem um S. Padre moderno, que cuido fosse S. Bernardo, que lhe-deo materia ao conceito. Mas a verdade é, que o dito S. que frequentemente uza de iperboles, nam dise literalmente, o que ele supoz. Mas fosse o que fosse, o fermam teve mil aplauzos, e imprimio-se com on-

ra ***. Já se sabe, que a faude ou batalha, á-de ser profetizada, na Escritura do-Antigo testamento, ou polo menos do-Evangelho, e com finais mui particulares: porque segundo estes autores, nam á fermam sem tema sagrado; seja o que for. Se o tema nam calza bem, nam falta quem o estenda: que este é o comum refugio, de todos estes senhores.

Contou-me pessoa mui verdadeira, que, achando-se em certa Cidade deste Reino, succedera, que a mulher de um tangedor de rabeca, fazendo voto por-uma enfermidade perigoza; quando se-vira livre, quizera agradecer ao Santo, o tal beneficio, com uma festa estronzoza, e com fermam. O dito amigo conhecia o Pregador: e encontrando-se com ele, disse-lhe: Que tema toma vosè? ao que ele respondeo, Já tenho escolhido as palavras: *Surge, ascende Bethel; fac ibi altare &c.* Reperguntou o meu amigo, Que conexam tem isto, com o que vosè quer dizer? ao que o Pregador respondeo seriamente: O texto é otimo: porque que Jacob era ra-bequista, isto provo eu logo, com dez expositores. É com efeito o fermam, saio semelhante à promessa.

Eu mesmo assisti uma vez a um fermam, de asám de grasas, porque Deus concedera chuva, depois de uma grande esterilidade. É necessario advertir, que se tinham feito varias procisoens, com imagens milagrosas, semque Deus ouvisse, os clamores do-Povo. Na ultima, levaram um Cristo com a cruz; e succedeo, que pouco depois choveo alguma coiza. O meu Pregador, que tinha fama de grande letrado, prometeo mostrar no-fermam, que a chuva nam podia vir, por-outro estilo. E provou isto, com a nuvem de Elias: a qual assimque appareceo, desfez-se o ceo em tempestades. Mostrou pois, com dois expositores modernos, que aquella nuvem, era Cristo com a cruz ás costas. Faltavam algumas circunstancias, entre as quais era, a da-tempestade seguida; que ca nam tinha exemplo. Remediou o omem a isto, prometendo em pouco tempo, a tempestade. (o que podia seguramente profetizar; porque depois de uma grande elevação de vapores, uma vez que estes comesam a mover-se, é claro, que ám-de cair) Succedeo o cazo da-grande chuva: e o meu Pregador, alem da fama de Orador, saio com a de Profeta; que lhe-frutou muito bem. Os que sabiam pouco, estavam pasmados, da-felicidade de ingenho do-omem: mas um dos-que estavam no-confesso, e tinha pezado bem o fermam, falou-me em diferente maneira. E destes sermoens, pudera eu citar infinitos.

Se o fermam é do-dezagravo do-Sacramento, já se sabe, que somente pregará bem, quem mostrar, que á textos expressissimos, em que se-declara, que no-ano N. sendo Bispo N. Mordomo da festa N. às tantas oras do-dia, avia succeder a dita coiza. Mas nam basta isto, é porem necessario, algum novo pensamento, que comumente prova tudo o contrario, do-que quer persuadir. E aqui devem intrar todas as outras circunstancias, que
apon-

apontámos. Nam se-lembra o Pregador, que o assunto sempre é o mesmo: que é, dar graças a Deus, por-descobrir, com altíssima providencia, os sacrilegos: e com isto mostrar, a sua misericordia, mansidam, e justisa: e que este assunto sempre se-dêve inculcar, variando unicamente as palavras, com mais ou menos ingenho, segundo o cabedal de quem fala. Nam advertte, que faria muito maior impresam, pintar a atrocidade daquele delito, de uma parte; e da-outra, as infinitas virtudes, que Deus quiz mostrar, naquêle castigo. Nada disto lembra ao Pregador. o que emporta é, subtilizar bem. Mas o que dali se-segue é, sair o auditorio tam persuadido, da pouca capacidade do-Pregador, como pouco persuadido, do-que ele determinára persuadir-lhe.

E que nam diz um destes amigos, quando se-lhe-encomenda um sermam de Intrada, ou Profissam de Freira! Aquele sermam nada mais é, doque um panegirico da-eleisam, e perseveransa da Freira, e outras boas qualidades; acompanhado de uma exortasam, para perseverar na virtude. Isto é o que deve dizer o Pregador: mas isto é o que nenhum diz. O que importa é, mostrar, que esta Freira era tanto do-agrado de Deus, que mandou ao mundo um, ou muitos escritores Sagrados, para lhe-compo-rem a vida, muitos seculos antes de nacer. Um amigo meu teve a incumbencia, de um destes sermoens: e logo lhe-advertiram, que teria mui boa paga, se-acháse na Escritura, toda a vida da-Freira. Ela era Dominicana, e mui devota do-Rozario: tinha sido Pupila alguns anos, no-dito Convento: o sermam era na oitava da-festa do-Rozario. Ele, que somente queria um bom presente, tomou as palavras do-capitulo IV. do-Cantico: *Veni de Libano sponsa mea, veni de Libano, veni: coronaberis.* Mostrou, que a Freira tivera tres estados, de Pupila, Novisa, e Profesa: e que a cadaum correspondia sua vocasam, e seu *veni*, com que Deus a-chamava, por-boca de Salamam. Que o *Libano*, representava o Mundo, donde Deus a-chamava para o Claustro. *Coronaberis*, explicava a Religiam, que é toda consagrada ao Rozario: e que no-mesmo Rozario, que é uma coroa de rozas, achava o premio da-sua eleisam, e obediencia. Acomodou novamente isto ao Rozario, dividido em misterios dolorozos, gozozos, e gloriozos; cada especie dos-quais correspondia, aos seus tres estados: o que ele provou, com textos exprefisimos. Desorteque a concluzam do-negocio foi, que todas as circunstancias da-vida da-Freira, estavam profetizadas com tanta clareza, por Salamam; que qualquer cego reconheceria, que aquele texto somente falava, da-Senhora D. Fulana, filha de Fulano, moradora em tal parte, Freira em estoutra, &c. O que eu sei é, que toda esta metafizica frutou, cinco moedas, e um bom presente: e que as Freiras nam cabiam na pele de contentes. E isto succede todos os dias: e alguma vez eu o-tenho prezenciado, nestas festas.

Se o Sermam é do-Ato da-Fe, comumente declinam para dois ex-

remos: ou nam chegam a dizer, o que devem; ou dizem muito mais; do-que nam devem. O Santo Officio justamente manda pregar, àqueles omens penitenciados, para os alumiar na sua cegueira: e esta é uma ideia sacrosanta. Mas eu nam sei, se os tais Judeos ficam persuadidos: o que sei é, que os sermoens que eu leio, nam sam proprios, para os-persuadir. Avemos asentar em primeiro lugar nisto, que estes Judeos Portuguezes, sam ignorantissimos diso mesmo, que querem profesar. Nam sabem mais, senam que o Sabado se-deve guardar: e outras noticias gerais. de lingua Ebraica nada sabem: menos de Caldaica: que sam as duas linguas, em que estam escritos, os ritos e costumes Judaicos. Isto é sem duvida: e quem ouve os procesos, conhece claramente, qual é a sua ignorancia neste ponto. Quanto à ignorancia dos-ritos Judaicos, nam é necesario alegar, testemunhas Orientais, nem ir buscar os Rabinos *Maimonides*, *Jacob Baal-aturim*, *Joseph Caro* &c. basta que V. P. leia o *Sigonio*, *Menochio*, *Cuneo*, *Reimero*, *Spencero*, que escrevèram eruditamente, de *Republica Hebraeorum*: ou algum dos-outros, que trataram das-escolas, e ritos, como *Selden*, *Godwin* &c. é ficará mui bem persuadido, que estes seus Portuguezes, nam sabem que coiza é ser Judeo: e sam judeos, mais por-genio depravado, que por-erudisam.

Isto suposto, alguns Pregadores, como o Cranganor, para mostrarem a sua erudisam Rabinica, entram em sertas materias difficultozas, e procuram noticias mui particulares, tiradas dos-que impugnarão os Rabinos; para mostrarem aos Judeos, o seu ingano. Copeiam fielmente, toda a noticia que se-lhe-oferece, na tal materia: nam sem se-enganar algumas vezes, como succedeo ao dito Cranganor; que por-nam ter intelligencia, das-ditas linguas, nem da istoria Judaica, nem ter nunca aberto o Talmud; servio-se algumas vezes de argumentos, que tem mui boas respostas. (devemos confesar em obzequio da-verdade, que entre os Ebreos ouveram sempre, omens mui doutos, que propuzeram tais difficultades sobre a Escritura, que fazem suar muitos Catholicos doutissimos, para lhe responder. onde sem exquisita erudisam, é melhor nam tocar, semelhantes materias) Finalmente à forsa de ajuntarem noticias, em lugar de um sermam, fazem um tratado *Contra Judavs*. O que digo, com boa paz do-dito Arcebispo, e seus apaixonados: porque nam quero diminuir-lhe a estimasam: mas samente trazelo para exemplo, do-que aponto.

O que se-segue daqui é, que com todo este trabalho, nem fazem sermam, nem podem persuadir; pois nam proporcionam as provas, ao assunto. Porque inculcar erudisam Rabinica, a omens totalmente ignorantas destas materias, é manifestamente zombar do-seu emprego, e do-auditorio: e tanto vale isto, como se lhe-pregasem em Persiano, ou discorressem em diferente materia. Alem diso, à grande diversidade, entre uma disputa, e um sermam; entre uma disertasam, e uma exortasam: e per-

(III)

de o seu tempo e a sua fama, quem confunde estes dois nomes, e o significado deles. Ora eis aqui tem V. P. o que fazem estes, com quererem dizer muito.

Os outros, quem acima apontamos, seguirem diversa estrada, nam sei se os-chame, mais condenaveis. Estes sam aqueles, que querem pregar aos Judeos, polo estilo dos-outros sermoens, com conceitos sutis, e penfameutos exquisitos. E nam é necessario muito para intender, que se os Catholicos Romanos, que estudamos aquella doutrina, que eles inculcam; os-nam-intendemos, e nos-dezagradam muito; que coiza succederá, aos Judeos? Ouve às vezes V. P. propor um assunto, que parece ao intento: segue com o penfamento, o Pregador no-seu discurso: e quando nam se-precata, este o dezempára, e infere uma consequencia tal, que obriga a rir. Seguro a V. P. que, tendo lido alguma coiza nesta materia, e tendo observado muito; somente neste genero achei, um sermam Portuguez, que se-pude se ler: aindaque tambem carregava no-filogismo, e intrava bem dentro na Metafizica: mas foi o que vi menos mau.

Mas, colhamos as velas, parece a V. P. que este modo de pregar é louvavel, ou toleravel? parece-lhe, que está fóra da-jurisdifam, de uma arrezoada critica? O nam proporcionar as provas ao auditorio, ou seja dizendo-lhe, o que eles nam chegam a intender; ou falando-lhe com ideias, de que ninguem se-pode persuadir; é erro da-primeira esfera. Temos outro modo de pregar aos Ebreos idiotas, deixando de parte toda a verdade especulativa, e servindo-se unicamente, de exemplos sensiveis: os quais, bem discorridos, produzem efeitos, que talvez se-nam-alcansam, com erudifam mui exquisita.

De todos os argumentos, que se-oferecem para persuadir, a extinsam da-Antiga igreja, deve o orador escolher, os menos embrulhados; e persuadilos, com a forsa da-sua eloquencia. Niso é que consiste a arte, em dilatar os argumentos, que nam sam reconditos. A vinda de Cristo ao mundo, é oje bem clara: e para o-ser mais, é necessario ter cuidado, em dispor os-argumentos, e fugir das-sutilezas. Nam á verdade mais notoria, que a existencia de um Deus: e é observasam dos-melhores Filozofos, e Teologos, que os antigos Padres para a-provarem, nam se-serviam de sutilezas inauditas: mas contentavam-se com a prova mais trivial, que é, a existencia do-Mundo, e principalmente deste noso globo terrestre. Esta unica prova, bem explicada e esmeufada, convenceo o intendmento umano muito mais, doque nam fizeram, despois do-undecimo seculo, todas as sutilezas dos-Dialeticos: e ainda oje os melhores Filozofos alentam, que só nela nam se-acham losifimas. Isto é ao que nós chamamos, saber conhecer o merecimento das-provas, e saber manejar a eloquencia. Mas os nosos Pregadores, intendem o contrario: e só cuidam em procurar ideias, que a ninguem tenham ocorrido: e por-iso naccem aqueles sermoens, de bue o mundo Literario se-ri.

A outra especie de sermoens , em que com mais facilidade , se dizem despropozitos , sãõ os Panegiricos de Santos. Esta especie comprehende ; muitas sortes de sermoens : nos-quais á infinitas coizas , que condemnar. Ouvirá V. P. coizas , que cauzam horror. v.g. Devem pregar um sermam de S. Antonio : em que deviam referir , as virtudes do-Santo : illustrá-las com o artificio da-Retorica ; para animar os fieis a imitalo. Mas isto , que era a obrigasãõ do-Panegirista , parece coiza mui trivial , aos Pregadores modernos. Julgariam que ficavam dezacreditados , se-dizessem só esta verdade. E' necessario levantar machina : e fazer uma trepesã , composta de mil ridicularias. Dividem pois o sermam , nas-trez partes solitas : em cada uma das-quais prometem provar coizas , que nada tem de verosimel. v. g. Que S. Antonio nam foi omem , mas anjo : e a este seguem-se outros pontos , da mesma especie. Concluem pois , que se a Fé nam estudá-se cautelas , chegariam a dizer , que se equivocava com Deus. Eu tenho ouvido isto , algumas vezes : e contou-me pessaõ de muita autoridade , que ouviu ele mesmo , em certa Cidade do-Reino , propor estes tres pontos : Que o Santo de que pregava , era grande omem : grande anjo : e grande Deus. e que tudo isto avia de fair , do-Evangelho. E segurou-me a dita pessaõ , que , ouvindo isto , saíra da-Igreja , sem querer esperar polas provas : tam escandalizado ficou !

Lembra-me ao intento , o que escreve um autor , mui acreditado em Portugal. Pregava ele de S. Antonio , com o costumado tema , *Vos estis lux mundi* : e querendo dizer alguma coiza singular , tirou este assunto : = *Que uma vez que S. Antonio naceo em Portugal , nam fora verdadeiro Portuguez , se nam fora lux do-mundo. porque o ser lux do-mundo nos-outros omens , é só privilegio da-Grasã : nos-Portuguezes , é tambem obrigasã da-Natureza* =. Pareceo-me argumento nam só singular , mas inaudito , querer fazer que os Portuguezes , sãõ Apostolos por-natureza : muito mais , porque se o Pregador prováse o que prometia , tam longe estava , de fazer ao Santo um Panegirico , que lhe-preparava uma Satira : e desmentia com as suas provas , aquellas singularidades , que queria descobrir no-Santo : pois quando muito se-diria , que pregava de todos os Portuguezes. Com esta opiniam examinei as provas : as quais se-reduziam a isto. Que Cristo constituirã os Portuguezes , Apostolos das-Nasõens estrangeiras : e que assim o-prometèra , a El-Rei D. Afonso I. e , como se nam ouvèse , quem negáse tal coiza , chama-lhe *verdade autentica*. A isto acrescenta , uma profecia de S. Tomé , (nam sei em que archivo a-achou) que os infieis se-conquistariam na India , com as armas de Portugal : nam com as de ferro , mas com as do-escudo , que sãõ as Quinas : as quais Cristo , diz ele , deu aos Portuguezes , por-armas. E como S. Antonio era Portuguez , avia conquistar Infieis , como fez : e avia conquistálos com as Quinas : que nam só de Portugal , mas tambem sãõ as armas , da-minha Religiam.

Pareceo duro ao Pregador dizer, que os Indios se-aviam conquistar com as *Quinas*, e nam com as espadas: mas a isto, achou ele genuina solufam, na fãida que os Ebreos fizeram, do-Egito. Pondéra, que, sendo-lhe proibidas as armas, diga a Vulgata (1): *Armati ascenderunt filii Israel de terra Aegypti* =. Examina pois, que armas eram estas: e logo as-acha, no original Ebreo, que diz: *Ascenderunt filii Israel quini & quini* = Assim, diz o Pregador, fãiram os Ebreos com *quinas*; pois estas lhe-serviram de armas, *ascenderunt armati*. Confirma isto, com as cinco pedras de David, das-quais afirma: que eram as cinco chagas de Cristo, tiradas da-torrente do-seu sangue, com as quais derrubou o gigante. Esta é a virtude das *quinas*. por-isto S. Antonio seguiu as bandeiras das-*quinas*, para mostrar que era Portuguez, derrubando com elas, o Filistco da-Erezia. Até aqui o Pregador.

Esta em sustancia é a primeira prova do-dito fermam; na qual achará V. P. materia, para mil reflexoens. Deixo as istoricas, pois é bem claro, que sam mui ligeiras provas, para afirmar tal paradoxo. Esta aparifam ao Rei D. Afonso: a redoma de vidro cheia de olio, que veio do-Ceo a Clodoveo: e outras destas coizas, que se-acham nas istorias, sam boas para divertir rapazes: e os Criticos as conservam todas, no-mesmo armario, em que guardam as penas da-Fenix. Mas nam posso perdoar-lhe, a má interpetasam, e applicasam do-texto. Este autor certamente nam leo o texto Ebreo, ou se o leo, nam o-chegou a intender: porque o texto diz uma coiza, muito diferente, doque ele supoem. É verdade, que o texto Ebreo serve-se de uma palavra, que em Latim quer dizer, *Quintati*: come se diseramos, de *cinco em cinco*: mas este modo de falar nam é proprio; é translato, e deduzido do-estilo belico. Donde vem, que explicando os antigos Ebreos, a dita expresam, asentam todos que quer significar, *armados*. Só diversificam, para explicar particularmente, a forsa da-dita palavra. *Kimchi* diz assim: *Cingidos de armas, na quinta costa*. outros explicam: *Cingidos com cinco generos de armas. Sepharadi* verte; *Quinque turmis ascenderunt, sub quatuor vexillis*. Nam *Moyses cum senioribus Israel, in medio quatuor turmarum manebat*. Alem diso, todos os omens mais doutos na lingua Ebreia, expondo a dita expresam, despois de porem o termo proprio e literal, que é *Quintati*, acrescentam, id est, *Accinti, Expediti*: que é o mesmo que, *Armati, Parati*. Desorteque com grandissima advertencia, o tradutor da-Vulgata dise, *Armati*. E quer dizer o Ebreo, que os Israelitas fãiram armados, e em fórma de batalha; promptos para acometerem, e se-defenderem. E isto é coiza certa, entre os doutos.

O que suposto, veja V. P. que parentesco tem isto, com as *quinas*. Alem diso, suponhamos que verdadeiramente se-devia intender, de *cinco em cinco*: que tiramos daqui para o intento? poderia dizer o texto,

TOM. I.

P

que

(1) *Exodi XIII.* 18.

que tam, *quini*, & *quini*: mas nunca due: *ideo armati, quia quini & quini*: e é pessima Logica aquela, que de duas coizas sem conexam, tira tal consequencia. Tambem é falso dizer, que os Ebreos saíram dezarmados: quando lemos o contrario: pois nam só as batalhas que deram, mas as obras que fizeram no-campo, mostram bem, que nam só armas, mas toda a sorte de instrumentos, levaram do-Egito. Já nam falo na applicação da-propheta, a S. Antonio: pois se S. Tomè falou das-Indias, que tem isto que fazer com S. Antonio, que pregou na Europa? Nam falo nas pedras de David, cuja applicação tem tanta proporção, como á entre um, e cinco.

Isto que unicamente disemos, basta para que V. P. intenda, o conceito que se-deve fazer, de semelhantes sermoens: os quais nada mais são, que um mero jogo de palavras, sem verdade, nem verosimilidade alguma: e que se-desfazem em vento, quando se-examinam de perto. Eu parei no-primeiro ponto: avia ainda quatro que examinar: mas estes deixo eu, à sua consideração. Ora entende V. P. que o Santo fica elogiado, com tal panegirico: que o auditorio ficará persuadido: que o Orador merece ser louvado, por-tal sermão? Sei a resposta que V. P. me-á-de dar, porque sabe dar às coizas, a sua justa estimação: mas nem todos são do-seu parecer. e apostarei eu, e V. P. nam mo negará, que mais gente estuda por-lo tal autor, do que pela Escritura, e SS. Padres.

O mesmo autor em outra parte, devendo pregar de S. Bartolomeo, e succedendo isto em uma Cidade, em que se-estava para eleger, um grande Prelado, que nam tinha conexam com a festa; tomou por-tema estas palavras, de S. Lucas: *Elegit duodecim ex ipsis, quos & Apostolos nominavit*: e em vez de pregar de S. Bartolomeo, pregou das-obrigações das-eleisões: sem dizer em todo o corpo do-sermão, uma só palavra de S. Bartolomeo. No-ultimo paragrafo, lembrou-se da-sua falta: e, para remediar o caso, diz mui secamente, que tudo o que dissera, se-devia applicar, ao dito Santo. Porque sendo ele o sexto Apostolo, estava no meio, que é o lugar de mais autoridade: E a razão disto era, porque correspondendo ele à 6.^a pedra da-nova Jeruzalem, que era o *Sardio*; esta no-Racional de Aram, era a primeira: onde ficava claro, que o sexto Apostolo, devia ser o primeiro. Acha nova semelhança entre S. Bartolomeo, e o *Sardio*: porque esta, segunndo Plinio, é de cor de carne viva: e consequentemente, um belo retrato de S. Bartolomeo, que ficou em carne viva, e sem pele. E tornando das-peles vivas, às eleisões, acaba o sermão, da-mesma sorte que o-comelou.

Progunto agora: que outra coiza avia ele dizer, se pregásse das-eleisões? Nam ignora V. P. que os sermoens panegiricos, pertencem ao genero *demonstrativo*; e quem jamais pode sofrer, que um Orador, que deve elogiar Pedro, falásse de Paulo? Julga V. P. que se-pode chamar justa digressão, nam falar uma palavra no-assunto, para se-meter em mate-

ria alheia; e que por titulo nenhuma pertencia ao Pregador? Mas examinemos esse pouco que diz, de S. Bartolomeo: eu nam acho ali coiza, que nam seja inverosimel. Aquilo de querer, que S. Bartolomeo fosse criado Apostolo na 6. eleisam, é falso; porque tal nam diz o Evangelho. O que eu acho no-Evangelho é, que Cristo, despois do-jejum de 40. dias, passando defronte de Joam, e dizendo este: *Ecce Agnus Dei*: dois seus discipulos seguiram Cristo: um deles era André, que encontrando de tarde, seu irman Simam, o-conduzio a Cristo. No-dia seguinte Christo chamou Filipe: e este, encontrando Natanael, convidou-o para seguir Cristo. Pouco despois, tornando Cristo de Cafarnaum, tornou a chamar Simam, e André; que provavelmente se-tinham apartado de Christo, para exercitarem o seu officio: e nunca mais se-aptaram dele: e no-mesmo caminho chamou Jacob, e Joam. Se pois Natanael é o mesmo que Bartolomeo, como alguns doutos modernos (1) conjeturam, com muito fundamento; em tal cazo é o 4. eleito: ou o segundo, fazendo outra contra. Se Natanael é diferente de Bartolomeo, como diz S. Agostinho (2) e Gregorio Magno (3) neste cazo devemos confessar, que nam sabemos, quando foi chamado Bartolomeo. O certo é, que o Evangelho nam explica, circumstancia alguma da-sua vocasam, e da-sua vida, com o nome de Bartolomeo. Nem menos da-Istoria temos, como morreo Bartolomeo; avendo grande disparidade de pareceres: aindaque a mais comua é, que morrefo esfolado. O motivo que teve o Pregador foi, ver que em S. Lucas, despois das-ditas palavras, nomeia-se em 6. lugar Bartolomeo: e assim intendo, que foram todos eleitos, naquela ocaziam. Um bocadinho que soube mais de Istoria, lhe-pouparia este erro, tam censuravel em um Theologo. Mas aindaque isto assim fosse; nam bastava para lhe-chamar, a 6. eleisam, por-ser uma só: e muito menos deveria esta circumstancia, dar materia a um sermam.

A otra coiza, que o 6. Apostolo fosse mais nobre, que o primeiro, é uma idea nova: o que só poderia intender-se, se puzese-mos os Apostolos em linha ou dobrase-mos a linha em angulo. Despois diso seguirseia, nam q o 6. era mais nobre que o primeiro: mas sim, q 6. e primeiro era o mesmo. E ja em lugar de XII. q entam se-nomeiam, se-reduzem os Apostolos a XI. Tambem aquilo de querer, que S. Bartolomeo seja maior, que S. Pedro, nam sei se se-pode soffrer. Mas pior que tudo é o cazo, da-pedra *Sardio*. Se esta, por-ser de cor de carne, se-chama *carnerina*, tanta semelhança tem com Bartolomeo, como com os mais Apostolos: porque todos eram de carne, e carne vivente. Mas o noso Pregador fundou-se na palavra, *viva*: que applicada á carne, significa em Portuguez, (mas nam na lingua de Plinio) carne sem pele: e daí é que tirou

P ii

o pen-

(1) Rupert. in Johann. 1. = Tostat.
in Math. X. = Jansen. = Alapide
Harm. in Johann. 1. &c.

(2) Aug. in Johann. Homil. 7.
& in Ps. 65.

(3) In Job. XXXII. 15.

o pensamento: que, como asima dizia, se-reduz, a um mero jogo de palavras. Este é o costume destes Pregadores: quando se-examinam as suas provas, com sangue frio; nada mais sam, que um mero trocadilho de palavras, sem verdade, nem ainda verosimilidade: sem a qual é certo, que ninguem se-pode persuadir. Ora eu podia citar destes exemplos, a milhares sem sair do-meio Pregador: mas é coiza enfadonha, e tambem escuzada, para quem, como V. P. tem tanta pratica destes panegiricos

Se o panegirico é de N. Senhora, parece a estes tais, que nam á coiza, que nam seja licito dizer, em obzequio seu: Sem advertirem, que a Santissima Virgem, se-daria por-mais bem servida, sem tais sermoens, com a simplez relasam, das-suas grandes virtudes. O pior é, que á autores, que fomentam estes sermoens, com livros bem grandes compostos ao intento, a que chamam conceitos predicaveis. Os Espanhoes abundam muito disto: e ajuntam uma infinidade de paradoxos, que cuidam provar, com algumas expresoens figuradas, que se-acham nos-SS. Padres. Achei um Espanhol, chamado *Bartolomeo de los Rios*, que compoz um grosso volume, todo tecido destas iperboles. Ele prova, que N. Senhora é meza do-Sacramento: é pam: é vinho: é Cristo em carne. Finalmente diz tanta coiza insolita, que nam sei como poderam vir á imaginasam, de um homem prudente. E tudo isto tira de umas iperboles, de S. Anselmo, Bernardo, e alguns asceticos mais modernos. Estranho modo de provar, servir-se das-figuras de que uzaram os Padres, separálas do-contexto, para provar uma propozisam absoluta. Se valèse esta Logica, e Retorica, com as mesmas palavras da-Escritura, se-poderia provar muita coiza falsa, e ridicula. Nós temos em S. Joam, uma iperbole bem fermosa. (1) *Sunt autem & alia multa, quæ fecit Jesus: quæ si scribantur per singula, nec ipsam, arbitror, mundum capere posse eos, qui scribendi sunt, libros =.* Quem daquí quize-se provar mui seriamente, que uma livraria grande como o Mundo, nam compreenderia, todas as asoens de Cristo, seria louco: porque todos os Padres intendem o texto, iperbolicamente: e a Escritura abunda muito, destas expresoens. O mesmo digo, das-expresoens figuradas dos- Padres. Comque semelhantes autores sam a origem, de todos estes danos: porque os ignorantes, que nam sabem distinguir o branco do-negro, servem-se de semelhantes livros, como de oraculos.

Maz, sem buscar exemplos de longe, tornemos ao meu Pregador asima; e verá V. P. provas bem eficazes, do-que lhe digo. Pregava ele da-Asumsam da Senhora, na igreja de N. S. da-Gloria; com o tema, *Maria optimam partem elegit*. Protesta em primeiro lugar, que nam lhe-agrada coiza alguma, do-que tem dito os PP. e Expozitores todos: e que quer, coiza mais fina. Os Padres o mais que disseram foi: Que Maria escolheo a maior gloria, entre todos os bemaventurados, o noso Pregador parecendo

cendolhe, que, dizendo aquilo, diziam uma bagatela; sobe de ponto, e diz: *Que a comparasam de gloria a gloria, nam se-deve fazer só, entre a gloria de Maria, e a gloria de todas as outras criaturas humanas, e angelicas: senam com a gloria do-mesmo Criador delas, a quem Maria criou. A palavra optimam (continua ele) a tudo se-estende: porque sendo superlativa, poem as coizas no-supremo lugar: do-qual se-nam-exclue Deus, antes se-inclue esencialmente. Neste tam remontado sentido pertendo provar, e mostrar oje, que a gloria de Maria, comparada com a gloria do-mesmo Deus; e fazendo da-gloria de Deus, e da-gloria de maria, duas partes; a melhor parte, é a de Maria = Até aqui o Pregador.*

Bastava a propozisam do-asumto, para provar o que digo: mas peso a V. P. um bocadinho de sofrimento, para ouvir a expoziisam, e a primeira prova. *Aindaque a gloria de Deus, (diz ele) é infinitamente maior, que a de Maria; a melhor parte que pode escolher uma maen é, que a gloria de seu filho seja a maior. Como Maria é maen de Deus, e Deus filho de Maria; mais se-gloreia a Senhora, de que seu filho goze, esa infinidade de gloria, do-que se a gozara em si mesma. E daqui se-segue, que considerada a gloria de Deus, e a gloria de Maria, em duas partes; porque a parte de Deus é a maxima; a parte de Maria é a otima = Posto isto, prova com Seneca, Ovidio, Plutarco, e Claudiano, que os Filhos podem vencer os Pais, em beneficios, e em gloria: e que isto é, o que mais deve dezejar um Pai. De que conclue: *Que se entre a gloria de Deus, e de sua maen, fora a escolha da-mesma Senhora, o que a Senhora avia escolher para si é, que seu Filho a-excedese, e vencese na mesma gloria; como verdadeiramente a-excede e vence =* Despois disto produz alguns Padres, que, escrevendo a diversas pessoas, dezejavam, que os Filhos deles excedesem aos Proprios Pais: traz outros exemplos da-Escuritura; e conclue com uma prova teologica, que diz o contrario, do-que ele quer provar. Este o sernam em breve: no-qual nam á pouco, que observar.*

Primeiramente o asumto que tira é tal, que se tivese a infelicidade, de o-provar diretamente, dizia uma erezia. cauza orror somente ouvir pro-polo. A explicasam é pior, que o mesmo asumto. N. Senhora nam podia escolher uma coiza, em que nam entra liberdade: conuo é, ser a gloria de um tal filho maior, que a da maen: porque isto era necessario. Teve a Senhora liberdade para aceitar, ou nam accitar, o ser maen de Cristo: mas nada de liberdade, sobre a gloria. Na supozisam impossivel, que a Senhora dessem a escolher, o tomar para si a gloria toda do-Filho; ou contentar-se de ter um filho, que a-tivese assim; eu nam fei o que a Senhora diria: nem pertence ao Pregador, advinhálo. E' verosimel, que a Senhora nam deixaria de escolher para si, uma gloria de tanta dignidade. Mas de supozisocens impossiveis, que omen prudente tirou jamais, consequencias absolutas? Fica logo claro, que aqui nam ouveram, duas partes de gloria

ria: entre as quais a da-Maen fosse maior, que a do-Filho. E quanto a estas futilidades metafizicas, nam provam, nem conciuem coiza alguma, quando se-á-de persuadir, alguma coiza verdadeira.

Quanto á prova teologica, é ella tal, que me-envergonho faise da-boca, de quem estudou Teologia. Propoem as palavras de S. Pedro (1) *Non rapinam arbitratus est, se esse aequalem Deo: sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, & habitu inventus est ut homo, propter quod, & Deus exaltavit illum: & dedit illi nomen, quod est supra omne nomen.* = Daqui deduz, Que recebeo o Filho do-Pai, por-verdadeira e propria eleição, o officio e dignidade de Redemptor do-genero Humano, fazendo-se juntamente ome: e com esta nova, e infavel dignidade, recebeo um nome sobre todo o nome, que é o nome de *Jesus*: mais sublime e veneravel, polo que é, e polo que significa, que o mesmo nome de Deus: *In nomine Jesu omne genua flectatur.* Recebeo a potestade judiciaria: *Pater non judicat quemquam: sed omne judicium dedit Filio.* Recebeo o primeiro trono, entre as pessoas da-SS. Trindade: *Dixit Dominus Domino meo, sede a dextris meis.* Se pois o Padre podia tomar tudo isto para si, porque o-nam-tomou todo? por-nenhuma outra razam, senam porque era filho intendendo, que quando fossem de seu filho, entam eram mais suas: e que mais e melhor as-gozava nele, que em si mesmo. = Sam palavras do-Pregador. Aplica isto á Senhora, e conclue, Que por-isto elego a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

Nam me-quero demorar muito neste exame, porque seria nunca acabar: direi somente de passagem, que o nosso Pregador com todo este discurso disfaz, quanto pretendéra mostrar. Concedamos-lhes tudo de barato, e que o Filho teve maior gloria que o Pai. &c. pergunto: ou daqui se-segue, que desta maior gloria do-Filho, rezultou no-Pai maior gloria, doque tinha o Filho, ou nam? Se rezultou maior gloria; ficam desmentidas todas as provas do-Pregador, com que quer mostrar, que o Filho excede ao Pai, na gloria. Se nam rezultou maior gloria; nunca se-pode dizer, que o Pai escolheo *melioem, immo & optimam partem.* paraque serve pois toda aquella arenga, se nam á-de provar, o que quer? De toda esta metafizica pois, com que o Pregador enche o sermam, o que se-segue é, que se-contradiz a si mesmo.

Mas quem poderá admitir, as provas do-Pregador, tomadas literalmente, conuo ele as toma? Em primeiro lugar é falso, que o Pai dese ao Filho, com propria eleição somente sua, a grandeza de Redemptor: porque sendo a Incarnação, *obra ad extra*, como lhe-chamam os Teologos, todas as tres pessoas com uma unica vontade, concorreram para ella. É isto nam sam Teologias exquisitas: mas os primeiros elementos da-Fé. Polo contrario, o nosso Pregador supoem mui distintamente, que o Pai tinha

tiha uma vontade, e o Filho outra: porque sem esta supozifam, nam corre o argumento. E semelhante supozifam, nam sei como os Qualificadores a-deixáram passar. Em segundo lugar é falso, que o nome de *Jexus* seja maior, que o nome de *Deus*. Aquele *supra omne nomen* nam se-intende, compreendendo o nome de *Deus*. E' falso, que o Pai *abjudicase* de si, a potestade judicaria. E' falso, que o Filho tenha o primeiro trono, entre as pessoas da-SS. Trindade. Todos aqueles textos, se-devem intender, com seu gram de fal, segundo a expozifam dos-antigos Santos, e doutrina da-Igreja. E' falso finalmente, que a gloria do-Filho, que lhe rezulta da-redemfiam, seja maior que a do-Pai. Ora tudo isto era necessario, que fose verdade, paraque a paridade fose boa, e prováse, o que o Pregador queria.

Alguns me-repondéram ja, que as palavras dos-textos mostravam, o que Pregador dizia: e que nos-sermoens nam se-deve procurar, rigor teologico. Esta é a cantilena comua, destes apaixonados por-tais sermoens. A isto ja respondi varias vezes, e nesta mesma carta. O que dali se-segue é, que tais sermoens sam trocadilhos de palavras: e que páram na superficie, sem profundarem o sentido. Semelhantes nisto a outro sermam, que eu li, em que o autor, para provar a negrura da-Morte, trazia o texto: *Lanarum nigra nullum colorem imbibunt*. como se bastáse alguma semelhança de palavras, para provar pensamentos graves! Tambem é falso dizer, que nos-sermoens nam se-deve buscar, rigor teologico. Eu intendo por este nome, *verdade teologica*: e suposto isto constantemente defendo, que nenhum sermam se-deve tolerar entre Catholicos, que tenha propozifioens contrarias, á dita verdade. As ampliafoens, as iperboles, e delicadezas, podem ter lugar nas orasoens: mas devem ser de outra qualidade, que as que aponto. Eu deixei o sermam quazi no-sim, em que avia outro pensamento, bem galante: mas nam tenho tempo, para me-demorar tanto, com estas coizas. Do-que até aqui tenho dito, cuido ficarà V. P. persuadido, do-que afirmo, se quizer ter o trabalho, de ajuntar as minhas reflexoens, com a leitura do-tal sermam. ***

Esta materia de panegiricos é tam ampla, que seria necesario um grande volume, para tocar levemente, o que lhe-pertence. Aham-se podem outros panegiricos, que rigorosamente o-sam, e eu considero divididos, em varias clases. Compreende a primeira aqueles, que tratam de varias asoens de Cristo, como *Mandato*, *Sacramento*, *Resurreisam*, *Ascensam* &c. Aqui é onde os Pregadores lambicam o ingenho, para dizerem coizas mui singulares: e aqui é onde se-mostra, a quinta essencia de toda a futilidade. Aquele, *Cum dilexisset suos, in finem dilexit*: tem-se espremi-do de tantas maneiras, que eu ja nam lei, que coiza boa pode botar de si: e Pregador conheço eu, que, applicando o-texto a mui diferente assunto, em lugar de pregar de Cristo, pregou de si. Nas provas podem concordam estes sermoens, com os antecedentes, com a unica diferença de mais,

ou menos. Sobre o da-Resurreiçam, ja se-sabe, que os melhores Pregadores dizem suas galantarias, e nam poucas parvoices, improprias daquele lugar, e da-materia que tratam: como tambem pouco decentes, a qual-quer outro lugar sezudo. Ajunto a esta, outra quinta especie de sermoens, tambem panegiricos, que sam os louvores de algumas obras pias, como Publicaçam do-Ju-bileo, *Obras de Misericordia*, *Procisoens* &c. Estes ja sabemos, que sem profecia nam podem pasar: porque como ja dise a V. P. niuitas vezes, este é um pecado nacional destes paizes, para o qual ainda até aqui, nam ouve redemçam. Com o que acima dise dos-outros, pode-se intender, o que se-deve dizer destes. o defeito é geral: e assim a resposta sempre é a mesma.

Quanto aos sermoens das-Domingas de Quaresma, e Missoens, devo confesar, que tem menos defeitos, que os outros: porem sempre conservam os essenciais. Tambem neles (de Quaresma) á sutilezas, assumtos impropriissimos, pessima dispozicam de provas, e outras coizas destas. O que verdadeiramente nam posso soffrer é, que estes seus Pregadores Portuguezes, procurem singularizar-se, com esquipaticos assumtos, nos-mesmos sermoens da-Quaresma. O Pregador da-menhan, dizem que explica o Evangelho: o de tarde, toma um assumto mais geral, que distribue em cinco Domingas, sem se-fugeitar ao Evangelho do-dia. Aqui pois move a compaixam ouvir, o que alguns excogitam, e quanto trabalham para descobrir na Escritura, um numero de cinco, que seja acomodavel, ao dito assumto. Uns, vam buscar, as cinco pedras de David: para atirar ao auditorio, uma seixada espiritual cada Dominga. Assumto improprio, e só coiza digna de um menino, que nam intende, o que é eloquencia: sendo certo, que dezemparam logo o seixo, para falarem em outra materia. Outros, vam buscar no-Cardial Ugo, que afeta ser moral, e misteriozo, algumas palavras geraes, que posam calsar às cinco Domingas. Tudo isto sam arengas: mas estes ainda sam mais toleraveis. Os que eu nam posso soffrer sam, os que, saindo fora do-numero de cinco, por-se-quererem singularizar dos outros, tomam ideias mais improprias. Tal foi um Pregador de boa fama, que ouvi, o qual tomou por-assumto, explicar o *Racional de Aram*, ou aquele pano que trazia o Sumo Sacerdote dos-Ebrios, no-peito, em dias de funçam, com doze pedras preciosas cravadas, em que estavam esculpidos, os nomes dos-doze tribus. Este titulo de sermam agradou muito, aos que tem o juizo nos-cotovelos, que sam os mais. Concorri eu tambem, para ouvir o sermam, porque casualmente naquele dia, achava-me na dita Cidade: e como ja se-falava muito nas tais Domingas, que foram pregadas em outra parte, fui ouvir, que assumto tirava do-*Racional*: e como acomodava as doze pedras, com as cinco Domingas. Com efeito o meu bom Pregador, escolheo entre as pedras, as que lhe parecêram, e regeitou as outras. Galante modo de explicar, o *Racional de Aram*! Do-sermam nada digo, porque a coiza fala de si. Saindo eu para fora, encontré um Religio-

giozo da-Companhia meu amigo, e um dos-omens de melhor juizo, que eu tenho cá visto; o qual apertando-me a mam, me-dise: amigo, o Racional é uma peste: o pobre Aram nam esperava, que o-tratassem tam mal: e concluiu dizendo, que tudo aquilo era uma parvoise.

Com effeito eu nam acho, que proporsam tenha uma coiza, com outra: ou para que ei-de ir buscar um titulo, que nada tem que fazer, com o sermão. Nam sei como estes pregadores ingenhozos, nam tem buscado, os cinco escudos das-armas de Portugal, ou as cinco *quinas*: em que se-podia dizer, muita coiza boa. Nam sei como nam se-tem apegado, às cinco torres de Lisboa, a de S. Giam, do-Bugio, de Belem, a Torre Velha, e o Forte da-caza da-India: daqui podiam sair muitos tirós espirituais, e se-podia dizer, muita coiza bonita. Nam sei como nam explicam, os cinco dedos da-mam, e mil outras coizas, que se-podem compreender, debaixo desta ideia *de cinco*.

Mas, a falar a verdade, tudo isto sam rapaziadas: e os que procuram estes asuntos, nam sabem o seu officio, nem de que cor é, pregar. Eu intendo que o Pregador de tarde, deve tirar do-Evangelho, um assunto proprio para o auditorio. Nem me-digam, que o de menhan ja explicou o Evangelho. os que assim falam, nam sabem que coiza é Escritura. O mesmo Evangelho, pode dar infinitos asuntos. Nam é necessario, que todos se-sirvam das-mesmas palavras: podem-se escolher outras: procurar os SS. Padres, e tirar um assunto proprio: para isto servem os Expozitores. Na quinta dominga da Quaresma, todos se-servem das-palavras: *Si Veritatem dico vobis &c.* e pregam da-Verdade em geral. Um omem que eu conheci, pregando em um Convento de Freiras, tomou as ultimas palavras: *Tulerunt ergo lapides ut jacerent in eum. Jesus autem abscondit se, & exiit de templo.* Daqui tirou este assunto: Que Cristo nesta assim quizeira ensinar-nos, com quanta diligencia devemos fugir, de profanar os Templos. porque nam só se-escondeo Cristo: mas fugio. Com a primeira assim, evitava a profanasam com a obra; impedindo a morte: com a sair, evitava a profanasam com a intensam, fugindo da-presença de omens; que ainda conservavam os dezejos, de o-profanan. Acomodou isto ao intento, mostrando, quanto Deus obominava, a profanasam dos-Templos. Nam avia assunto mais proprio, ao lugar: porque nam avia lugar mais profanado com omens, e intentoens pecaminozas. Este era um assunto novo, nam lutil, e ridiculo; mas verdadeiro, e mui proprio: E isto chama-se pregar: o mais, é falar de alto. Quem tem ingenho, e leitura, pode tirar infinitos asuntos, do-mesmo Evangelho, acomodados ao seu cazõ.

Mas quando o Pregador nam quizesse, servir-se do-Evangelho, pouco importaria: bastava que escolhesse um Vicio, para o-condenar, em cada Dominga, digo dos-que mais reinam naquella Cidade. Porque os sermoens de Quaresma, sam rigorosa misam: e se-deve buscar, argumento

proprio para isto. Quero ainda conceder, que cada um destes cinco sermoens, deva ter relaçam, com os outros, e compor um corpo de doutrina: digo ainda neste cazo, que é facil a um omem de juizo, buscar um argumento natural, e solido, que se-possa dividir em cinco partes; para explicar cada parte, em sua tarde: Sem dizer ridicularias e futilizas; mas coizas, verdadeiras, utis, e graves: e applicando sempre o fermam, à necessidade do-auditorio. Este é o defeito geral, da-maior parte destes Pregadores, que comumente se-servem de ideias gerais, que nam calçam bem ao auditorio; e de que nam se tira fructo algum: pois tam ridiculo é, falando a omens doutos, quèrer-lhe explicar, as pessoas da-Trindade &c. como falando a pessoas ignorantes, servir-se de ideias especulativas; ou, falando às Freiras, pregar da-politica de Machiavelo, e aos Rusticos do-*Principium quo in divinis*: da-*Existencia definitiva e circumscripiva na Eucaristia* &c. como eu ja ouvi a alguns pregadores, e mestres. A isto chama-se, nam saber o *decoro*, quero dizer, nam saber tratar a materia, nem applicar os argumentos aos ouvintes: coiza que condenam os Retoricos (1.)

Tambem notei em certos Pregadores, alem dos-ditos, certos defeitos, que nam sam de pequena consideraçam. Omens à, que applicam os sermoens, às suas particulares intençoens; e em lugar de pregarem, do-que devem, pregam de si: E como o tema nam dá para isto, desemparram logo o assumto, para meterem outros pensamentos mui alheios: e querendo dizer tudo, nam dizem coiza que valha. Alguns, despedem-se no fermam, das pessoas suas conhecidas: * * * outros, fazem sátira aos Prelados, ou ao governo politico da-Cidade &c. ou, a pessoas particulares, ou aos seus melmos ouvintes. E neste ultimo ponto, nam só caiem os ignorantes, mas pola maior parte, os de maior doutrina, e prezumam: e por isto às vezes as provas, sam tam arrastadas, que é uma piedade ouvilos. Eu quero conceder de barato, que seja verdade o que dizem: mas nam é aquele o seu lugar: e sempre tem prompto o argumento: *V. P. foi chamado para pregar disto, e nam daquilo*. Este nam é pequeno defeito de Retorica: pois é alienar os animos dos-ouvintes: de que se-segue, nam se-poder obter a persuazam.

Estes sam os defeitos mais gerais, mas comuns, de todos estes seus Pregadores. Dos-quais se-conclue claramente, que lhes-falta a principal parte da-Retorica, que é a *Invençam*: da-qual falta nadem, todos os

(1) *Est autem quid deceat oratori videndum, non in sententiis solum, sed etiam in verbis. Non enim omnis fortuna, non omnis honos, non omnis auctoritas, non omnis aetas, nec vero locus, aut tempus, aut auditor omnis, eodem aut verborum genere tractandus est, aut sententiarum: semperque in omni parte orationis, ut vita, quid deceat, est considerandum: quod in re de qua agitur positum est & in personis eorum, qui dicunt, & eorum, qui audiunt =*
Cicer. Orat. num. 21.

outros defeitos; que impedem o bom gosto da-eloquencia. Criados desde a primeira mocidade, com aquele pessimo estilo, de buscar conceitos exquisitos, e dividir a oração em tantas partes, quantos eles sam; perdem os melhores argumentos, que lhe-dariam materia, para tecer uma oração continuada, que persuadise o auditorio, e fosse digna de se-ouvir. Nam re-provo as divizoens, quando sam necessarias, e a materia as-pede: re-provo sim muito, o acomodar a materia às divizoens, para fazer a costumada trepêia.

Destá falta, de nam saber buscar as provas, nace a segunda, e tam importante, da-*Dispositam*. Pois nam tendo argumentos proprios, nam podem dispolos em maneira, que formem uma oração unida: na qual o exordio, ou seja *unido*, ou *separado*, forme um perfeito corpo com o todo: e em que as partes observeem, a sua justa proporção, e tal que umas firvam de aclarar as outras: e conduzam para o fim, de persuadir o que se-quer. Destá mesma falta nace, a da-*Locusam*: sendo certo, que quem nam acha um argumento, acomodado ao que quer, mas vai buscando futilidades; nam encontra com palavras proprias, para expremir um pensamento sério, e nobre: nem acha aquelas que sam necessarias, para ornar com harmonia os pensamentos; desorteque façam uma oração armonioza, e agradavel, sem ser afetada: o que nam tem pouca difficuldade (1). De quem vem, que comumente encham o discurso, de mil tropos e figuras, fóra do-seu lugar; que mostram, o pouco talento do-Pregador, e a ignorancia, da-sua propria lingua. Nace daqui tambem, nam saber escrever uma carta, ou formar qualquer outro discurso, que possa persuadir. Finalmente nace, o nam saber discorrer com propriedade, em materia alguma. Leia V. P as cartas que se-acham de Frei Pedro de Sá, e Frei Lucas de Santa Catarina, e outros semelhantes: leia os seus discursos: e verá, que cartas, orações, sermoens &c. tudo é o mesmo. Nam se-acha mais, que equivo-cos, palavras sem significado, pensamentos inverosimeis, encarecimentos inauditos, em uma palavra, uma lingua nova, que serve para toda a sorte de assuntos, sem distincão. Os ignorantes gostam muito disto, e co-peiam esta sorte de papeis, com todo o cuidado, e acumulam quantos podem: mas os que verdadeiramente intendem a materia, nam podem menos que rir-se, de tais escritos; dos-quais toda a alma cristã deve fugir, como contrarios, à boa eloquencia. A razam de tudo isto é a mesma: porque quem bebe aquele estilo, de futilidades, afetações, e singularidades; nam sabe distinguir os estilos, proprios dos-diversos argumentos, que se-lhe-offerecem: e assim nam sabe, nem pode fazer coiza boa, nem chegar a persuadir ninguem.

Q ii

E⁶

(1) *Atque illud primum videamus, quale sit, quod vel maxime desiderat diligentiam, ut fiat quasi structura*

quadam, (verborum) nec tamen fiat operose: nam esset cum infinitus, tum puerilis labor. Cicer. Orat. num. 44.

É uma prova manifesta disto, a infinita distancia que eles poem; entre fermam funebre na Igreja, e oraçam funebre na Academia. Nesta na n á tema: comumente nam á divizam de pontos: nam á textos da-Escritura: á menos fútilezas: e achase um discurso continuado, ainda-que cheio de mil impropriedades, e ridiculos encarecimentos: No-outro achase tudo o contrario. De que provém esta grande mudansa? eu o direi: De nam saber, o que é Retorica: porque os preceitos em ambas as partes, sam os mesmos. No-pulpito, póso usar de mais asám do-corpo; e animar com a voz o discurso: na academia recito com mais brandura. Mas o papel em ambas as partes é o mesmo: e do-que se-faz na academia, podiam eles inferir, o que devem fazer no-pulpito.

Porem aqui me-parece, que ouso dizer a V. P. que ja que aponte os defeitos, aponte o modo de os-emendar. Mas isto, P. muito reverendo, nam é negocio que se-pósa fazer, com tanta brevidade, pois pediria um tratado inteiro. O que tenho dito, bastava para um omem de juizo: e a lisam dos-bons autores; completaria tudo. Contudoiso, para obedecer a V. P. nam deixarei de fazer alguma reflexam, adquerida parte com a lisam dos-outros, parte com a minha propria experiencia, e reflexam: as quais V. P. applicará, aos cazos particulares. Mas como isto pedé mais tempo, quero rezerválo para outra carta: e acabo esta, com pedir a V. P., me-conferve na sua graça. Deus guarde &c.





CARTA SEXTA.

SUMARIO.

Continua-se a mesma materia da-Retorica. Fazem-se algumas reflexoens, sobre o que é verdadeira Retorica, e origem dela. Que coiza sejam figuras, e como devemos uzar delas. Diversidade dos-estilos, e modo de praticar: e vicios dos-que os-nam-admitem, e praticam. Qual seja o metodo de persuadir. Qual o metodo dos-panegiricos, e outros sermoens. Como se-deve ensinar. Retorica aos rapazes, e ainda aos mestres. Algumas reflexoens, sobre as obras do-P. Antonio Vieira.

NAM intenda V. P. que ei-de faltar à promessa: pois nam só com promptidaõ, mas com muito gosto executarei nesta carta, o que prometi na ultima: e direi como se-devem intender, as coizas que disse, para emendar os defeitos, que nestes Retoricos vulgares s' incontram: e que eu aponte na carta passada. Digo pois, que o primeiro, e mais importante ponto que deve advertir, quem quer formar, o bom gosto literario, é, fugir totalmente destas Retoricas commuas, nam só manuscritas, mas tambem impresas. Estou persuadido, que elas são a primeira ruina dos-estudos: porque inspiram mui maos principios, e nam ensinam o que devem. Ouso louvar muito nestes paizes, o *Candidatus Rhetoricæ* do-P. Po-meii, o *Ariadne Rhetorum* do-Juglar &c. e mestres conheço eu, que nam tem mais noticia da-Retorica, que a que dá o dito livro, ou outro semelhante. Isto porem é mera iluzam: porque para nam saber nada, nam á melhores livros, que os ditos. Estes, e outros tais autores, fazem uma enumerasam das-partes da-Retorica, mui secca e descarnada. propoem mil questoes, e nam rezolvem nenhuma bem. todo o livro consiste em divizoens, e subdivizoens, que enfadam antes de s' intenderem. Mas o pior é, quando ensinam a servir-se, dos-lugares Retoricos: quando mostram os diversos modos, de ampliar um argumento: dizem mil coizas inutis, e que mais facilmente s' aprendem, lendo os bons autores, que estudando as tais observaçoens.

Este em carne é o defeito, em que caiem os Logicos Peripateticos, quando se-dilatam muito sobre a *forma syllogistica*, e ponte dos-asnos: depois de dizerem muito, são obrigados a reconhecer, que nada daquillo ierve para coiza alguma: e que na pratica do-argumentar, nam só são inutis, mas até impossiveis as tais regras. Nam achei até aqui Peripatetico
alguma.

algun, que, devendo em algum ato publico, provar de repente alguma propozifam, que lhe-duvidafem; se fervife de tal metodo: nem menos achei omem algum, que, senam intendeo, e estudou bem a materia, que á-de tratar; fervindo-fe unicamente dos-lugares Retoricos, fizefe coiza capaz. Chama-fe perder inutilmente o feo tempo, querer ensinar todas aquelas arengas: das-quais unicamente rezulta, a defvanecida opiniam de uma ciencia, que nam tem. Os rapazes que estudáram aquilo, perfuadem-fe, que sam Retoricos da-primeira esfera: que podem, com a ajuda de quatro adjetivos e linonimos, e quatro defcriçoes afetadifimas, arengar de repente, em qualquer materia. Intendem, que nam á orafam, que nam observe a difpozifam, que eles lem na fua Retorica. julgam, que nam á difcurso oratorio, fem todas aquelas moxerofadas. Finalmente, como nam lhe explicam, o verdadeiro uzo da-Retorica, e artificio da-verdadeira eloquencia; perfuadem-fe, que só nos-difcurfos academicos, tem ela lugar. De que nace, que deipois de perderem bem tempo nas efcolas, a que chamam de Retorica, ficam totalmente ignorantes dela.

Isto fupofto, é neceffario defferrar uma, e admitir outra forte de Retorica. Ja alentamos, que a retorica deve fer em Portuguez, para os que naceram em Portugal: porque afim s' intendem os preceitos: e na fua mefma lingua fe-moftram, os exemplos. Nam avemos de carregar os rapazes, com dois pezos: intender a lingua, e intender a Retorica: tambem nam avemos fingir os Omens, como nam sam; imaginando rapazes mui agudos, e efertos. Tudo ifto é iluzam. Os rapazes sam de diverfas capacidades: e muitos sam rudes. comumente aprendem Retorica, quando ainda nam intendem bem Latim. E afim, é neceffario falar-lhe em Portuguez: muito mais, porque ou queiram fer Pregadores, ou Advogados, ou Iftoricos &c. tudo ifto fe-faz cá em Portuguez: e é loucura ensinar em Latim uma coiza, que pola maior parte, se á-de executar, em Vulgar. Esta é a primeira regra do-Metodo, facilitar a intelligencia. Nam tenho até aqui vifto, (pode fer que aja) Retorica Portugueza imprela. Certo fugeito moftrou-me á tempos, alguns apontamentos que fizera: mas nam mereciam o nome de Retorica. tenho vifto varios livros de conceitos: mas nam era coiza, que mereçefe ler-fe. Sei porem, que atualmente fe-copeia, uma Retorica Portugueza, que me-parece propria para formar, o bom gof-to da eloquencia. Um amigo meu mui particular a-compoz, para uzo feo. pedio-me noticia, dos-melhores autores nesta materia: e deles copiou, o que conduzia, para o feo intento. uzou comigo a amizade, de consultar-me na difpozifam dela. teve a moderaçam de ouvir, e nam desprezar, as minhas reflexoens. cuida que felizmente confeguiu, o feo intento: devo fazer esta juftia, à fua grande capacidade. Nam fei, fe a-determina divulgar: o que fe puder fer, procurarei de a-comunicar a V. P. fe guero, de que nam lhe-dezagradará. Mas, tornando ao fio das-minhas reflexoens:

Ja disse ao principio, que sendo a Retorica, arte de persuadir, tinha lugar em todo o discurso, que seja proferido com este fim. Do que se segue, que a Retorica tem tanta extensam, quanta qualquer lingua: o que muitos nam intendem, ainda dos-que leem as Retoricas. Parece paradoxo a muitos, destes enfarinhados nos-estudos, dizer-se, que n'uma carta, que é escrita com estilo simplez; n'uma Pœzia, na Istoria, e n'um discurso familiar &c. deve ter lugar a Retorica. E isto provem de entenderem, que a Retorica consiste, em figuras mui dezuzadas, tropos mui estudados &c. e assim parece-lhe, que nam se-caza uma coiza com outra. Mas por-pouco que estes tais, examinasem a materia; conheceriam, que tudo se-deve tomar, em diverso sentido.

Nam á lingua neste mundo, tam fecunda de palavras, que possa exprimir, todas as ideias do-intendimento: A fecundidade que tem a mente, em formar conceitos, e a facilidade com que de uma mesma coiza, fórma infinitas ideias, é tal; que pode empobrecer, todas as linguas do-mundo. Seriam necessarias muitas palavras, para um omem poder dizer sofrivelmente, o que entende. Mas isto pederia tempo infinito, e o commercio humano se-faria insupportavel. Conheceram os Omens muito bem isto, e cuidaram em lhe-pôr o remedio. Daqui nasceo a necessidade de servir-se, de algum modo de exprimir, que, ainda que nam diga tãto, excite diversas ideias no-intendimento, e poupe o trabalho, de p offerir muitas palavras. A experiencia mostrou, que as nossas ideias tem uma certa uniam, com que mutuamente se-ajudam: proferida uma, das-quais, todas as outras se-apresentam. Isto assim posto, os Omens souberam aproveitar-se, desta experiencia; e comecaram a servir-se de um nome por-outro, para poder excitar a ideia, do-que queriam. Um nome que significava uma coiza, applicou-se para significar outra; e se-transportou da-sua significasam propria para outra, por cauza de certo respeito, ou relasam, ou ordem, ou nexo, que uma coiza tem com outra. A isto chamaram *Tropo*, palavra Grega, que significa *transpozisam*: e estes modos de falar, chamaram-se Figuras: as quais podem ser infinitas: mas os Retoricos as-reduziram a pequeno numero, contando as mais uzuais: e destas se-faz memoria, nas comuas Retoricas, com diversos nomes.

Estes *Tropos*, *Metaforas*, ou *Metonimias*, que significam o mesmo, tem grande uzo, e sam necessarias em todas as linguas, e ornã muito: nam só porque encurtam o discurso, e fazem mais gofoza a conversasam; mas tambem porque exprimem melhor, o que se-quer dizer, do que outras palavras. Diz mais às vezes, uma só metafora, que um longo discurso: e com uma só palavra, é mais bem entendido um omem, do que com a fecundidade de infinitas. Quem ouve dizer, que *Alexandre era um raio da-guerra*; a ideia do-raio, que é uma coiza sensível, exprime beni o grande poder, com que este omem fugitava tudo: a velocidade das-suas

conquistas: e o eco das-suas vitorias; que atroava tudo; e ainda as mais remotas Nasoens. Este justamente é o carater de Alexandre: como ja a Escriptura tinha delineado. Uma só ideia excita mil outras, ao intento. É como os Omens estam acostumados, a estas imagens sensiveis; os tropos que delas se deduzem, valem infinito. Apenas o comum dos-Omens pode entender, e julgar de outra sorte.

São boas, assim é: mas o uzo é que as-faz racionaveis: quero dizer, que se-devem uzar em tempo, e lugar proprio, e quando o discurso o-pede. O que nam advertindo os ignorantes, servem-se pouco sabiamente das-Figuras; e com muito estudo, falam bem mal. Nam á maior beleza em uma cara, que os olhos: mas se um rosto nasce com mais de dois; se chegasse a ter meia duzia, seria um monstro. Deve aver figuras: mas á-de aver proporçam, eleisam, dispozisam: ou seja no-discurso familiar, ou na Istória, ou na Cadeira. Este é o grande segredo do-falar bem: o qual como muitos, segundo adverti, nam chegam a penetrar, quando ouvem falar em Tropos, tremem de pés e cabeça: e persuadem-se, que é alguma enima singularissimo, rezervado para algum ato publico, ou coiza semelhante.

Como as palavras são as que significam, o que passa dentro d'alma, ouve necessidade de procurar palavras, para expremir, nam só o que a alma conhece, mas também o que quer; ao que chamamos, *afetos da-alma, ou paixoens*. O Omem nem sempre se-acha, na mesma dispozisam de animo: mas esporiado de alguma coiza, saie fóra de si, e entam fala de outra maneira, mui diferente. As expresoens com que se declara isto, se-chamam *Figuras*; com a diferença, que os Tropos são figuras das-vozes: e estas que aqui digo são figuras do-animo. É incrível, a diversidade destas vozes do-animo. Um omem agitado, nam só no-exterior do-rosto, mostra a sua perturbaçam, mas também no-modo do-seu discurso. As paixoens violentas, alteram a bela harmonia dos-umores: engrosam os objetos: impedem que a alma dê a devída atensam, ao que julga: no-mesmo instante a-transportam, de uma coiza para outra: são como o mar alterado, que joga a pela com um navio. Onde, agitadas com tanta confuzam, as fibras do-cerebro, a alma, que em virtude daquela armonioza dependencia, que estabeleceo Deus entre ela e o corpo; deve conhecer todas as imagens, que elas lhe-presentam; nam tem, se me-é licito explicar assim, repouzo algum. A alma agitada, imprime novo movimento nas fibras, e estas na machina: de que nascem as palavras: com as quais dando-se de-zafogo á ira, que moveo a machina, se-dá também repouzo, á alma.

Sendo pois as nossas palavras, consequencias dos-movimentos d'alma, e correspondendo perfeitamente aos nossos pensamentos; é claro, que o discurso de um omem, que está sumamente agitado, deve ser dezigual. Algumas vezes parece este omem difuzo, e fórma uma exata pintura, das-
coi-

coizas que sam objeto, da-sua paixam : e cuidando que o-nam-intendem bem, repete a meima coiza, em cem diferentes maneiras. Algumas vezes interrompe o discurso, e separa as palavras umas das-outras, dizendo de uma só vez, bastantes coizas. Muitas vezes vareia o discurso, com mil proguntas, com exclamaçoens, com frequentissimas digressões. Finalmente um discurso destes vareia-se, com infinitos modos de falar : os quais modos sam tam próprios, daquelas paixões d'onde nadem, que ouvindo-os proferir, fica um omem formando, justa-ideia da-paixam. Estas pois sam as tanto celebres Figuras do-animo : as quais nenhuma outra coiza sam mais, que modos de falar particulares, e diferentes dos-modos de falar natural, e uzual.

Estas Figuras, que sam as naturais pinturas das-paixões, sam sumamente utis, e necesárias no-comercio umano. Um pintor famoso, (dise um grande Retorico, de quem eu aqui figo as pizadas) que quer delinear um painel istoriado, não só pinta as figuras, que devem intrar no-quadro; mas procura, que cada una esteja naquele ato, que exprima, o paraque ele ali a-poem: nem só isto, mas até no-rosto lhe-pinta, aqueles accidentes, que denotam a paixam, de que sam produzidos. Explicome melhor. Um omem agitado, e alterado com a colera, nam tem o rosto sereno; mas fica palido: abre uns olhos, que parecem cheios de fogo: carrega a vizeira: finalmente mostra no-rosto mil accidentes, que sam os caracteres da-Colera. Isto pois é o que procura imitar, o pintor: e se chega a imitálo bem, só este é o bom pintor. O Retorico nam tem cores, com que imitar a natureza, como o pintor: mas tem palavras, para imitar aquelas, que profere um omem dominado da-paixam, que ele quer persuadir: e como estas paixões tenham, diferentes caracteres; é necesário que se-sirva de diferentes Figuras, para as-expremir (1). Alem disto, nin-

TOM. I.

R

guem

(1) Sic igitur dicet, ut proponat quid dicturus sit: ut cum transegerit jam aliquid, definiat: ut se ipse revocet: ut quod dixit iteret: ut argumentum ratione concludat: ut interrogando urgeat: ut rursus quasi ad interrogata sibi ipse respondeat: ut contra, ac dicat, accipi & sentiri velit: ut addubitet quid potius aut quomodo dicat: ut dividat in partes: ut aliquid relinquat ac negligat: ut ante pramuniat: ut in eo ipso, in quo reprehendatur, culpam in adversarium conferat. Ut saepe cum his qui audiunt, nonnunquam etiam cum

adversario quasi deliberet: ut hominum sermones moresque describat: ut multa quaedam loquentia invocat: ut ab eo quod agitur avertat animos: ut saepe in hilaritatem risumve convertat: ut ante occupet quod videat oppori: ut comparet similitudines: ut utatur exemplis: ut aliud alii tribuens dispertiat: ut interpellatorem coerceat: ut aliquid reticere se dicat: ut denuntiet, quid caveant: ut liberius quid audeat: ut irascatur etiam: ut objurget aliquando: ut deprecetur, ut supplicet, ut medeatur, ut a proposito declinet aliquantulum, ut

ninguem pode persuadir outro, tem que excite nele aquela paixão, que ele quer persuadir: porque as paixões são os instrumentos; e, para me-ler-vir de uma expressão filosófica, as máquinas que abalam a alma, e a inculcam para onde querem. Ora para excitar estas paixões nos-outros, é necessário, que um homem se-mostre dominado, da-mesma paixão: (1) porque suposta aquela particular disposição, e semelhante dos-nossos corpos, deixamo-nos persuadir daquela paixão, que vemos nos-outros: dos-mesmos sentimentos: dos-mesmos afetos: se nam se-acha algum obstáculo, que empesa o curso da-natureza. Naturalmente inclinamos a ter compaixão, de uma pessoa, que mostra estar sumamente aflita: rimos quando nos-achamos, em um grande divertimento dos-sentidos. Pelo contrario, nam choramos, nem mostramos compaixão, de uma pessoa que ri; aindaque verdadeiramente seja miseravel. É necessário ter um animo mui nobre, para se-vestir dos-sentimentos, e necessidades dos-outros, semque lhas-exponham. Nam obramos os Omens comumente assim: obramos porem assim, quando recebem o movimento, do-impulso das-paixões. Esta é a *simpatia* das-paixões: (se acazo tal voz, significa coisa alguma) e daqui se-mostra bem, a necessidade das-Figuras, para efeito de persuadir.

Nam me-cansarei, em dar o numero das-Figuras, e explicar o que significam, e quando se uza delas. Disto abundam muito, as Retóricas ordinarias: aindaque são poucas, que o-expliquem de um modo, que se-possa perceber. As Figuras são infinitas: mas os Retóricos reduzem-nas, a umas certas regras gerais, e mais comuas. Direi somente, que estas Figuras, são as verdadeiras armas da-alma, comque ela faz guerra às outtas almas; ou vence, ou é vencida: e produzem juntamente mil outros efeitos. Primeiramente, elas declaram aquelas verdades, que são obscuras; e excitam nos-Omens a atenção, para as-perceber. Aquela grande repetição, aqueles muitos sinónimos, nam são inúteis na Retórica (2): antes são de infinito proveito: porque mostram o que se-pertende em tanta luz, e de tantas partes; que é impossível o-ignorá-lo: imprimem com tanta força uma verdade, descobrem todas as circunstancias com tanta clareza; que é impossível nam admitilas. Mas no-mesmo tempo estas Figuras, se são bem na-

tu-

ut optet, ut execretur: ut fiat iis, apud quos dicit, familiaris. Atque alias etiam dicendi quasi virtutes sequatur: brevitatem si res petet: saepe etiam res dicendo subiiciet oculis: saepe supra ferret, quam fieri possit: signi significatio saepe erit maior, quam oratio: saepe hilaritas, saepe vita; naturarumque imitatio = Cicero, Orat. n. 4.

(1) *Nec unquam is, qui audiret, incenderetur, nisi ardens ad eum perveniret oratio. Cicero, Orat. n. 38.*

(2) *Sic igitur dicit ille, quem expectimus, ut verset saepe multis modis eandem, & unam rem: & hareat in eadem, commoreturque sententia &c. Cicero, Orator. n. 4.*

turais, e se pintam bem a origem de que nace, movem de tal sorte a alma, que a-arrastam e conduzem, para aquele objeto, de que se-fez a imagem (1). E como a alma nam pode ver unia verdade clara, sem a-receber; daqui nace, que por-força admite o objeto, e consente: e temos o omem persuadido.

Estas sam as Figuras, que sam a baze da-Eloquencia. Mas nam intenda V. P. que eu quero persuadir indiferentemente, toda a sorte de Figuras, e uzo delas: estou mui longe diso, e defendendo constantemente, que só no-bom uzo delas, é que está a Eloquencia, principalmente sublime. Isto é o que eu desejava refletirem comigo, algumas pessoas, que por-nam-advertirem este importante ponto, dam à luz partos monstruozos. Se as nosas paixoens sam mal ordenadas; se nam se-excitam quando deve ser; é coiza clara, que as Figuras só servirám, de pintar a confuzam das-nosas ideias, e a pouca eleisam do-noso juizo. Um omem que s'enfada quando nam deve; que em um discurso placido, introduz mil Figuras fortes; que pergunta; que responde; que exclama; e mostra grande paixam, aindaque nam aja de persuadir, ou disputar com alguem: é um verdadeiro louco, que guiado, da-sua destemperada imaginassam, empunha a espada para combater com um inimigo imaginario. Pois este é o retrato de muitos autores, que julgam nam serem bons escriptores, se nam uzam de todas as sutilezas d'arte: Semelhantes nisto a um omem de Provincia, com que eu jantei uma vez, que para mostrar que tivera boa educalam, comia as uvas com o garfo.

Outros, que devem persuadir, e tem materia para empregar boa Retorica; só estudam palavras, que tenham cadencia armonioza, mas tam afetada, que pola maior parte degenera em verso. Fazem mil reflexoens inutilissimas: procuram falar sempre por-sentensas: cuidam em introduzir conceitos fatis, e divizoens importunas: com as quais arengas nam procuram persuadir, mas agradar, e conseguir fama de eloquentes. E estes eu os-reputo muito mais ignorantes, que os primeiros, pela sua afetassam. O certo é, que uns e outros nam intendem, nem o fim, nem os limites da-Retorica: e que em lugar, de estimassam, conseguem desprezos.

As Figuras devem-se empregar, em toda a ocaziã. Temos Figuras para tudo: negocios graves, mediocres, e para a mesma conversassam familiar. Basta persuadir-se, de uma importante verdade, que é, que a Figura nam se-deve procurar, mas naturalmente apresentar-se: porque, como tenho mostrado, sam consequencias das-paixoens. Observe V. P. um omem rustico, que nam seja totalmente estúpido, ou uma melher de juizo, mas nam doutora: entre com eles em um discurso familiar, sobre al-

R ii

guma

(1) Hoc (genus dicendi) vehemens, neri nullo pacto potest. Idem. ibid. n. incensum, incitatum, quo causã eripiuntur: quod cum rapide fertur, susti-

guma materia, que lhe-pertença : diiculte-lhe conceder-lhe alguma coiza ; que a eles pareça verdadeira, ou que na realidade o-seja : e oblierve miudamente, quantas figuras introduzem no-discurso. E finalmente, achará mais forsa, nas suas razoes, quando são em materia verdadeira, doque nos-discursos, de muitos Oradores de fama. Eu fiz esta experiencia muitas vezes : e sempre tirei por fruto, da-minha meditaçam, que as Figuras ánde ser naturais : e que somente se-fala bem, quando se-fala animado, de algum verdadeiro interesse. e se-deixa guiar, de uma paixam arrezoada.

V. P. observará isto, nos-seus proprios discursos, ainda naqueles, que parecem menos considerados, e que são proferidos, quazi por-impulso da-natureza. As coleras nam são iguais, nem as paixoes : e assim á Figuras nestes mesmos discursos. Fazem-se *antitezes*, por-cauza de grandes movimentos, e tambem por-ligeiras comoções. O dezejo que um omem tem, de exprimir-se, e de persuadir as coizas que diz, tem varias destas Figuras. Na conversaçam mais placida, repetem-se sem reparo, os mesmos termos muitas vezes. servimo-nos de diversas expreções, para significar o mesmo. permitem os mais escrupulosos criticos, fazer alguma breve descripçam, e procurar alguma semelhança, para explicar, melhor a materia. pode-se proguntar o parecer dos-que ouvem, sobre o que se-profere ; e mostrar-lhe, que é necessario refletir, sobre algumas das-circunstancias alegadas. Tudo isto pratica-se todas as oras, ou se pode praticar, sem enfado de quem ouve, e sem incorrer na censura, de quem observa. Ora as Figuras nam são verdes nem azuis, são em carne estas mesmas que apontamos, e outras a estas semelhantes. E eis aqui, que nam só nas orações, e discursos estudados, mas em todo o discurso, tem lugar as Figuras. Em uma palavra, primeiro ouveram Figuras, do-que ouvese arte de Retorica : a qual nada mais é, doque a observaçam das-naturais Figuras. E assim todo o estudo de um omem, verdadeiramente eloquente, consiste, em observar bem, a necessidade da-materia ; e intrar tanto dentro nela, que possa formar um discurso natural, mas no-mesmo tempo eficaz : e em que as Figuras fujam-lhe da-boca, sem que ele vá de traz delas, para ornar o discurso. Muito necessario é, estudar a natureza : estudar o carater das-Paixoes : falar naturalmente : que só assim se-fala eloquente, e só assim se-persuade. Este é o primeiro ponto, ou o mais importante, em materia de Retorica.

O segundo, é de nam menor consequencia, está, em saber proporcionar o estilo, ao argumento que se-trata. Consiste o estilo, em certas maneiras de se-explicar, e certas particulares expreções, que cada omem uza : as quais comumente seguem o impeto do-fogo, que cadaum tem : nam se achando dois omens, que sejam perfeitamente iguais no-estilo, como nem menos no-temperamento. Digo pois, que o estilo se-deve regular, segun-

segundo a materia, que se-trata (1). As expressões magnificas e nobres, ornã as coizas, de uma certa magestade, e mostram o grande conceito que delas fórma, quem assim fala: le a materia nada tem de extraordinario, antes é sumamente vil; impropriamente se-lhe-aplicam, tais expressões. Polo contrario, as coizas que se-podem considerar sem comofam, devem-se dizer com estilo simplez: outras mais estudadamente: o que faz a variedade de estilos: que os mestres da-arte reduzem comumente, a trez. Querem dizer, que ou o discurso é sumamente nobre, ou sumamente trivial, ou mediocre: à primeira, corresponde o estilo sublime: à segunda, o estilo simplez: à terceira, o mediocre. A prudencia e intelligencia com que se-devem aplicar, estes trez generos d'eloquencia, é o principal emprego, do-Retorico.

S U B L I M E.

Quando se-quer dar uma alta ideia, de alguma coiza, é necessario reflectir no-mesmo tempo, em muitas circumstancias. Por-muito nobre que seja o *sugeito*, de que se-trata, pode ter mil imperfeições: onde é necessario procurar, de o-por à vista d'aquela parte, que melhor parece; para poder imprimir, uma justa ideia da-sua grandeza: procurando quanto pode ser, de lhe-cobrir, ou disfarçar os defeitos, sem prejuizo da-verdade: voltando-o e revoltando-o de todas as melhores partes, para poder mostrar, até as minimas perfeições que tem: e tendo muito cuidado, de nam sair com alguma expressam, ou pensamento, que destrua o que se-tem frabricado. Caiem neste defeito infinitas pessoas, ainda d'aquelas, que nam sam decepadas: Oradores, Historicos &c. mas sobre tudo os Poetas: que, por-forsã do-consoante, ou da-quantidade do-verso, dizem mil coizas ou mal ditas, ou mal applicadas. Li um soneto de certo Espanhol, que descrevia um nariz grande: o qual despois de ter dito muita coiza do-dito nariz, conclue desfazendo, quanto encarecèra. Porei somente os tercetos.

Erase un espolon de una galera.

Erase una piramide de Egipto.

Las doze Tribus de narizes era.

Erase un narizissimo infinito.

Muchissima nariz, nariz tan fiera,

Que en la cara de Anàs fuera delito.

Despois dos-quatro versos antecedentes, em que exaggerava terrivelmente o tal nariz, saic com uma frioleira, que destrue tudo. Admetida de grafa, a comua opiniam do-vulgo, de que os Judeos tem narizes grandes: admittida novamente a frioleira, de que Anàs, por-ser Pontifice, o deve-se ter

ma-

(1) *Is ergo erit eloquens, qui ad id, quodcumque decebit; poterit accom- modare orationem. Quod cum statuerit, tum, ut quidque erit dicendum, ita di- vet; ut nec satira jejune, nec grandia minute, nec item contra: sed erit rebus ipsis par & equalis oratio. Cicero Orat. n. 36.*

maior: é certo, que não teria um nariz maior, que todo o corpo. Demos-
 tre, que fosse tam grande: que proporção tem isto, com uma piramide,
 e nariz infinito? Destes exemplos acho a cada passo: de que concluo, que
 estes não sabem, as leis da-Retorica, nem da-Poezia.

Quanto ás expressões, aindaque as dezejo nobres, e com armo-
 nia sonora; devem porém usar-se, com moderação. Prudentemente se-com-
 parou um discurso, no-genero sublime, com um palacio magnifico: nes-
 te á-de aver cazas para os amos, para os criados, e também estrevarias
 para os cavalos. Estas não são de ser, como as anticameras, nem ornadas
 como os gabinetes: mas são de ter certa magnificencia rustica, e propor-
 ção ao todo: são de ser todas as partes no-seu genero, belas, grandes,
 magestozas. Um palacio que tem um portão pequenino, parece coisa Mou-
 risca, e não de Architetto inteligente. tudo á-de ser grande, mas no mes-
 mo tempo proporcionado. Damesma sorte em um discurso, nem todos os
 pensamentos podem ser exquisitos, ou alocuções sublimes: á-de aver
 pensamentos bons, exquisitos, e mediocres: a locução damesma sorte,
 em alguns lugares sublime; v. g. nas perorações, e exaltações &c. em
 outras mediocre; v. g. nos-exordios, nas confirmações de provas &c. e em
 outras simplez e natural, como nas narrações, e outros lugares. Mas to-
 das estas coisas são de ter proporção entre si: devem ser ornadas e vestidas
 daquella tal grandeza, que mostre serem partes, de uma coisa grande.
 Assim se-compoem, um discurso perfeito.

Esta magnificencia de expressões grandiozas, e armoniozas, con-
 vem ao estilo sublime, com a distribuição dita, de aplicar as melhores,
 ás coisas que merecem maior atenção. Também no-estilo sublime devem
 entrar, reflexões judiciozas, e varias sentenças, que excitam a atenção.
 Nele tem seu proprio lugar, as Figuras grandes: Sendo certo, que um ar-
 gumento nobre, não se-pode tratar, sem alguma particular comosão: de
 que nasce aquelle modo de exprimir-se, em que consistem as Figuras. De-
 vem porém praticar-se, segundo as observações acima feitas.

Esta porém é a maior difficuldade, do-estilo Sublime: e são pou-
 cos os homens, que sabem abraçar, uma distribuição moderada de orna-
 mentos, no-discurso. A maior parte dos-que escrevem, são como aque-
 las pessoas, que não tem educação de Corte. Estas, para se-mostrarem bem
 informadas, e de boa educação; carregam tanto os vestidos de ouro, e a ca-
 beça de jóias; que em lugar de parecer bem, ofendem a vista. O pior é,
 que no-defeito que repreendemos, caem também os que são da-Corte,
 como os que são de fóra, e é mais difficultoso emendar-se. Um homem que
 tem má educação no-vestir, tem tantos censores á vista, que á força de cri-
 tica, e de observação, consegue a emenda. Não assim o que escreve: são
 poucos os que censuram, porque são pouquíssimos os que sabem, como
 se-deve censurar. Além disso, não á algum, que prezuma tam mal do-seu
 jui-

juizo, que leia por-livros, que lhe mostrem, as suas imperfeicoens. Busca samente aqueles, que mais lhe-agradam, e sam mais uzuais: e em vez de s'emendar, confirma-se na sua má eleisam. V. P. nam achará um Pregador, que estude por-Cicero, Demostenes, M. Seneca, Quintiliano: ou leia alguns, dos-que compuzeram boas reflexoens, sobre as ditas obras: achará porem muitos, que estudam por-sermonarios, e muito maos: e estes nam podem escrever melhor, doque lem nos-tais autores.

Outros escritores, querendo-se distinguir do-Comum, nam gostam senam, de exprecoens grandes, e de tal iorte se-deixam guiar, por-este furor; que nam produzem palavra, que nam seja de pé e meio; e que nam acabe d'estoiro, como uma bomba. As palavras e fraze natural, o modo de s'expremir uzual, aindaque seja o mais proprio da-materia, nada vale. desprezam tudo, o que nam é estronozo. Nenhum destes dirá: *Petrus amavit Joannem*: nam senhor: mas querem perifraxe: *Accidit ut Petrus amore prosequeretur Joannem*; ou alguma fraze mais comprida. Estes omens vem todas as coizas, por-microscopio: tudo lhe-parece gigantesco: ou para melhor dizer, tudo transformam. A sua cabeça é como a de D. Quixote: a quem moinhos pareciam palacios; e nam avia coiza para ele, que nam foie megestoza. Daqui nasce, que tudo exprimem pola mesma maneira. o discurio começa por-Figura, e acaba em Figura. Este é o vicio comum destes paizes: mas muito principalmente dos-Poetas, e Oradores.

Estes omens confundem o Eloquentes, com o Arrogante; a Exagerasam com a Inverosimilidade: sem advertirem, que sam coizas bem diferentes. Ora este é o verdadeiro carater da-ignorancia: tanto mais dificultozo de s'evitar, quanto é certo, que muitos omens grandes em outro genero, tem caido neste defeito. Este é o ponto que se-deve advertir, com mais circunspesam: este o defeito que se-deve fugir, com mais cautela. O que se-confegue primeiro, com alguma reflexam judicioza: segundo com a lisam de bons autores, que falem como devem, e proporcionem o estile, ao assunto. Nam a coiza mais ridicula, doque uma grande afetasam de palavras sonoras, em coizas onde nam devem intrar (1). Em lugar de engrandecerem quem fala, mostram a pobreza do-seu intendimento: que nam tendo cabedal, de dar palavras para tudo, pede-as emprestads, ou furta sem advertencia, as que encontra.

Verá tambem V. P. que muitos, querendo falar elegante, acabam tudo em tom de verso: *Porque nam chego a amar, nam posso padecer*; e com este *ar, e er; ir, e or*; e confonancias semelhantes, vam enchendo o discurio, que deveriam cuidar de ornar, com bons pensamentos e con-

(1) *Quam enim indecorum est de filiis: de maiestate populi Romani summissis, & subtiliter? Cicero. Orat. num. ampliss. mis verbis, & locis uti commu-* 21.

ceitos. Isto é mais vulgar, do-que V. P. imagina : e acha-se muita gente de bigode, que chama a isto elegancia. Eu sei que o numero oratorio, ou armonia dos-periodos, de que Cicero fala em varios lugares, é uma grande beleza, em todo o discurso, principalmente oratorio (1): mas sei, que é muito diferente, do-que condeno. Nam á regra exata, para o numero oratorio: a orelha é a que ensina, quando o periodo é armoniozo (2). Mas é necessario que tenha mui más orelhas, que nam distingue, que as consonancias que apontamos, em lugar de agradarem, ofendem, e sam uma afetasam. Em Portugal sam rarissimos, os que observam o numero, ainda nos-discursos estudados. Ou afetam verso, e isto é vicio (3): ou declinam para outro extremo, que é a languidez, e tambem isto é vicio insupportavel. A mediania é que se-busca; e quem bem entende o que é numero, nas cartas, e no-discurso familiar, sem advertir o-pratica. Para isto quer-se boa orelha, acostumada a ouvir ler, e pronunciar bem. Pecam alem disto, em fazer periodos tam compridos, que nam se podem ler de um jato: o que tambem é falta de numero. A lisam dos-bons livros remedeia isto, e introduz um omem, na verdadeira estrada da-Eloquencia. Mas é necessario, lelos sem prejuizos, e com animo de aprender. O estilo Sublime tem seu proprio lugar, nas orasoens, e sermoens: na Poezia Eroica, e Tragica: e pode às vezes ter lugar, na Istoria, quando s'introduzem a falar, algumas pessoas. As orasoens de Cicero, os poemas Epicos de Omero, e Virgilio, sam de estilo sublime.

S I M P L E Z.

Ao estilo Sublime contrapomos, o estilo *Simplex* ou umilde. Assim como as coizas grandes, devem explicar-se magnificamente, assim o que é umilde, deve-se dizer com estilo mui simplez, e modo d'expremir mui natural. As expresoens do-estilo simplez sam tiradas, dos-modos mais comus de falar a lingua: e isto nam se-pode fazer, sem perfeito conhecimento, da-dita lingua. Esta é, segundo os mestres d'arte, a grande dificuldade, do-estilo simplez. Facil coiza é a um omem, de alguma literatura; ornar

(1) *Omniño duo sunt quæ condiant orationem: verborum, numerorumque jucunditas. In verbis inest quasi materia quadam: in numero autem expolitio.* Cicer. Orat. num. 55.

(2) *Sed quia rerum verborumque iudicium prudentiæ est: vocum autem, & numerorum aures sunt iudices: & quod illa ad intelligentiam referuntur, hæc ad voluptatem: in illis ratio invenit, in his sensus artem.* = Ibidem num. 49.

(3) *Nam circuitus ille quem sæpe jam diximus, incitator numero ipso fertur & labitur, quoad perveniat ad finem, & insistat. Perspicuum est igitur, numeris adstrictam orationem esse debere, carere versibus Inculcamus autem per imprudentiam sæpe etiam minus usitatos, sed tamen versus: vitiosum genus, & longa animi provisione fugiendum.* Ibid. num. 56.

o discurso com figuras : antes todos propendermos para isto : nam só porque o discurso s'encurta ; mas porque talvez nos-explicamos melhor , com uma figura , doque com muitas palavras. Polo contrario , para nos-explicarmos naturalmente e sem figura , é necessario buscar o termo proprio , que exprima o que se-quer : o qual nem sempre se-acha , ou ao menos , nam sem dificuldade : e sempre se-quer perfeita intelligencia da-lingua , para o-executar. Alem disto , as Figuras encantam o leitor , e impedem-lhe penetrar e descobrir os vicios , que se-cobrem , com tam ricos vestidos. Nam assim no-estilo simplez , o qual , como nam faz pompa de ornamentos , deixa considerar miudamente , todos os pensamentos do-escriptor. Por isto se-diz , que o estilo simplez é , o *lapis Lydius* do-Juizo.

Isto que digo , das-expressões comuas e naturais , deve-se intender com proporção. Nam quero dizer , que um omem civil fale , como a plebe ; mas que fale naturalmente. A materia do-estilo umilde , nam pede elevação de figuras &c. mas nem por-isto se-deve expremir , com aquelas toscas palavras , de que uza o povo ignorante. Nam é o mesmo estilo baixo , que estilo simplez. o estilo baixo , sam modos de falar dos-ignorantes e pouco cultos : o estilo simplez , é modo de falar natural e sem ornamentos ; mas com palavras proprias , e puras. Pode um pensamento , ter estilo sublime , e nam ser pensamento sublime : e pode achar-se um pensamento sublime , com estilo simplez. Explico-me. Para ser sublime o estilo , basta que eu vista um pensamento , e o-orne com figuras proprias , aindaque o pensamento nada tenha , de sublime. polo contrario , chamamos simplezmente sublime , (com os Retoricos) àquela beleza e galantaria de um pensamento , que agrada e eleva o leitor , aindaque seja proferida , com as mais simplezes palavras. Desorteque o *sublime* pode-se achar , em um só pensamento , ou figura &c. Importa muito intender , e distinguir isto , para nam ser enfadonho nas conversações , e nas obras que pedem estilo umilde. V. P. tem um bom exemplo de estilo simplez , nas Cartas familiares de Cicero , principalmente nas que escreve aos de sua caza : nas Eglogas &c. de Virgilio : nas Fabulas de Fedro : Cartas de Plinio a algumas pessoas : e outras obras da Antiguidade. Em portuguez as Cartas do P. Vieira , tirando algumas que degeneram em sermão &c. podem-se ler , para o estilo simplez. E estas sam as melhores obras , do-dito Religiozo.

M E D I O C R E.

Do-que a V. P. tenho dito fica claro , qual é o estilo *Mediocre* : aquele digo , que participa de um e outro estilo. Tambem este estilo nam é pouco difficultozo : porque é necessario , conservar uma mediania , que nam degenera em viciosos extremos : e sam poucos aqueles , que conhecem as coizas , na sua justa proporção , e formam aquela ideia , que merecem. Já disse , que a materia é a que determina , qual á-de ser o estilo : e assim uma ma-

teria mediocre, pede um estilo proporcionado. A maior parte das-coizas de que falamos, são mediocres: e daqui vem, que neste estilo de falar, deve-se empregar um homem, que quer falar bem; e conseguir fama, de homem eloquente. Um homem de juizo, que conhece as coizas como são, forma delas ideias justas, e verdadeiras; e as explica com as palavras, que são mais proprias. D'onde vem, que o estilo mediocre compete propriamente, às Ciências todas, a História, e outras coizas d'este genero: nas-quais se-representam coizas não vis, mas mediocres; porém representam-se, da mesma forte que são, e com palavras proprias. Também as cartas de negocios graves, ou eruditas, e aquellas de cerimonia a pessoas grandes &c. costumam ser neste estilo. É porém de advertir, que o estilo mediocre, admite todos os ornamentos d'arte: beleza de figuras, metáforas, pensamentos finos, belas descrições, harmonia do numero, e da cadencia: Contudo não tem a vivacidade, e grandeza do sublime. Participa de um e outro, sem se-asemelhar a nenhum. tem mais força e abundancia que o simplez; menos elevação que o sublime: e prosegue com passo igual, e muito brandamente. Alegam-se por bons exemplos neste genero, as Georgicas de Virgilio: a maior parte das cartas de Cicero a Pomponio Atico: &c. os Comentarios de Cezar &c. ainda que estes, por não terem ornamentos, quasi pertencem ao simplez: as vidas de Cornelio Nepote. &c.

Quem bem entende isto, fica perfeitamente instruido do modo, com que deve aplicar-se, a diferentes materias. O estilo da História pede clareza, e brevidade. aquella, para explicar todos os accidentes da materia: esta, para que, sem longas frases, que suspendem a atenção, descreva as coizas que deve, com um fio de discurso continuado, e sem ser interrompido com aqueles movimentos, que constituem o Orador (1). Porque neste caso não pode conservar, uma certa inalterabilidade, e quietação de animo, que é tão necessaria, para não inclinar mais para uma parte, que para outra; e dizer as coizas com verdade, e sem exageração. Pode porém o Historico, mostrar a sua eloquencia, ao referir as arengas, que se introduzem na História; ao pintar as paixões &c. mas tudo isto com a advertencia, e sem perder de vista a verdade. É pois a História aquella materia na qual, depois da Oratoria, mais se mostra, a eloquencia vigorosa.

Em segundo lugar fica claro, qual deve ser o estilo *Dogmatico*, ou *Didascalico*, a que por outro nome chamamos, estilo *Cientifico*. Aqui não se trata de persuadir, homens apaixonados, excitando as armas, com que a alma se move para esta, ou aquella parte. O primeiro *postulado* que se põe no principio dos Tratados modernos é que o leitor se-dispa, de todo o genero

(1) *In historia & narratur ornate, & regio saepe aut pugna describitur: interponuntur etiam conciones & hortationes. sed in his trata quadam & fluens expetitur, non hac contorta & acris oratio.* Cicer. Orator. num. 20.

nero de prejuizos, e paixoens: e que examine as razoens, como merecem. Onde supondo-se um leitor docil, nam é necesario, seguir o estilo veemente (1). Mas nisto á mais, e menos, segundo as Ciencias. A Geometria, que explica verdades claras, e que nam interesam ninguem, deve-se tratar placidissimamente, com aquelas palavras, que sam precisamente necessarias, para a explicafam dos-termos &c. A Logica, Fizica, Metafizica pedem ja um estilo mais ornado: ja se-disputa com omens, que tem suas prevenfoens: as verdades nam sam tam claras: é permitido servir-se de um estilo mais nervozo. Principalmente na era presente, em que a Filozofia, despida daquela antiga e ridicula severidade, trata-se oje em todas as linguas, e com vocabulos proprios, e se-familiariza com todos. Onde pode tratar-se em estilo familiar, por-carta, em dialogo, ou de outra maneira; em que pode ter lugar, um genero de eloquencia mais ornada. A Teologia pode ser tratada, com estilo mais elevado. Somos interelados em defender, a verdade da-religiam, contra os Ateos, e Infeis, e Erejes. Este interesse nam pode menos, que acender em nós, alguma paixam bem devida. Onde nam é maravilha, se algumas vezes nos-transportamos, falando de Teologia, e seguimos um estilo mais elevado e veril. Nam digo, que tudo se aja de tratar, em estilo oratorio, ou que se-devem defender as questuens, com ironias &c. e nam com razoens solidas: seria isto um erro consideravel, e mui condenavel: digo somente, que já é permitido, servir-se de alguma figura, e uzar de estilo mais elegante. Os antigos Padres uzaram deste estilo, quem mais, e quem menos. E oje todos os omens de melhor doutrina, nam desprezando a fórma da-Escola, uzam porem dcla com tanta moderafam, que comumente expoem as suas sentensas, sem aquele estilo das-escolas, que até aqui reinava. O que faz que seja mais bela a Teologia: mais concludente o discurso: e poem à vista, e na sua luz todas as razoens: porque só assim as intendem todos, e se-evitam palavras, que nada significam nas escolas. Quanto às outras Ciencias profanas, pola maior parte tratam-se mais placidamente, segundo a necessidade da-materia.

Em terceiro lugar fica claro, qual é o estilo dos-Poetas. Querem os Poetas, (diz um Retorico) agradar, e elevar o animo dos-ouvintes, com coizas extraordinarias e maravilhozas: e nam podendo chegar ao fim que se-propoem, senam sustentando a sublimidade das-coizas que dizem, com o sublime das-palavras que uzam; daqui vem, que nam se-fugeitam às leis do-uzo comum; mas formam, para se-explicar, um idioma novo. Tudo neles é grande e extraordinario; imaginafam, conceito, e palavras.

S ii

Da-

(1) *Mollis est enim oratio Philosophorum & umbratilis, nec sententius, nec verbis instructa popularibus, nec junctam numeris, sed soluta liberius. Ni-*

hil iratum habet, nihil insidum, nihil atrax, nihil mirabile, nihil astutum. Casta, verecunda, virgo incorrupta quodammodo. Cicer. Orator. in. 10.

Daqui nasce, que as figuras devem ter, as suas mimosas. Além disso, como as verdades abstratas nam agradam, porem sim as coizas, que entram polos sentidos; fica claro, que querendo o Poeta agradar, deve procurar metáforas, com que reprezente as coizas sensiveis, e quazi palpaveis: porque assim é que imprimem, uma particular comoiam. Este é o principio, que obrigou os antigos Poetas, a romperem com certas ideias, que nos parecem chimeras. Cada Virtude, e cada Paixam na Poezia, é uma Deuza: porque a descripçam destas Deuzas tam medonhas, ou tam engraiadas, faz outra impresam no-animo, doque a simplez palavra de Virtude, ou Vicio.

Est Deus in nobis, agitante calefcimus illo.

Quando uma vez s'esqueita, a imaginagam do-Poeta, nam fala como os demais omens: e assim nam é maravilha, que encha o discurso de Figuras, e ingenhe tantas fabulas e fingimentos. Isto é tam proprio dos-Poetas, que até os sagrados Poetas, para se-explicarem, servem-se de todo o genero de metáforas. Isto porem deve intender-se dos-poemas, que tem por-objeto, materia grande: os divertimentos dos-pastores, que compoem as Eglogas; as istórias que dam materia às Comedias; e mil outras poezias, que se-podem considerar com menos paixam, devem ser tratadas, por-outro estilo. A regra geral, que ao principio demos, é infalivel, e consiste nisto: A qualidade da-materia deve determinar o estilo, aindaque possa ser mais ou menos ornado: o que s'intenda tanto da-Proza, como do-Verbo. Isto quanto ao estilo. quanto pois às regras do-Poema, nam é aqui o proprio lugar, de as-explicar: porque eu nam faço tratado, mas reflexões.

Dirmeám alguns, que estas advertencias conduzem, para fazer uma obra solida, mas nam para a-fazer bela, e ornada: que é o principal emprego da-Retorica. E com efeito esta é a costumada cantilena, destes vulgares Oradores, que ignoram as belezas da-arte. Em algumas partes, temos notado este defeito: e aqui, para o-confutar melhor, faremos outra advertencia. Digo pois, que este ingano comum, fica suficientemente afirmado: sendo certo, que nam se-requerem outras regras, para falar com elegancia, e ornato, doque as que acima demos, para falar com propriedade. A mesmissima coiza se-pode exprimir, com diversos nomes, segundo o modo com que se-considera. A maior beleza e ornamento de uma composiçam, aquilo que eleva um leitor racional e judiciozo, (que sam os que podem fazer lei) é a exatam, e propriedade com que se-acha disposta, e executada uma obra. Quem nam intende este ponto, é noviffo na Retorica. Mas, declarando isto melhor aos principiantes:

Tem a Retorica ornamentos naturais, e artificiais: aqueles entram necessariamente em qualquer obra: estes com parcimonia. O primeiro ornamento é a verdade, ou semelhansa das-palavras com as ideias, e objeto delas.